

CARINE DE SOUZA LEAL

**IMPrensa INTEGRALISTA (1932-1937):
propaganda ideológica e imprensa partidária de um
movimento fascista no Brasil dos anos 30**



Porto Alegre, 2006

CARINE DE SOUZA LEAL

**IMPrensa INTEGRALISTA (1932-1937):
propaganda ideológica e imprensa partidária de um
movimento fascista no Brasil dos anos 30**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Helgio Henrique Casses Trindade.

Porto Alegre, 2006

AGRADECIMENTOS

Ao professor Helgio Trindade, pela bolsa, pela sugestão do tema, pela orientação, pelo acesso a arquivos e, sobretudo, pela confiança, amizade e paciência.

Ao historiador Rodrigo dos Santos Oliveira, pela solidariedade em compartilhar cópias digitalizadas dos jornais integralistas, material de sua futura tese de doutorado.

Aos queridos amigos Carolina Freitas, Dulphe Pinheiro Machado, Fernanda Rolim, Lorena Madruga, Magda Pinto, Maria Karina Ferraretto, Nanda Duarte, Paula Quintas e Raquel Casiraghi pelo apoio técnico e emocional.

A minha família, especialmente à minha mãe Rosane e ao meu padrasto Batista, pelo apoio, torcida e constante incentivo; e ao meu pai Cilon, por acreditar que tudo dará certo.

A Lena, Luis e Wilmarzinho por adotarem a “norinha” como parte da família.

Ao Pedro, por tudo, por me fazer feliz.

LEAL, Carine S.. **Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Porto Alegre, 2006.** Monografia (Trabalho de Conclusão em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O trabalho trata da estrutura de imprensa criada pela Ação Integralista Brasileira (AIB) no Brasil, nos anos 30. Essa estrutura incluía revistas e mais de uma centena de jornais distribuídos por todo o país e visava à propaganda da doutrina integralista. Apresenta sumariamente o Integralismo e sua ideologia. Faz um levantamento sobre as noções de propaganda ideológica e de jornalismo político-partidário. Analisa e interpreta textos e documentos da época, nos quais os integralistas refletem sobre o papel da imprensa tanto para o partido para a sociedade. Por fim, analisa parte do conteúdo veiculado pelo principal jornal de âmbito nacional e por três jornais locais produzidos em Porto Alegre/RS, identificando os principais temas abordados e a evolução destes. Na conclusão, busca sintetizar a noção de propaganda ideológica e de jornalismo partidário, com as funções atribuídas para a imprensa pelos integralistas nos seus artigos e documentos e na prática das páginas de jornal.

PALAVRAS-CHAVE:

Integralismo. Imprensa Integralista.
Propaganda Ideológica. Jornalismo Partidário.

LISTA DE SIGLAS

- ABC – Associação Brasileira de Cultura
- ABI – Associação Brasileira de Imprensa
- AIB – Ação Integralista Brasileira
- ANL – Aliança Nacional Libertadora
- CD-AIB/PRP – Centro de Documentação da Ação Integralista Brasileira e Partido de Representação Popular
- CNI – Conselho Nacional de Imprensa
- CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
- DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DEOPS - Departamento de Ordem Política e Social
- DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social
- LSN – Lei de Segurança Nacional
- NUPERGS – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Riograndense
- PCB – Partido Comunista Brasileiro
- POSDR - Partido Operário Social-Democrático Russo
- PRL - Partido Republicano Liberal
- PRP – Partido de Representação Popular
- PRR - Partido Republicano Riograndese
- SEP – Sociedade de Estudos Políticos
- SNI – Secretaria Nacional de Imprensa (Integralista)

QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Teses do Congresso Nacional de Imprensa Integralista / 57

Tabela 1 – Corpus de análise / 69

Tabela 2 – Corpus específico de análise / 75

Tabela 3 – Variação temática nos jornais de Porto Alegre / 78

Tabela 4 – Variação temática em *A Offensiva* / 78

ANEXOS

ANEXO 1 - Relação de Jornais e Revistas Integralistas

ANEXO 2 - Código de Ética do Jornalista

ANEXO 3 – A Offensiva (Rio de Janeiro)

ANEXO 4 – A Offensiva (Rio de Janeiro)

ANEXO 5 – A Offensiva (Rio de Janeiro)

ANEXO 6 – O Integralista (Porto Alegre)

ANEXO 7 – O Integralista (Porto Alegre)

ANEXO 8 – A Lucta (Porto Alegre)

ANEXO 9 – A Lucta (Porto Alegre)

ANEXO 10 – Revolução (Porto Alegre)

ANEXO 11 – Revolução (Porto Alegre)

ANEXO 12 – Revistas Integralistas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO / 8

1. INTEGRALISMO, PROPAGANDA E IMPRENSA PARTIDÁRIA / 12

1.1 Integralismo / 12

1.1.1 Antecedentes da Ação Integralista Brasileira

1.1.2 Ideologia integralista

1.2 A Propaganda político-ideológica / 20

1.2.1 Ideologia e propaganda ideológica

1.2.2 Técnicas da propaganda ideológica

1.3 A Imprensa Partidária / 27

1.3.1 O jornalismo político-partidário como fase da história da imprensa

1.3.2 A função do jornal no partido

2. A ESTRUTURA DA IMPRENSA INTEGRALISTA / 41

2.1 Plínio Salgado como jornalista político antes da AIB / 42

2.2 A implantação e difusão da imprensa integralista / 45

2.3 A organização e profissionalização da classe jornalística / 51

2.4 O complexo editorial integralista: jornais e revistas / 61

3. OS TEMAS DA IMPRENSA INTEGRALISTA / 65

3.1 Considerações metodológicas prévias e campo analítico / 68

3.1.1 O Integralista

3.1.2 A Lucta

3.1.3 Revolução

3.1.4 A Offensiva

3.2 Os temas e funções das *frases destaque* / 77

3.2.1 Temas doutrinários

3.2.2 Temas organizativos

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS / 96

REFERÊNCIAS / 99

ANEXOS / 104

INTRODUÇÃO

A década de 1930 é marcada historicamente pela radicalização na Europa entre comunismo e fascismo, frente à crise da democracia liberal. É também o período em que os confrontos político-ideológicos passam a se dar especialmente por meio de aparatos propagandísticos de massa e conflitos de rua. No Brasil, o processo de radicalização começa a se manifestar a partir da Revolução de 1930. Nesse contexto foi fundada no Brasil a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político nacional de caráter fascista.

A AIB teve vida curta, mas de grande intensidade político-ideológica num país submetido ao enquadramento político das oligarquias republicanas regionais. Fundada em 1932, foi extinta junto aos demais partidos políticos em 1937 em função do golpe com o qual Getúlio Vargas instituiu a ditadura do Estado Novo (1937-1945). No pouco tempo de atuação, empenhou-se fortemente em sua propaganda e na construção de uma grande estrutura política, nos níveis nacional, regional e local, para a qual foi estratégica a criação de uma complexa base de imprensa partidária, que chegou a contar mais de uma centena de jornais além de revistas ilustradas e uma de alta cultura. Não conquistou o poder, mas é considerado o primeiro movimento de massa do Brasil, tendo reunido cerca de um milhão de pessoas entre militantes, aderentes e simpatizantes.

Sua importância como tema acadêmico começou a ser reconhecida no Brasil a partir da década de 1970, com o livro fundador desses estudos¹. De lá para cá, tem merecido estudos de diferentes áreas do conhecimento como Ciência Política, História, Filosofia e Educação. Apesar da ampla estrutura que a AIB elaborou para sua propaganda e imprensa, não encontramos nenhum trabalho da área de Comunicação

¹ Trata-se da tese de doutorado de Helgio Trindade, defendida em Paris em 1971, com o título *Action Integraliste Bresilienne: un mouvement de type fasciste aux annees 30*, Paris, Université de Paris 1, 1971.

sobre o tema. Os poucos trabalhos a tratar essa variável vêm de outros campos. O historiador João Bertonha trabalhou em artigo² sobre o que ele chamou de “máquina simbólica do integralismo”, identificando no uso de símbolos gráficos, saudações, uniformes e grandes marchas, forte semelhança com os fascismos europeus. Os jornais e revistas integralistas, apesar de contarem enquanto fonte na maioria dos trabalhos sobre Integralismo, só recentemente começaram a receber os primeiros estudos sistemáticos.

As primeiras pistas acerca da estrutura de imprensa integralista foram dadas por Rosa Maria Feiteiro Cavallari³ num capítulo da tese de doutoramento em Educação dedicado ao *impresso integralista – o jornal e o livro*. O historiador Rodrigo Santos de Oliveira⁴, também lhe dedica um capítulo na sua dissertação de mestrado sobre o anticomunismo na AIB, e agora desenvolve sua tese de doutorado com previsão de defesa em 2008, na qual depositamos grande expectativa, sobre *Imprensa Integralista, Imprensa Militante*. Além desses autores, outros trabalharam em artigos sobre publicações específicas, como Ivone Cassol, no balanço que faz sobre a imprensa integralista no Rio Grande do Sul; os cientistas sociais Jefferson Barbosa e Renato Dotta, que trabalharam sobre o jornal *Acção*; e o historiador Rogério Souza Silva que analisou os discursos e imagens propagados pela revista *Anauê!*⁵.

A partir dessa bibliografia e da análise de fontes primárias tais como documentos da própria AIB e, principalmente, dos seus jornais, propõe-se neste trabalho, a analisar e sintetizar alguns aspectos da imprensa integralista. Espera-se com isso contribuir para o estudo deste campo que começa a ser explorado, acrescentando ao debate o olhar da Comunicação.

Este trabalho foi realizado com o apoio da bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) e do projeto de pesquisa de meu orientador, apoiado pela CAPES, que possibilitou o acesso a importantes arquivos sobre a história da AIB, especialmente o

² BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30. *História & Perspectivas*, Uberlândia (7):87-110, Jul./Dez. 1992

³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo, ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999

⁴ OLIVEIRA, Rodrigo Santos - “Perante o Tribunal da História”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação mestrado)

⁵ BARBOSA, Jefferson. *A imprensa integralista e sua propaganda política no jornal disponível em Acção*. DOTT, Renato Alencar. *A imprensa integralista de São Paulo e os trabalhadores urbanos (1932-1938)* in SILVA, Giselda. *Estudos do Integralismo no Brasil* (no prelo). SILVA, Rogério Souza. *A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê!* Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.25, nº50, p.61-95 – 2005. CASSOL, Ivone. *O Integralismo e a imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937)* in TRINDADE, Helgio (org.). *Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS*. Porto Alegre: L&PM, 1980, pp.429-436.

Arquivo Municipal de Rio Claro / SP, onde se encontra o fundo Plínio Salgado, com documentos, publicações e material iconográfico doados por Carmela Salgado, viúva do chefe integralista; e o Arquivo do Estado de São Paulo, onde se encontram os dossiês e jornais recolhidos pelo DEOPS no período. Em Porto Alegre, três acervos também foram fundamentais: o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio-grandense (NUPERGS), onde foi feito o primeiro contato com jornais e revistas integralistas; acervo de livros e entrevistas do Prof. Helgio Trindade, realizadas com antigos militantes integralistas; o Acervo Benno Mentz, que preserva diversos jornais integralistas do antigo chefe provincial Dario de Bittencourt; e o Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP (CD-AIB/PRP), que disponibiliza para pesquisa farta documentação e bibliografia.

O trabalho foi desenvolvido em três partes principais: a primeira pretende ser uma contextualização, essencialmente bibliográfica, sobre integralismo, propaganda ideológica e jornal partidário. A segunda parte apóia-se também na bibliografia existente, mas, sobretudo, na análise de documentos e artigos integralistas referentes à imprensa, do qual se procura reconstituir historicamente como se estruturou a imprensa integralista e a importância que ela tinha para o movimento. Num terceiro momento, busca-se fazer a análise da temática político-ideológica dos jornais selecionados: o jornal de referência nacional *A Offensiva* – e três locais, de Porto Alegre – *O Integralista*, *A Lucta e Revolução*. Com isso, cobre-se o período de 1934 a 1937 tentando responder sobre a função desses jornais ao longo da história e das transformações da Ação Integralista Brasileira.

A primeira parte não pretende ser exaustiva da ampla bibliografia dos trabalhos já produzidos sobre a AIB, nem discutir os diferentes enfoques utilizados pelos sucessivos autores. Limita-se a fazer uma breve apresentação do Integralismo e a sua inserção na história brasileira. Busca-se contextualizar o surgimento, na década de 1930, de um movimento de massa de tendência fascista e totalitária e arrolar os elementos que lhe davam essa conotação. Ainda nessa primeira parte de contexto, tem-se a intenção de desenvolver um esboço histórico-teórico sobre a propaganda ideológica e sobre o jornalismo partidário enquanto veículo dessa. As duas noções provêm fortemente, ao menos na sua versão moderna, do início do século 20, das técnicas empreendidas pelo bolchevismo e agudizadas pelo fascismo e nazismo. A propaganda ideológica se fez e ainda se faz por diversas técnicas e veículos. A imprensa é apenas mais um de seus

veículos, tendo como função primordial a divulgação da doutrina, porém desempenhando ainda importante papel na organização do próprio partido.

A segunda parte do trabalho aborda a importância atribuída à imprensa especificamente pelos integralistas. A partir de documentos e artigos publicados na própria imprensa integralista, busca-se reconstituir a estrutura montada para esse instrumento de propagação doutrinária, a preocupação com a formação dos jornalistas através de uma escola especializada e a função atribuída à imprensa em geral pela concepção integralista de Estado.

A terceira parte do trabalho pretende analisar os principais temas veiculados nas páginas integralistas, e, a partir deles, a função, na prática, do jornal para o partido, considerando também a evolução das temáticas quando das transformações vivenciadas pelo movimento. Para essa parte, adotou-se como metodologia a análise de conteúdo, o que implicou num recorte necessariamente analítico dado o volume e a diversidade dos temas. Os procedimentos estão descritos ao longo do capítulo. Como se poderá perceber, a análise contempla apenas jornais – um nacional e três locais. Foram excluídas da análise mais detalhada outras manifestações importantes da imprensa integralista, como os livros, os panfletos e as revistas, que renderiam, cada uma delas uma nova monografia, e, no seu conjunto, uma tese.

I

INTEGRALISMO, PROPAGANDA E IMPRENSA PARTIDÁRIA

Este trabalho trata da estrutura de imprensa de um movimento político de caráter fascista existente no Brasil na década de 1930. Para a compreensão desse estudo, é necessário que façamos uma primeira incursão histórico-teórica sobre o que foi o Integralismo – o contexto em que se inseriu e os principais pontos de sua ideologia; para depois adentrarmos na temática da propaganda ideológica, passando pelo seu conceito, leis e técnicas conforme as principais “escolas” que foram o bolchevismo e o nazi-fascismo; e, finalmente, trabalharmos a questão da imprensa partidária enquanto uma fase da história da imprensa e também a função dela na propaganda do partido.

1.1 Integralismo

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político de caráter fascista que atuou no Brasil entre os anos de 1932 e 1937. Liderado pelo jornalista e escritor Plínio Salgado, o movimento chegou a reunir em suas fileiras, entre aderentes, militantes⁶ e simpatizantes, cerca de um milhão de pessoas, o que faz a AIB ser considerada o primeiro movimento de massa no Brasil. A caracterização do integralismo como o “fascismo brasileiro”, sendo inclusive o único na América Latina, é hoje aceita pela grande maioria dos autores nacionais como também por importantes

⁶ A análise da organização dos partidos distingue nos partidos ideológicos os aderentes e os militantes. Os primeiros são membros do partido, mas se restringem a pagar a cotização periódica, enquanto os segundos seriam os aderentes ativos que participam das diferentes atividades do partido. Vide Duverger, Maurice. *Les partis politiques*. Paris: A Colin, 1967

especialistas internacionais que analisam o fascismo em perspectiva comparada⁷. Este trabalho segue essa mesma linha analítica, ao considerar a tipologia do fascismo proposta por Stanley Payne (1982). Reunindo as características comuns aos diferentes movimentos fascistas, o autor chega a três elementos básicos: a) as negações fascistas; b) os pontos comuns em matéria de ideologia e objetivos; e c) as características especiais comuns de estilo e organização.

DESCRIPCION TIPOLOGICA DEL FASCISMO

A. *Las Negaciones Fascistas:*

Antiliberalismo

Anticomunismo

Anticonservadurismo (aunque en el entendimiento de que los grupos fascistas estaban dispuestos a concertar alianzas temporales con grupos de cualquier otro sector, por lo general con la derecha)

B. *Ideología y Objetivos:*

Creación de un nuevo Estado nacionalista autoritario, no basado únicamente en principios ni modelos tradicionales.

Organización de algún tipo nuevo de estructura económica nacional integrada, regulada y pluriclasista, se llamara nacionalcorporativa, nacionalsocialista o nacionalsindicalista.

El objetivo del imperio o de un cambio radical en la relación de la nación con otras potencias.

Defensa específica de un credo idealista y voluntarista, que normalmente implicaba una tentativa de realizar una nueva forma de cultura secular, moderna y autodeterminada.

C. *Estilo y Organización:*

Importancia de la estructura estética de los mítines, los símbolos y la coreografía política, con insistencia en los aspectos románticos y místicos.

Tentativa de movilización de las masas, con militarización de las relaciones y el estilo político y con el objetivo de una milicia de masas del partido.

Evaluación positiva y uso de la violencia, o disposición al uso de ésta.

Extrema insistencia en el principio masculino y la dominación masculina, al mismo tiempo que se defendía la visión orgánica de la sociedad.

Exaltación de la juventud sobre las otras fases de la vida, con hincapié en el conflicto entre generaciones, por lo menos al efectuar la transformación política inicial.

Tendencia específica a un estilo de mando personal, autoritario y carismático, tanto si al principio el mando es en cierta medida electivo como si no lo es. (PAYNE, 1982, p.13)

Como qualquer tipologia, Payne (1982) destaca que essa é também limitada, servindo apenas como mecanismo analítico para uma definição comparada.

No aspira a estabelecer uma categoria rigidamente reificada, sino una definición flexible de espectro amplio que sirva para identificar varios movimientos supuestamente fascistas, y al mismo tiempo para separarlos de otros tipos de movimientos revolucionarios o nacionalistas. Así, cabría entender que cada movimiento poseía además otras creencias, características y objetivos que consideraba muy importantes y que no contradecían las

⁷ Trindade (no prelo) cita os estudos comparativos de LINZ (1976) MILZA (1985); PAYNE (1995); LARSEN (2001); CAMPI (2003)

características comunes, sino que sencillamner se añadían a éstas o iban más allá que ellas (PAYNE, 1982, p.12-13).

Nesse sentido, considerando que as características do movimento integralista são facilmente verificáveis no quadro genérico acima, cabe agora uma breve incursão pela organização e ideologia do movimento integralista propriamente dito. Não para comprovar ou refutar sua semelhança com o fascismo europeu, o que já é tomado como premissa, mas para melhor compreender o conteúdo presente no nosso objeto de estudo, a imprensa integralista. Antes, contudo, é importante ressaltar que apesar da identificação com o movimento europeu, a AIB não é mero mimetismo ideológico. Ao mesmo tempo em que assumidamente sofre a influência externa, será na conjuntura nacional, como destaca Trindade (1979), especialmente a partir das mudanças ocorridas na década de 1920, que encontrará terreno fértil para sua ideologia. Esse capítulo inicial se propõe, portanto, a uma breve contextualização histórica seguida da apresentação sintética dos principais pontos da doutrina integralista.

1.1.1 Antecedentes históricos da Ação Integralista Brasileira

Como já dito, a ideologia integralista não é mera importação⁸. A conjuntura brasileira dos anos 1920-30 forneceu terreno fértil para que ela florescesse por aqui e apresentasse nuances próprias. O fim da Primeira Guerra levava ao deslocamento da economia agro-exportadora para a concentração na economia interna, trazendo consigo a industrialização e conseqüente urbanização e surgimento de uma classe operária, fortalecida também pela vinda de imigrantes europeus. O sistema político começa a ser contestado tanto pelas oligarquias descontentes com a política do “café com leite”, como pelos oficiais contestadores e pelas camadas médias urbanas. Em 1922, eclode o movimento tenentista e funda-se o Partido Comunista Brasileiro.

No plano das idéias, desde 1914 emergiam as teorias dos hoje conhecidos como ensaístas do pensamento autoritário brasileiro, cujos principais expoentes foram Alberto Torres e Oliveira Viana⁹. Nacionalistas e críticos da Primeira República, reivindicavam

⁸ Outros movimentos que se constituíram na expansão do fascismo a partir das matrizes italiana e alemã são considerados movimentos miméticos, uma vez que apesar de terem adotados aspectos ideológicos e organizativos fascistas, não conseguiram penetrar em setores sociais amplos. Para exemplos latino-americanos de nazi-fascismo mimético ver TRINDADE (2004).

⁹ Em 1914, Alberto Torres publica *O problema nacional brasileiro*; em 1915, publica *A organização nacional*. Oliveira Viana, outro expoente do pensamento autoritário brasileiro publica em 1918 *Populações meridionais do Brasil*, dando início a uma série de publicações na década de 1920.

a criação de um pensamento nacional autônomo. Criticavam a existência de um hiato entre o “Brasil real” e o “Brasil legal”, pregando a busca pela “realidade brasileira” e pela “adaptação” das instituições políticas a ela. Essa adaptação se daria a partir de uma organização centrada na figura do Estado Forte, em detrimento de qualquer forma de auto-organização da sociedade. Ao conjunto desse pensamento que influenciaria muito os integralistas Lamounier (1996) chamou de *Ideologia de Estado*.

Neste contexto de ebulição ideológica, destacam-se três pontos fundamentais: o despertar nacionalista, a revolução estética e a renovação espiritual. O primeiro é referente à reconciliação da intelectualidade com a realidade nacional, sendo os principais expoentes Euclides da Cunha, com *Os Sertões* (1902), Monteiro Lobato, e seu Jeca Tatu, e os próprios pensadores autoritários comentados acima. O segundo ponto chama a atenção para a Semana de Arte Moderna de 1922 e para o crescente interesse pela política da parte da vanguarda (seja inclinando-se à direita ou à esquerda, mas ambos pelo nacionalismo contra o cosmopolitismo) em detrimento das preocupações estéticas. Finalmente, a renovação espiritual refere-se ao retorno ao catolicismo - após a forte tendência positivista, naturalista e cética da inteligência do século XIX - por parte de intelectuais, cujo principal marco será a conversão de Jackson de Figueiredo e a criação do Centro D. Vital e da revista *A Ordem* (TRINDADE, 1974, p. 19-34).

Ideologia de Estado, nacionalismo e catolicismo, assim como forte presença da intelectualidade local, num contexto de descontentamento social e político serão ingredientes da doutrina pregada por Plínio Salgado e pelos outros ideólogos da AIB, especialmente Miguel Reale e Gustavo Barroso no Brasil pós-revolução de 30, em relação a qual mantiveram posição ambígua, como em todo o período Vargas. Da mesma forma, é inegável a influência externa tanto pela viagem em 1930 de Plínio Salgado à Itália, de onde ele volta bastante impressionado após uma entrevista com Benito Mussolini, quanto pelos artigos referentes ao fascismo nas inúmeras publicações integralistas.

1.1.2 Ideologia integralista

As influências se manifestam em toda a ideologia, tanto na doutrina em si como nas exterioridades adotadas. Ambas manifestações carregam influências externas, mas são adaptadas ao contexto nacional. A seguir vamos tratar sumariamente os principais

pontos da doutrina do Sigma, que fora condensada no lema *Deus, Pátria e Família*, bem como a utilização de exterioridades como meios de propagação ideológica.

Na doutrina, a principal peculiaridade será o espiritualismo e a presença religiosa, especialmente católica. O lema *Deus, Pátria e Família* denota o espiritualismo e o nacionalismo presentes na doutrina integralista, e, sobretudo, revela a visão do universo, do homem e da sociedade propostas no seu manifesto, segundo o qual o valor do homem deve ser avaliado “por seu trabalho e seu sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade”(SALGADO apud TRINDADE, 1979, p.200). Segundo Trindade (1979), nessa visão, a organização social integralista se estruturaria em três tipos de grupos naturais: o grupo familiar, o grupo profissional (sindicato) e a unidade política local (município), em prol da harmonia entre homem e sociedade e o aperfeiçoamento da Pátria e da humanidade.

O **nacionalismo** pregado pelo Integralismo trazia em primeiro plano um conteúdo mais cultural que político ou econômico, enfrentando o cosmopolitismo e a importação de hábitos, culturas e, principalmente, de instituições liberais estrangeiras. Buscava a construção da nacionalidade brasileira a partir da reverência às três raças fundadoras – o branco, o negro e o índio – e aos heróis nacionais – os bandeirantes, Dom Pedro, Duque de Caxias, Tiradentes, entre outros. No sentido político, pregava a centralização do poder, em oposição à autonomia das províncias e aos partidos políticos regionais, defendendo que a organização do Estado se desse a partir das unidades básicas dos sindicatos de classe (Estado Corporativo) e do município. O nacionalismo assumia um caráter econômico quando combatia o capitalismo internacional, o que para alguns, significava anti-semitismo.

A forte presença do **espiritualismo** aproximava o Integralismo “muito mais dos fascismos conservadores – o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo) – que do espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão” (TRINDADE, 1979, p.209). Apesar de inspirada na doutrina social católica, seus estatutos, definidos em 1934, não ligam a AIB diretamente a essa igreja, apenas ao cristianismo – o que inclui o protestantismo e exclui as religiões não-cristãs. A insistência em afirmar-se espiritualista tem valor propagandístico, uma vez que a doutrina é simplificada pela oposição entre o bem e o mal. O espiritualismo encarnando o primeiro, e o materialismo – desalmado, egoísta e individualista -, o segundo.

Como o mal deve ser combatido, não é difícil descobrir quem serão os inimigos do integralismo. No entanto, como destacou Oliveira,

o termo *materialismo* utilizado pelo integralismo não apresenta uma definição restrita, varia de acordo com o sentido do contexto em que é empregado. Assim, materialismo poderia ser o “império do indivíduo”, o capitalismo, o comunismo, ou o liberalismo, poderia ser a reunião de todas essas concepções. Poderia subordinar um ao outro, colocando o comunismo como um “filho” do liberalismo, ou o capitalismo ao comunismo. (OLIVEIRA,2004, p.75)

A amplitude do termo faz sentido na medida em que dentre as regras da propaganda política está a necessidade de simplificar a doutrina, da busca pelo inimigo único. Segundo Domenach (1963), deve-se “espalhar a convicção de que [os adversários] devem ser todos metidos *no mesmo saco*”. Isso se faz através do “método de contaminação, mediante o qual um partido sugere que as divisões dos adversários não passam de artifícios para enganar o povo, pois, na realidade, se entendem contra ele” (DOMENACH, 1963, p.58).

Sendo assim, encontraremos no “mesmo saco” do materialismo os dois principais inimigos ou, como chamou Payne, negações da AIB: o comunismo e o liberalismo. Além desses, encontraremos a oposição ao capitalismo internacional e às sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria.

Anti-liberalismo - como destacara Calil (2001, p.42), “o integralismo se inseriu em um contexto de descrença no liberalismo, nos partidos políticos e no parlamento e radicalizou-a”. Ideologicamente, o liberalismo era combatido por ser egoísta e individualista “promete a liberdade e só a garante aos mais fortes, aos que possuem bens econômicos suficientes para defender os próprios direitos, pois nada vale a liberdade sem um mínimo de autonomia econômica”. Nessa crítica, entram também ataques à democracia liberal, que torna o Estado fraco, e ao pluralismo, visto que o integralismo “se organiza conforme o princípio do partido único e do sindicato único” (TRINDADE, 1979, p.228-229).

Anti-socialismo e o anti-comunismo – sendo ambos oriundos de uma mesma concepção materialista da história, a principal diferença entre eles, segundo os depoimentos dos integralistas, é apenas de ritmo: o “socialismo seria a marcha lenta para o comunismo”¹⁰. As críticas teóricas ao comunismo aparecem de três formas básicas:

¹⁰ Entrevista de Dario Bittencourt a Helgio Trindade, 1968. NUPERGS/UFRGS.

Na primeira, mais comum entre os teóricos integralistas, socialismo e liberalismo são considerados expressões de uma mesma concepção filosófica: o materialismo. Na segunda, o socialismo e sua estrutura sócio-econômica são considerados concepções ligadas às doutrinas “fragmentárias” do século passado e superadas pela experiência fascista “integral”. A terceira, enfim, pretende, através de um anticomunismo primário, provocar o medo ao comunismo entre os militantes integralistas. (TRINDADE, 1979, p.239)

Será sobretudo pela imprensa que os integralistas atacarão o comunismo, seja pelo temor do crescimento do comunismo no país, seja como estratégia política, pois o anticomunismo era um elemento de mobilização social, principalmente nos setores médios da sociedade da época, onde se encontrava o maior número de militantes do movimento (OLIVEIRA, 2004, p.105).

Anti-capitalismo internacional, judaísmo e maçonaria – Essas três oposições não são consensuais entre os teóricos integralistas. Quanto ao capitalismo, é necessário enfatizar que se trata de oposição apenas quando no caso do capitalismo internacional, pois os princípios básicos do sistema não são postos em questão, no máximo, se propõe uma reforma no sentido de nacionalizar e submete-lo a maior controle do Estado. Na obra de Gustavo Barroso, o capitalismo internacional está necessariamente ligado à “questão judaica”, não por razões raciais ou religiosas, mas políticas. O autor atribui ao judaísmo o surgimento tanto do capitalismo quanto do comunismo como formas de promover a “dominação do mundo”. Plínio Salgado não é tão radical, mas admite uma *coincidência* entre o capitalismo internacional e os israelitas.

(...) Quanto ao capitalismo judeu, na realidade ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência; mais de 60% do agiotismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que eles sejam os responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo (...). A animosidade contra os judeus é, além do mais, anticristã e, como tal, até condenada pelo próprio catolicismo. A guerra que se faz a essa raça na Alemanha foi, nos seus exageros, inspirada pelo paganismo e pelo preconceito de raça. (SALGADO apud TRINDADE, 1979, p.242).

A análise das atitudes ideológicas dos militantes integralistas feita por Trindade (1979) demonstra que, ainda que não de forma tão radical quanto em Barroso, a dimensão anti-semita está quase sempre presente. Desse modo, se poderá percebê-la também nos jornais, variando normalmente de acordo com a posição do editor. Da mesma forma varia a oposição à maçonaria e às sociedades secretas, que são associadas freqüentemente ao judaísmo e ao comunismo.

Esses pontos doutrinários não eram independentes da simbologia utilizada para sua apresentação. O historiador João Bertonha (1992) analisou a *máquina simbólica do integralismo*, constatando a forte ligação, também no nível estético, desta com a dos movimentos fascistas europeus. Esses símbolos, ou exterioridades, como chamavam os próprios integralistas, funcionavam como elemento de propaganda e de unificação do movimento. Destacam-se a utilização de uma insígnia, no caso o *Sigma* (simbolizando a soma, a totalidade, o Integralismo, enfim); de uma saudação própria, o *Anauê!* (palavra tupi que significa “você é meu irmão”, pretendendo representar a união e o retorno às origens); e do uniforme, as camisas verdes. Compunha ainda o arsenal simbólico integralista a realização de grandes marchas e de rituais próprios para as mais diversas atividades da esfera pública e privada - incluindo batizados e casamentos. Segundo Bertonha (1992), *a máquina simbólica do integralismo* se prestava a diversos objetivos como a socialização ideológica e doutrinária dos militantes, o sentimento de participação e de unanimidade e a detonação de emoções. O culto e a obediência irrestrita ao chefe nacional, assim como no fascismo, respondem pela manutenção de valores como a hierarquia, a ordem e a disciplina no movimento.

Todas essas manifestações externas nos remetem ao conceito de propaganda ideológica, que tem seu marco moderno no início do século 20 e consolidação especialmente no período em que se situa este estudo, a década de 1930, de crise do liberalismo e de emergência do conflito político-ideológico entre comunismo e fascismo. São esses dois regimes que proporcionarão ao mundo as lições da propaganda ideológica, das quais o Integralismo se revelará aplicado aluno.

1.2 A Propaganda político-ideológica

O conceito de propaganda remonta ao século 17, quando a Igreja Católica cria a *Sagrada Congregação para a Propagação da Fé*. Encontramo-lo também na Revolução Francesa, em Luis XIV, em Napoleão Bonaparte. Mas não iremos tão longe. A propaganda moderna, ou a “arte da moderna propaganda política”, como chamara Goebbels no Congresso Nacional Socialista de Nuremberg¹¹ surge na Revolução Russa, com Lênin, e na Alemanha nazista de Adolf Hitler e Joseph Goebbels.

São essas as duas principais escolas às quais se referem Jean-Marie Domenach, no seu *A Propaganda Política*, e Serge Tchakhotine, no clássico da área *A mistificação das massas pela propaganda política*. Estes clássicos estudos sobre propaganda política, no entanto, pecam, como aponta Garcia (1982a)¹², por serem excessivamente valorativos, sobreestimando o papel da propaganda nos processos decisórios de uma população. Além disso, no caso de Tchakhotine, com a aplicação da teoria pavloviana dos reflexos condicionados, voltam-se para um viés psicológico, que não é o foco do deste trabalho. Desta forma, interessa extrair desses estudos os mecanismos e técnicas de persuasão utilizados pelo nazismo e o comunismo.

Antes disso, contudo, é interessante trazer à luz algumas questões sobre ideologia e propaganda ideológica levantadas por Jahr Garcia no seu estudo sobre ideologia e propaganda no Estado Novo, e no introdutório *O que é propaganda ideológica*.¹³

1.2.1 Ideologia e propaganda ideológica

O conceito de ideologia é algo bastante polêmico. Na verdade, não existe um único conceito, mas vários. Surgido numa tentativa de formular uma “ciência das idéias” pelo filósofo francês Antoine Destutt de Tracy na década de 1790, a definição do termo fora modificada com o tempo e conforme o autor, fazendo com que hoje tenhamos vários conceitos de ideologia. John B. Thompson (1995) os dividiu em duas grandes categorias: as concepções neutras e as concepções críticas. As *concepções*

¹¹ Em *Triunfo da Vontade*, documentário de Leni Riefensthal, 1936. Joseph Goebbels era ministro da propaganda do III Reich.

¹² GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo. Ideologia e Propaganda Política*. São Paulo: Edições Loyola, 1982

¹³ GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

neutras são aquelas que “não possuem, necessariamente, um sentido negativo, pejorativo, e não implicam, necessariamente, que a ideologia é um fenômeno que deve ser combatido e, se possível eliminado” (THOMPSON, 1995, p.73). O autor classifica assim as concepções de Destutt de Tracy, Lênin, Lukács e Mannheim (na sua formulação geral de concepção total). Já as concepções críticas são aquelas que consideram ideologia algo negativo, seja por considerá-la abstrata ou impraticável, errônea ou ilusória, por expressar interesses dominantes, por sustentar relações de dominação, ou pela combinação desses fatores. Nessa categoria, o autor enquadra Napoleão, as três concepções apresentadas por Marx e a concepção restrita de Mannheim.¹⁴

Vimos que Mannheim aparece nos dois momentos. O que Thompson chamou de “concepção restrita” é referente ao paralelo que Mannheim faz entre utopia e ideologia como idéias discordantes ou incongruentes com a realidade. A concepção neutra aparece no momento em que o autor propõe uma “sociologia do conhecimento”. Nesse contexto, ideologia aparece como “um sistema de pensamentos e idéias que são situados socialmente e partilhados; e a análise ideológica é o estudo das maneiras como esses sistemas de pensamentos e idéias estão influenciados pelas circunstâncias sociais e históricas em que estão situados” (THOMPSON, 1995, p.69).

O modelo neutro parece ter sido o adotado por Nelson Jahr Garcia (1982) no seu estudo sobre ideologia e propaganda no Estado Novo. Para ele, ideologia é “um complexo de idéias, desenvolvido por um grupo, induzido por sua posição social, que orienta sua atividade em direção a manutenção ou mudança de uma situação existente”(GARCIA, 1982a, p.13). Esse complexo de idéias é a síntese de três elementos básicos: *representação*, que corresponde ao modo como tal grupo vê a realidade; *valores*, que são as idealizações, ou como esse grupo acha que a realidade deve ser; e *normas*, que são as diretrizes sobre o que fazer para que a realidade atinja o ideal referido nos valores. Esse conjunto de idéias corresponde à posição e ao espaço que o grupo ocupa em determinada formação social (neste trabalho, o Brasil pós Revolução de 1930) e o interesse dele em ampliá-lo ou mantê-lo. Para alcançar seu objetivo, a ideologia deve ser promovida através da propaganda, que fica assim conceituada: “processo pelo qual um grupo promove a difusão sistemática dos componentes de uma ideologia, através de mensagens adequadas aos interesses e às

¹⁴ Para uma síntese das concepções de cada autor, ver THOMPSON (1995), ob.cit. p.75. Desta página à 93, o autor propõe a sua própria concepção de ideologia, enquadrando-se na concepção crítica.

condições dos receptores, visando obter ou reforçar sua adesão” (GARCIA, 1982a, p.16) ¹⁵.

É consensual que, se tratando da moderna propaganda política, comunismo e nazismo fizeram escola, tendo muitas de suas técnicas reproduzidas até hoje, em regimes democráticos – seja através da estetização da política ou da politização da arte (BENJAMIN in LIMA, 1969). No entanto, é possível encontrar diferenças:

Os métodos de propaganda russa e nazista se equivaliam tecnicamente, mas eram substancialmente diferentes quanto ao apelo: enquanto na Alemanha nazista incitava-se a população através do medo, na Rússia comunista provocava-se o entusiasmo (WEBER, 2000, p.143).

A propaganda bolchevique apresentou-se de duas formas básicas: a partir da *revelação política* (ou denúncia) e da *palavra de ordem*. A primeira, diz respeito à necessidade de, conforme Marx, “tornar a opressão real ainda mais dura, ajuntando-lhe a consciência da opressão e tornar a vergonha ainda mais humilhante, dando-a à publicidade” As revelações então consistem em “destrinçar por entre os sofismas com que as classes dominantes envolvem seus interesses egoístas, a natureza real de seus apetites e o real fundamento de seu poder, e dar às massas uma ‘representação clara’”. A *palavra de ordem* é a manifestação verbal - de forma clara, concisa e eufônica - dos objetivos táticos do movimento, que podem variar de acordo com a fase revolucionária em que se encontra. (DOMENACH, 1963)

(...) quer, em período revolucionário o aniquilamento do adversário e um escopo unitário para as massas – “Todo o Poder aos Sovietes”, “Terra e Paz”, “Pão, Paz e Liberdade”, “Por um Governo de Ampla União Democrática” etc. – quer, em período de “edificação socialista”, um objetivo de planificação: “Cumprir e Superar o Plano em Quatro Anos” etc. (DOMENACH, 1963, p.28).

Para difundir tanto *revelações políticas* quanto *palavras de ordem*, adaptando os argumentos ao meio em que se encontram, os bolcheviques distinguiam, para fins práticos, dois tipos de agentes: os *agitadores* e os *propagandistas*. Os primeiros eram encarregados de suscitar a indignação das massas, inculcando uma ou poucas idéias num grande número de pessoas. Aos segundos cabia explicar e inculcar muitas idéias

¹⁵ Nosso estudo não é sobre a ideologia integralista como um todo, mas apenas sobre uma das formas de propagação desta. Para um estudo completo da ideologia de um partido, é recomendável a “concepção piramidal da ideologia em cujo topo estivesse a expressão mais elaborada da ideologia, segundo as interpretações de um teórico ou de diferentes teóricos, passando por outras camadas, tais como, a ideologia dos dirigentes políticos, a ideologia da imprensa partidária, a ideologia dos militantes de base, e finalmente, a ideologia dos eleitores ou simpatizantes do movimento”. (TRINDADE, 1991, p.317)

em uma só pessoa ou pequeno número de indivíduos, por isso, agiam, sobretudo, pela escrita (DOMENACH, 1963, pp. 29-30).

Para Domenach (1963) “as palavras de ordem leninistas, mesmo ligando-se em definitivo a instintos e a mitos fundamentais, apresentavam base racional”, enquanto a propaganda nazista “invocava o sangue e raça, importando apenas sobreexcitá-las, nelas inculcando profundamente o ódio e o desejo de poder”. Ou seja, variam os apelos, a primeira apelaria à razão enquanto a segunda, aos sentidos.

No entanto, essa divisão em relação aos apelos pode ser encontrada dentro de um mesmo movimento. A propaganda pode então se apresentar de duas formas diversas: por persuasão, a *racio-propaganda* e por sugestão, a *sensio-propaganda*. Essa divisão foi identificada por Tchakhotine (1967) na análise da propaganda nazista. Cada tipo se dirige a um grupo: a primeira aos resistentes (parcela menor da população) e a segunda aos passivos ou hesitantes, mais sujeitos aos apelos emocionais (grande maioria).

A *racio-propaganda* trata da instrução política por meio de “jornais, discursos pelo rádio, brochuras e boletins, enfim a propaganda pessoal, de porta em porta”. A *sensio-propaganda* se dá pelo estímulo das emoções, do medo, impressionando as massas com seus símbolos gráficos, plásticos e sonoros e pelo “emprego de bandeiras, uniformes, grandes manifestações, desfiles estrepitosos” (TCHAKHOTINE, 1967, p.353-354).

A do segundo tipo requeria atenção especial para as cores e luzes – a escolha do vermelho e a preferência por manifestações noturnas. “Qualquer indivíduo de sentimentos delicados e sensibilidade artística logo perceberá que a impressão causada pela representação à tarde não pode ser comparada com a mesma da noite” (HITLER apud DIEHL, 1996). Além disso, a valorização da juventude e da beleza física faziam parte daquilo que Susan Sontag (1996) chamou de estética fascista, que ajudavam a impressionar a população, especialmente a feminina. O fascínio e o medo andavam juntos na medida em que por todos os cantos a presença da suástica ou da águia, lembravam a presença, vigilância e ameaça do governo.

Hannah Arendt (1989) não distingue propaganda nazista, fascista ou comunista, preferindo tratar da *propaganda totalitária*. Para ela, a propaganda é um recurso necessário ao movimento totalitário. Enquanto luta pelo poder, o movimento existe num mundo que ainda não é totalitário, sendo forçado então a recorrer à propaganda para, como qualquer outro partido, “granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um

público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação” (ARENDDT, 1989, p.390). Depois da conquista do poder, viria o que ela chama de doutrinação, essa sim, aliada ao terror.

A relação entre a propaganda e a doutrinação depende do tamanho do movimento e da pressão externa. Quanto menor for o movimento, mais energia despenderá em sua propaganda. (...)Por outro lado, a doutrinação, inevitavelmente aliada ao terror, cresce na razão direta da força dos movimentos ou do isolamento dos governantes totalitários que os protege da interferência externa (ARENDDT, 1989, p.392-393).

Sobre a propaganda, Arendt (1989) comenta algumas características como “o hábito de anunciar suas intenções políticas sob a forma de profecias”, que estariam ligadas à infalibilidade do líder, visto que “do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar a discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente e afirmar que só o futuro lhe revelará os méritos”; o caráter anti-utilitário das promessas; o uso de certo cientificismo nas afirmações, e a escolha por temas misteriosos como uma suposta conspiração judaica internacional.

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade de sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte (ARENDDT, 1989, pp.400-401).

1.2.2 Técnicas da propaganda ideológica

A difusão de uma ideologia, lembra Jahr Garcia (1982), requer um processo de elaboração a fim de se adequar aos diferentes setores da sociedade. Essa elaboração pode surgir tanto da necessidade de obscurecer alguns interesses reais, para simplificar os pontos da ideologia quanto para adaptar o sistema de idéias a outras crenças e valores pré-existentes. A difusão da ideologia já elaborada poderá se dar então de forma direta, a partir dos meios de comunicação proporcionados pela tecnologia do período: imprensa, rádio, cinema e televisão, ou, depois da tomada do poder a partir dos

“aparelhos ideológicos do Estado”, que correspondem aos sistemas escolar, religioso, policial, sindical etc.¹⁶

Algumas constantes na elaboração da ideologia já foram apontadas acima, com Arendt. As leis e técnicas comuns da propaganda ideológica, podem ser esquematizadas num conjunto proposto por Domenach (1963) facilmente identificáveis na propaganda política tanto de movimentos totalitários quanto dos atuais movimentos e partidos democráticos. São elas:

a) Lei de simplificação e do inimigo único – “Para ganhar as massas é preciso, em proporções iguais, contar com sua fraqueza e bestialidade; e mais, é necessário baixar o nível intelectual da propaganda, tanto mais quanto maior for a massa dos homens que se deseja atingir” (HITLER apud TCHAKHOTINE, 1967, p.365). A simplificação se dá a partir do uso de *palavras de ordem* e *slogans* tendo as primeiras um conteúdo tático (resume o objetivo a atingir) e os segundos um apelo direto às paixões políticas, ao ódio. A esperança e o ódio devem ser concentrados: a primeira na figura do chefe (viva fulano!) e a segunda, num inimigo (abaixo sicrano!). Os adversários, normalmente mais de um, devem ser condensados numa única figura, sugerindo-se que as divisões entre eles não passam de artifícios para enganar o povo.

b) Lei da ampliação e desfiguração – “A ampliação exagerada das notícias é um processo jornalístico empregado correntemente pela imprensa de todos os partidos, que coloca em evidência todas as informações favoráveis aos seus objetivos” (DOMENACH, 1963, p.59). A utilização de citações destacadas do contexto constitui também processo freqüente.

c) Lei da orquestração ou repetição - “A propaganda deve limitar-se a um pequeno numero de idéias e repeti-las incansavelmente” (HITLER, apud DOMENACH, 1963, p.61). O tema permanece, porém aliado à variedade de apresentação. A orquestração de dado tema consiste na sua repetição por todos os órgãos de propaganda, nas formas adaptadas aos diversos públicos e tão variada quanto possível. “Para um público diferente, sempre um matiz diferente”, prescrevia Goebbels.

d) Lei de transfusão - Consiste em adaptar a ideologia aos gostos, crenças e valores pré-existentes. Em não contradizer frontalmente uma multidão, mas de início, declarar-se de acordo com ela, acompanhando-a antes de amoldá-la ao escopo visado.

¹⁶ Sobre as formas de elaboração da ideologia, ver GARCIA (1982a). pp. 15-17. Sobre os aparelhos ideológicos do Estado, ver ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado, .

e) Lei da unanimidade e de contágio - Baseado na crença de que o indivíduo tende a harmonizar-se com os seus semelhantes, os partidos buscam fazer com que suas opiniões pareçam unânimes. Dessa forma, organizam manifestações com grande número de participantes para parecer que todos têm a mesma idéia, ou então assinam seus manifestos como, por exemplo, “o povo brasileiro”.

Faz parte também da propaganda, a contrapropaganda, ou seja, o ataque às teses adversárias. Essa se dá de várias formas, atacando-lhe os pontos fracos, apontando contradições ou incongruências com a realidade, desconsiderando ou ridicularizando o adversário.

Propaganda e contrapropaganda se fazem através dos mais diversos veículos disponíveis em cada época. Tchakhotine (1967) diz que “desde a Primeira Guerra Mundial, graças a uma democratização sempre crescente da política, o emprego de métodos populares, sugestivos como arma de propaganda, devido também à difusão do rádio, a função da imprensa [na propaganda política] passou a segundo plano” (TCHAKHOTINE, 1967, p.286). No Brasil dos anos 1930, entretanto, a imprensa era uma das armas mais fortes na propaganda¹⁷. Mesmo na Itália fascista, ao contrário do nazismo alemão, a imprensa escrita foi muito mais utilizada que o rádio como canal de transmissão das linhas políticas para as massas. No próximo capítulo será dedicada especial atenção a esse veículo, a imprensa, especialmente a político-partidária, categoria na qual se inclui o objeto de estudo, a imprensa integralista.

¹⁷ Isso não exclui a utilização de outros suportes. Ainda que em menor porte, os integralistas, utilizavam-se também de transmissões radiofônicas e contavam com um grupo de produção de filmes propagandísticos exibidos em sessões partidárias, o Sigma-Film.

1.3 A Imprensa Partidária

A imprensa, ou o jornalismo – termos hoje utilizados como sinônimos¹⁸ – contemporaneamente pode ser conceituada como uma “instituição produtora e difusora de notícias da atualidade, organizada sob a forma de empresa capitalista que realiza uma mediação social de informações e se mantém através da venda de mercadorias culturais e logo também de reclames publicitários” (RUBIM apud MACHADO, 2004, p.54). Essa definição evidencia dois pólos: o jornalismo como um serviço público, “que fornece informações para o exercício da cidadania, defendendo o cidadão de abusos de poder”, e o jornalismo como empresa capitalista em busca do lucro – sendo inevitável a tensão entre os dois no que tange aos princípios/mitos de verdade, objetividade e imparcialidade. Mito porque como produtor e difusor de notícias, é no jornalismo que se seleciona quais frações da realidade ganharão existência e sentido nas suas páginas e os critérios de noticiabilidade variam de acordo com o veículo, em geral obedecendo a abstratos valores como “atualidade, veracidade, interesse humano, raio de influência, raridade, curiosidade e proximidade” (AMARAL, apud GENRO FILHO, 1987). A partir dessa seleção a imprensa atua na reelaboração do mundo “em razão de imperativos político-ideológicos, códigos de comunicação, normas técnicas, circuitos tecnológicos e sinalizações mercadológicas” (MORAES, 1994, p.50)

O jornalismo partidário, apesar de atuar também na reelaboração do mundo à luz de seus códigos, normas e imperativos políticos e ideológicos, se difere do jornalismo acima descrito. A teorização acerca desse tipo de mídia é escassa, ficando a cargo dos principais interessados – os produtores de jornal partidário, onde se destacam os escritos de Lênin – ou dos historiadores da imprensa, que reduzem o jornalismo partidário a uma primeira fase, devidamente ultrapassada pelo advento do jornalismo empresa.

¹⁸ Esse trabalho também usará os dois termos como sinônimos, apesar de reconhecer que “o jornalismo, como linguagem da informação nasceu muitos anos depois da invenção da tipografia por Gutemberg, já que nos primeiros tempos, os jornais eram espaços para éditos reais, comunicados mercantis, cotações, fatos comerciais, folhetins, etc” (MARSHALL, 2003. p.58).

1.3.1 O jornalismo político-partidário como fase da história da imprensa

O olhar para a imprensa por uma perspectiva histórica requer a escolha de um tipo de abordagem. Christophe Charle (2004) propõe três: a imprensa como objeto da história social; da história cultural e da história política. Acrescenta ainda que, na medida em que a imprensa se organiza como empresa, pode ser trabalhada também sob o olhar da história econômica.¹⁹

A imprensa pode ser tomada como objeto da história social ao considerar-se tanto o grupo de redatores como o grupo de leitores. O autor destaca, porém, uma dificuldade quando o objeto se encontra historicamente distante: para definir ou avaliar o público de um jornal específico, não se dispõe de dados tão precisos como aqueles que fornecem as pesquisas atuais dos institutos de sondagem que classificam as mídias em função do seu “leitorado”. Dessa forma, o tipo de público deve ser inferido a partir de índices indiretos. Por outro lado, pode-se estudar os próprios jornalistas enquanto grupo profissional, sua formação, seu meio social e sua trajetória profissional (...) pois essas variáveis sociológicas determinam o tipo de escrita e o projeto social e cultural do jornal.

A aproximação por via da história cultural deve ser feita a partir da análise do tipo de gosto do público (onde se encontram as mesmas dificuldades da história social), mas também a partir da forma das próprias mensagens, a escolha de legendas, a influência das modas estéticas ou literárias externas no tipo de evolução do estilo de redação. Ao mesmo tempo, a imprensa deve ser vista não só como reflexo passivo de uma demanda ou oferta externa, mas como um instrumento ativo da construção da cultura de uma época.

Por fim, a aproximação pela história política. Função primeira na história do jornalismo, instrumento de luta pelo poder, os jornais aparecem em todos os combates políticos do século analisado pelo autor (1830-1939). A história política pode ser analisada a partir do exame de rupturas políticas históricas, ligando a mudança política à mudança dos jornais.

Charle (2004) opta pela tripla abordagem em seu recente *Le siècle de la presse (1830-1939)*. No entanto, este estudo, por tratar justamente da imprensa de um movimento político se deterá especialmente na abordagem do terceiro tipo. Dessa

¹⁹ As três abordagens apresentadas a seguir são síntese de tradução livre de CHARLE, 2004 pp.16-19.

forma, considerando a imprensa integralista parte do jornalismo político-partidário, pretende-se dar conta da sua evolução junto à do próprio movimento integralista.

Nos principais estudos sobre história da imprensa, tanto no âmbito mundial como nacional, encontramos, entre as primeiras fases, aquela que os autores chamaram jornalismo político. Para Marcondes Filho (2000), ela corresponde ao que ele chamou de *primeiro jornalismo*, da Revolução Francesa até a Reação em 1830. Tratava-se de jornais na maior parte das vezes partidários, produzidos com fins pedagógicos, de formação política, “caixa acústica de ressonância de programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as idéias”. A partir de 1830, com as inovações tecnológicas, começava a surgir o *segundo jornalismo*, o jornalismo-empresa, quando não mais o caráter pedagógico e de formação política, mas o lucro passa a ser objetivo do jornal. Essa fase se estenderia até 1900, sendo seguida pelo *terceiro jornalismo*, que seria a evolução do segundo rumo ao jornalismo de monopólio, e, finalmente, pelo *quarto jornalismo*, a partir de 1970, o da era tecnológica, marcado pela overdose de informação, oriundas, sobretudo, das assessorias de imprensa.

No Brasil, essas fases mais ou menos se repetem, ainda que em outra cronologia. Em nenhum dos casos, no entanto, a divisão é estanque. Vale antes como recurso didático. Grosso modo, podemos dizer que o jornalismo vira empresa no Brasil no início do século 20, sendo precedido por uma imprensa mais artesanal ou ligada a partidos políticos, tal qual a classificação de Marcondes. Essa data, no entanto, remete mais ao jornalismo de Rio e São Paulo²⁰ que aos do restante do país. Analisando o jornalismo gaúcho, Rüdiger (2003) localiza a transição na década de 30.

Um dos primeiros jornais que aparece no país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, é criado em 1808 a mando de Dom João VI, que manteria sob controle do Estado o ofício tipográfico. Subvertendo o controle estatal que chegara junto com a Coroa, no mesmo ano surge o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, editado em Londres e enviado clandestinamente para o Brasil.

A partir da independência, a situação começa a mudar. Conforme se consolida o sentimento de nacionalidade, novas publicações independentes surgem tomando parte em importantes momentos políticos, notadamente os eventos da abolição e da proclamação da República.

²⁰ Segundo Sodré, nos anos 1930, “Nos outros Estados, a imprensa estava ainda na transição da fase artesanal para a fase industrial” (SODRÉ, 1983, p.324). Ainda assim, há exceções, como o *Correio do Povo*, de Porto Alegre (1895) e o *Jornal do Comércio* (1919), em Recife.

O jornalismo brasileiro se formou dentro desse movimento político que coincide com o próprio processo de construção do Estado Nacional. Durante esse período, que se estende até meados do século [20], as forças políticas descobriram o emprego da imprensa na formação da opinião e os políticos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas; surgiram as primeiras redações e o jornalismo elaborou o seu conceito no país. (RÜDIGER, 2003, p.20)

A partir daí, foram muitas as querelas políticas que se passaram através das páginas de jornais. Mesmo aqueles que já se constituíam como empresa protagonizavam tais lutas a favor de um outro partido, contra ou a favor do governo. Esses jornais, especialmente de Rio e São Paulo das duas primeiras décadas do século 20, foram chamados por Sodré (1983), de jornalismo político. O autor define político um jornalismo pela cobertura dada às principais polêmicas políticas do período e pelas posições nelas tomadas pelos jornais²¹.

No entanto, trata-se neste trabalho do jornalismo como parte da estrutura organizativa e propagandística de um movimento ou partido. Dessa forma, encontramos em Rüdiger (2003) uma boa definição conceitual do jornalismo político-partidário. Segundo o autor, trata-se do jornalismo vinculado a algum partido, dedicado à divulgação de sua doutrina, visando à direção da opinião pública. Seu surgimento está ligado “ao processo pelo qual a classe política transformou a imprensa em agente orgânico da vida partidária” (RÜDIGER, 2003, p.35).

Os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto surgiram as redações, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidava a racionalidade em seu funcionamento. Os políticos foram progressivamente tomando o lugar dos tipógrafos na função social de jornalistas (RÜDIGER, 2003, p.35)²².

Em muitos casos, a atuação em jornais partidários era uma forma de profissionalização do político. Plínio Salgado era redator do *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano Paulista, pelo qual mais tarde viera a ser deputado estadual em 1927.

²¹ Sobre jornalismo político, ver SODRÉ, 1983, pp. 323-355. Um exemplo aprofundado disso é o estudo que Maria Helena Rolim Capelato faz sobre o Estado de São Paulo em CAPELATO e PRADO. *O Bravo Matutino, imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980 e em *Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista 1920-1945* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

²² Antes, os jornais nada mais eram que serviços tipográficos prestados às mais diversas facções políticas, porém sem qualquer ligação orgânica entre tipografia e partido. “As matérias eram elaboradas fora do contexto do jornal, cujos responsáveis simplesmente paginavam, acrescentando, quando fosse necessário, uma nota”. (RÜDIGER,2003,.p.28)

O primeiro jornal político-partidário no Rio Grande do Sul é *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, de 1869. Dez anos depois, o Partido Conservador lançaria o jornal que levaria seu nome, *O Conservador*. Dentre tantos, o jornal que melhor exemplificaria, segundo Rüdiger (2003), o jornalismo político partidário seria *A Federação* (1884-1937), do Partido Republicano Riograndese (PRR) até 1932, e a partir daí, do Partido Republicano Liberal (PRL), até 1937, quando é extinto por ato oficial do Estado Novo.

O jornal é analisado em *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*²³, por Paulo Vizentini e Cristina Jungmann antes e depois das revoluções de 1930 e de 1932. *A Federação* apresenta duas fases: uma ligada ao PRR e outra ao PRL. Vizentini, responsável pela análise da primeira fase além de apresentar a trajetória do jornal ligada à do partido, destacou o caráter doutrinário do jornal:

Embora existissem outros jornais ligados aos partidos republicanos estaduais, como o *Correio Paulistano* por exemplo, e mesmo que a oposição liberal gaúcha tivesse o seu porta-voz, nenhum dos órgãos republicanos tinha uma postura tão doutrinária quanto *A Federação*, salvo os jornais integralistas que serão analisados posteriormente. Não se tratavam pois, apenas de um jornal partidário ligado ao situacionismo republicano regional, mas igualmente um jornal com forte conteúdo ideológico de inspiração positivista. (VIZENTINI in TRINDADE, 1980, p326-327)

Rüdiger (2003) liga esse caráter doutrinário à concepção de jornalismo de Julio de Castilhos, primeiro diretor do jornal. Para ele,

a imprensa não precisa limitar-se a registrar acontecimentos políticos, pois pode modificar seu curso. As conjunturas de crise política e social fomentam movimentos de opinião contraditórios e a receptividade do público, criando espaço para a intervenção doutrinária da imprensa (RÜDIGER, 2003, p.44).

Na segunda fase (1932-37) de *A Federação*, o jornal passa a ser órgão oficial do Partido Republicano Liberal. A partir daí, o jornal será marcado pela defesa irrestrita do governo de Flores da Cunha, por oscilações entre apoio e oposição à Frente Única Gaúcha que congregava republicanos e federalistas, e pela intensa participação nas campanhas eleitorais em favor dos candidatos do PRL.

Outros exemplos de jornalismo político-partidário aparecem tanto em Rüdiger (2003) como em Trindade (1980). Estes trabalhos nos servem tanto como ilustração

²³ TRINDADE, Helgio (org). *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

desse tipo de jornalismo, como de exemplo de estudos sobre eles, tornando-se assim, referências inestimáveis. São, no entanto, assim como *A Federação*, órgãos de partidos regionais – até porque não havia grandes partidos nacionais na época -, e a definição deles respeita aquela correspondente a uma fase na história do jornalismo, que encontraria seu fim na década de 1930. O período é de transformação política e econômica em todo o Brasil. Na imprensa não é diferente: é nessa década que os historiadores localizam a decadência do jornalismo político-partidário até o seu desaparecimento total em 1937, com o Estado Novo.

As causas da decadência são várias: o alto preço da matéria-prima (papel e tinta) elevava o preço do jornal consideravelmente²⁴, além disso, conforme Rüdiger (2003, p.55), “a progressiva ascensão das camadas médias teve correspondência na formação de novas expectativas culturais, com as quais o jornalismo político não era condizente”. Finalmente, as causas de ordem política: seja por consentimento, “no Rio Grande do Sul, a conciliação da classe dominante às vésperas do movimento [Revolução de 30] retirou muito do significado da imprensa político-partidária”; seja por censura e repressão do governo - aos jornais liberais a partir da Revolução Constitucionalista de 1932 e aos demais desde a Intentona Comunista de 1935. Exemplar desse último caso é o depoimento de Afonso Arinos de Melo Franco, diretor da *Folha de Minas*, fundado em Belo Horizonte em 1934 durando até fins de 1935.

O problema se agravou ainda quando, em novembro de 1935, veio a intentona comunista, pretexto admirável para Vargas impor o estado de sítio e a censura à imprensa em todo o país. Para um jornal sério e de oposição, a vida, já precária, tornou-se impossível. Nossa única força, que era o poder de crítica aos governos desapareceu. (...) Começou então a humilhante e penosa história de atrasos de pagamento ao pessoal; das solicitações aos vendedores de papel e tinta que me recebiam de cara fechada; das amargas esperas nas ante-salas dos banqueiros inabordáveis, embora sempre exemplarmente corteses. (SODRÉ, 1983, p.380-381)

Para Sodré (1983, p.381), “esse é mais um exemplo apenas da impossibilidade de existência, na fase da imprensa empresarial, de jornais sem grandes recursos. Tudo agravado, naturalmente, nos regimes ditatoriais”.

A imprensa integralista surge justamente nesse período de agonia do jornalismo político-partidário. Enfrentando problemas semelhantes, muitos de seus jornais tiveram vida curta por falta de recursos ou por empastelamento da parte de governos regionais.

²⁴ “Os jornais elevaram, em 1932, o preço do exemplar para 300 réis nos dias úteis e 400 réis nos domingos” (SODRÉ, 1983, p.380)

Mas a estrutura só fazia crescer, atingindo o ponto mais alto em 1936, para ser aniquilada com os demais partidos e jornais políticos pelo golpe do Estado Novo.

Em termos nacionais, o único paralelo possível com a imprensa integralista, não obstante as divergências doutrinárias, seria o da imprensa operária e comunista. Ainda assim, há de se ressaltar que apesar de todo anticomunismo presente na sociedade, essa imprensa sobrevivera ao que os historiadores chamam de declínio do jornalismo político-partidário. Nesse sentido, tornam-se imprescindíveis para um parâmetro comparativo os trabalhos sobre a *Imprensa Operária no Brasil*, de Maria Nazareth Ferreira²⁵ e sobre a *Imprensa Comunista*, especificamente do PCB, de Dênis de Moraes²⁶.

Ainda que não tenha havido, como no Integralismo, uma estrutura nacional da imprensa do movimento, pode-se encontrar na imprensa operária certa unidade. Ferreira (1988) lembra que “a história da imprensa operária não pode ser avaliada desvinculada do movimento operário; ambos estão inter-relacionados através das lutas da classe trabalhadora na construção de sua história” (FERREIRA, 1988, p.6). E a história desse movimento não se restringe à história do sindicalismo ou do partido comunista, são essas apenas partes da primeira. Dessa forma, a autora dividiu a imprensa operária em três fases: a imprensa anarcosindicalista (1880-1920); a imprensa sindical-partidária (1920-60); e a imprensa sindical (a partir dos anos 1960). Mas todas as fases, entre seus altos e baixos, apesar das dificuldades de ordem financeira (poucos anunciantes e público de baixo poder aquisitivo) quanto de ordem política (repressão do Estado) apresentaram, segundo Ferreira (1988), uma unidade: o conteúdo de seus jornais jamais perdia de vista a problemática da classe trabalhadora.

O trabalho de Moraes (1994) é específico sobre a imprensa do Partido Comunista Brasileiro (PCB). O autor destaca que desde a sua fundação, em março de 1922, o partido contou com um órgão de difusão doutrinária, embora tivesse seu itinerário um tanto acidentado.

Em quase setenta anos de jornalismo partidário, somente em três períodos – de 1945 a 1947; nos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart; após a abertura política de 1979 – os meios informativos comunistas puderam circular livremente. (...) Diversas vezes a repressão policial obrigou as publicações à clandestinidade ou à mudança de nome, como forma de resistência (MORAES, 1994, p.58).

²⁵ FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

²⁶ MORAES, Dênis. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil 1947-53*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

Será sobretudo nas reflexões dos comunistas, especialmente de Lênin, sobre a importância da imprensa partidária, sistematizadas por Moraes (1994), que encontraremos uma definição desse tipo de jornalismo que irá além do corte historiográfico. Segundo o autor, “por mais que evoluíssem as conjunturas e as práticas editoriais, os alicerces teóricos sobre o papel da imprensa partidária permaneciam, no essencial, válidos” (MORAES, 1994, p.63). Essa função da imprensa no partido estará presente de forma muito semelhante nos escritos integralistas, como veremos na segunda parte do trabalho.

1.3.2 A função do jornal no partido

Para entender o papel da imprensa nos movimentos e partidos totalitários, é interessante ter em mente os conceitos de *aparelho privado de hegemonia*, desenvolvido por Gramsci em contraposição ao de *aparelho ideológico do Estado*, desenvolvido por Althusser. Ambos se referem aos *aparelhos* (re)produtores de ideologia, como a escola, a igreja, os partidos políticos, os sindicatos e – o que mais nos interessa nesse trabalho - a imprensa. A diferença está no grau de autonomia que cada um dos autores identifica entre esses aparelhos e o Estado. Para Gramsci, eles são relativamente autônomos, sendo espaço para a luta de classes pela conquista da hegemonia cultural e ideológica. Nesse caso, existe a possibilidade de alternância da hegemonia, podendo as classes subalternas “visar à separação de certos aparatos ideológicos de sua aderência ao Estado, a fim de se tornarem agências privadas sob sua direção” (MORAES, 1994, p 44) e mesmo substituir a classe dominante tornando-se então hegemônica. Em Althusser essa possibilidade é negada. Para ele, a ideologia emana do Estado e se reproduz nos diversos aparelhos. A ligação entre eles – assim como a supremacia da instituição Estado sobre as demais - seria insuperável. Assim qualquer forma de luta deveria se travar fora do Estado, enquanto que para Gramsci a batalha deveria se dar dentro da sociedade civil, ou seja, no interior do Estado em sentido amplo.²⁷

²⁷ Ambos os autores tratam dentro do Estado, além dos aparelhos ideológicos, dos “aparelhos repressivos” ou “de coerção”, onde se encontram o próprio governo, a polícia, a justiça, etc. Gramsci ainda divide o Estado em sociedade política (onde a dominação se exerce por meio dos aparelhos de coerção) e sociedade civil (onde as classes operam por meio dos aparelhos privados de hegemonia). Sobre esses conceitos, ver MORAES (1994).

Nesse plano, entendemos que a imprensa integralista, assim como a imprensa comunista analisada por Dênis de Moraes, enquanto imprensa de um movimento/partido que pretende a conquista do Estado por meio de uma “revolução do pensamento”, integra um dos *aparelhos privados de hegemonia* - o dos meios de comunicação, visto que a meta desses partidos é “articular-se com segmentos sociais para tentar executar o projeto revolucionário por eles engendrado” (MORAES, 1994, p. 45).

Dessa forma, mais do que uma fase histórica ultrapassada, a imprensa partidária representa uma estratégia de persuasão para uma forma alternativa de leitura do real, muitas vezes em resposta à realidade apresentada pelos demais veículos de comunicação ou por outros partidos, propondo novos filtros e enquadramentos. Na imprensa partidária, “o termômetro de autenticidade das notícias se transfere dos institutos clássicos de credibilidade para a axiologia do partido” (MORAES, 1994, p.49).

A angulação dos acontecimentos situa-se próxima a uma construção declaradamente interpretativa que nominaliza um fato qualquer para qualificá-lo, ou propor-lhe uma essência significativa. Projeta-se a imagem de um todo supostamente homogêneo e uníssono – o partido – que sedimenta convicções nos leitores. Os enunciados das notícias produzem uma comunhão de sentimentos, impelindo o indivíduo a adotar as opiniões de que parece partilhar a maioria (MORAES, 1994, p.48).

Adotando essas opiniões, o militante-leitor substitui sua “espontaneidade autônoma” por um novo modelo identitário encontrado nas formulações dos ideólogos do partido veiculadas pela imprensa própria, constituindo-se “narcisicamente, à imagem da organização. Embora, como sujeito individual, possa manifestar pontos de vista, é num âmbito exterior à sua consciência (o partido) que germinam as idéias que ele reconhece como indispensáveis ao ‘estar no mundo’” (MORAES, 1994, p. 49).

Para a obtenção do sucesso persuasivo, a imprensa partidária utiliza-se de alguns recursos que Domenach (1963) identificou como leis da *simplificação* e da *unanimidade ou contágio*²⁸. Dessa forma, as mensagens são apresentadas de forma simplificada, adequada às condições sociais e intelectuais do público leitor e de modo a “simular o discurso como expressão de aspirações coletivas” (MORAES, 1994, p.53).

No entanto o objetivo do jornal partidário ultrapassa o da propagação doutrinária. Além de *propaganda*, o jornal tem como função a promoção da *agitação* e *organização* política do partido. Essa definição tripla de objetivos fora traçada por

²⁸ Ver página 26.

Lênin em seus escritos de 1899 a 1905. Para ele, “o jornal é o lugar da transição entre a teoria pura e o apelo à ação, indispensável ao êxito da agitação e propaganda”.

A *propaganda* era feita de forma a divulgar as teorias e teses do partido de forma a esclarecer os militantes sobre as estratégias e os objetivos gerais para o futuro. A *agitação* objetivava a solução de problemas táticos imediatos, baseando-se mais especificamente na política corrente. Para essas funções, Lênin cunhara a imagem da “correia de transmissão”, por meio da qual o jornal – e suas idéias – chegaria às mais variadas classes, fundindo o conteúdo revolucionário às camadas oprimidas. A função do jornal como *organizador coletivo* se cumpria à medida que o periódico unificava as opiniões dos membros da agremiação e permitia a visibilidade das ações partidárias.(MORAES, 1994, pp.60-61). Para essa função, Lênin utilizara-se de outra metáfora: a do andaime.

O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Neste último sentido, pode ser comparado aos andaimes que se levantam à volta de um edifício em construção, marcando-lhe os contornos, facilitando as comunicações entre os construtores, ajudando-os a repartir entre si o trabalho e a observarem os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado.(LENIN, s/data, p.212).

O período em que escreve sobre a função de imprensa é justamente quando os comunistas discutiam a criação de um grande jornal do partido para toda a Rússia *versus* a proliferação de vários jornais locais. Lênin defendera no artigo *Por onde começar?* a criação de um grande jornal do partido como forma de unificar e organizar as manifestações locais, até então muito marcadas pelo seu caráter espontâneo. Do outro lado, aqueles que, como Nadiezhdin²⁹, se opunham a sua criação, chamando-a de “literatice” e de “trabalho de gabinete” que promovia uma “união artificial”, defendiam a difusão de jornais locais, a preparação de manifestações e a agitação entre os desempregados, por considerarem “muito mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto”. Lênin retoma a defesa partindo de uma das acusações.

“Se não se educam fortes organizações políticas locais, não terá valor o melhor jornal destinado a toda a Rússia. Perfeitamente correto. Mas trata-se precisamente de que *não existe outro meio para educar fortes organizações políticas senão um periódico para toda a Rússia*” (LENIN, s/data, p.208).

²⁹ L. Nadiezhdin (1877-1905) foi político inicialmente populista, depois social-democrata. Nos seus trabalhos, apoiou os “economistas”, preconizando ao mesmo tempo o terror como medida eficaz para “excitar as massas”; pronunciava-se contra o *Iskra* leninista. A partir do II Congresso do POSDR (1903), colaborou nas publicações mencheviques. (Dicionário Político *Marxists Internet Archives*)

Nesse sentido, o surgimento do primeiro número do *Iskra* ou, em português *A Centelha*, como primeiro periódico político marxista ilegal de toda a Rússia, órgão do POSDR, organizado e dirigido por Lênin, em dezembro de 1900 em Leipzig, desempenhou um importante papel na criação do Partido Bolchevique. Foi na redação do *Iskra* que se formulou o programa marxista (publicado em junho de 1902) e os estatutos do partido. Lutando contra o “economismo”³⁰, o nacionalismo pequeno-burguês e o liberalismo burguês, converteu-se em centro ideológico e organizativo dos sociais-democratas da Rússia e preparou a convocação do II Congresso do POSDR (1903). Ademais, o periódico formou uma rede de agentes que mais tarde constituíram o núcleo do Partido Bolchevique. O lema do jornal era: "Da centelha surgirá a chama".³¹

O modelo de comunicação partidária pensado por Lênin não só venceu a querela com Nadiezhdin, como ultrapassou fronteiras e oceanos. Moraes (1994) identificou na imprensa pecebista a retórica leninista acerca da função da imprensa partidária. Também encontramos os mesmos pressupostos na revista do Partido Comunista Português, *O Militante*. Tanto lá quanto cá, se repetem as necessidades de (1) *educar* as massas para elevar o nível da consciência política; (2) *organizar* os setores mais combativos da classe operária em torno do partido; e (3) *propagar* a linha ideológica. (MORAES, 1994, p.63).

E isto implica o entendimento do jornal não apenas como transmissor privilegiado da atividade e das orientações do Partido, mas também como espaço de debate e de reflexão, na base dos pontos de vista comunistas, sobre os grandes temas da atualidade. Para proveito do coletivo partidário, mas também como instrumento para o seu alargamento e aumento de influência (CORREIA, 1989, Internet).

A emergência da fase empresarial da imprensa, quando não aniquila o jornal partidário, cria, ao menos uma nova função para ele. Conforme a grande mídia divulgar determinadas notícias, caberá ao jornal partidário complementar, desmontar, combater,

³⁰ Corrente que queria limitar o movimento operário à luta econômica (pelo melhoramento das condições de trabalho, o aumento dos salários, etc.). Os "economistas" minimizavam o significado da teoria revolucionária, negavam o papel dirigente do partido da classe operária e se inclinavam frente ao caráter espontâneo do movimento operário. Rejeitavam a necessidade de criar um partido proletário centralizado, defendiam a dispersão e o primitivo sistema de círculos revolucionários soltos, respaldando, assim, as dissidências e vacilações na social-democracia russa. A luta fundamental contra o "economismo" foi travada por Lenin no periódico *Iskra* e no livro "Que Fazer?". (Dicionário Político *Marxists Internet Archives*)

³¹ As informações sobre o *Iskra* são encontradas no Dicionário Político *Marxists Internet Archives* (<http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/i/iskra.htm>). A querela entre Nadiezhdin e Lênin está no capítulo V de *O que Fazer?*, intitulado "Plano" de um periódico político para toda a Rússia.

ou denunciar seus argumentos a fim de capacitar o seu leitor-militante a uma leitura dos fatos coerente com a linha ideológica do partido.

Se enquanto movimento de tendência totalitária, a imprensa funciona conforme o conceito gramsciano de *aparelho privado de hegemonia*, lutando contra um sistema ideológico dominante, à medida que se instauram governos totalitários, se pretende que os *aparelhos* assumam a condição de *aparelho ideológico do Estado*, sem espaço para qualquer disputa no seu interior. Nesse sentido, cabe lembrar que esse “aparelhamento” da imprensa não se dará puramente por adesão ideológica dessa, mas também, ou principalmente pelo uso – ou possibilidade de – da força e da coerção.

Sobre a Itália fascista, pode-se dizer que para Mussolini, que no início de sua vida pública se notabilizara como jornalista³² e socialista (fora diretor do *Avanti* e depois do *Papolo d'Itália*), a imprensa era um aparelho do Estado.

Num regime totalitário, como deve ser necessariamente um regime resultante de uma revolução triunfante, a imprensa é um elemento deste regime, uma força a serviço desse regime; num regime unitário, a imprensa não pode ser estranha a essa unidade. (MUSSOLINI apud GIRON, 1994)

Não se sabe indicar com precisão “quanto tempo demorou para que ocorresse a fascistização da imprensa italiana, mas é certo que, no final de 1926, o processo estava praticamente terminado. (...) No final dos anos 20, o governo começou a determinar diretamente a forma e o conteúdo dos jornais italianos. O jornalismo deveria, desde então, abandonar o estilo antigo e assumir o estilo fascista que consistia em usar uma linguagem precisa, séria e enérgica no lugar da retórica pomposa do regime liberal” (CAPELATO, 1998, p.74).

Na Alemanha, antes da tomada do poder, o partido nazista não contava com uma grande estrutura de imprensa. Em 1930, eram apenas seis jornais. A pouca quantidade era suprida pelas ligações de Hitler com monopólios de direita como o Hugenerg, o qual era um dos principais acionistas e monopolistas que também dominava a produção cinematográfica, possuía a UFA (Filmes Universo S.A) grande produtora de documentários semanais para os cinemas (grande entretenimento de massa). Juntos, conseguiam limitar a atuação de jornais esquerdistas.

Em 1933, ano em que Hitler chega ao poder, já se contabilizavam 121 jornais nazistas e era criada a agência de notícias nazistas, o *Nationalsozialistische*

³² “Como o líder, a maioria dos dirigentes fascistas tinha um passado nesse campo” (CAPELATO, 1998, p.73-74)

Parteikorrespondenz. Nesse ano, vários jornais tradicionais alemães são fechados ou têm seus antigos diretores judeus substituídos por controladores do consórcio da Eher Verlag, firma editora do partido nazista. Calava-se assim qualquer voz dissidente.

Todas as manhãs, os editores dos jornais diários de Berlim e os correspondentes da imprensa de todo o Reich, reuniam-se no Ministério da Propaganda, onde lhes eram transmitidas, pelo dr. Goebbels ou por um de seus auxiliares, quais notícias que deviam ser publicadas ou suprimidas, como escrever as notícias e as manchetes, que campanhas encetar ou instituir e que editoriais eram desejados para o dia. (...) Para os jornais das cidades menores e para os periódicos, as instruções eram enviadas por telegrama ou pelo correio (SHIRER, 1963, p.364).

Em 4 de outubro de 1933, é lançada a Lei de Imprensa do Reich, que além de estipular que todos os jornalistas tivessem cidadania alemã, ascendência ariana e não fossem casados com judeus, proibia a publicação nos jornais de “tudo aquilo que de qualquer forma fosse desorientador para o público, misturasse objetivos pessoais com o da comunidade, tendesse a enfraquecer o poderio do Reich alemão, externa ou internamente, a vontade comum do povo alemão, a defesa da Alemanha, sua cultura e economia (...) ou ofendesse a honra e a dignidade da Alemanha”(SHIRER, 1963, p.365).

No Brasil, será durante o Estado Novo (1937-1945), que conheceremos o aparelhamento dos meios de comunicação por parte do governo, especialmente após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939. Mesmo antes, desde 1937, a imprensa passava a atuar atrelada ao Estado.

A justificativa da mudança fundamentou-se na idéia de que o jornal era político por natureza; como no momento, a política passava a ser a mais alta das atividades públicas, atividade do Estado, a “folha impressa, cumprindo sua tarefa natural, passaria a exercê-la dentro do Estado como função pública” (*Anuário Brasileiro da Imprensa, DIP, 1941* apud CAPELATO, 1998, p.74).

Dado o controle, os jornais, durante o Estado Novo, limitavam-se a reproduzir discursos e fotos de Vargas e difundir notícias oficiais, como inaugurações e comemorações – 60% das matérias eram fornecidas pela Agência Nacional. Além da imprensa, rádio e cinema eram amplamente utilizados pelo regime varguista.³³

³³ Sobre a propaganda no Estado Novo, ver JAHR GARCIA (1982a) e MALAVOLTA (2006). Numa perspectiva comparada com a propaganda na Argentina peronista, ver CAPELATO (1998) ob.cit.

À luz dessas observações sobre jornalismo político-partidário, tanto enquanto fase histórica quanto como especialidade jornalística, pode-se situar a imprensa integralista. Enquanto fase histórica, ela surge no período de decadência desse modelo, que era substituído pelo jornalismo de tipo empresarial. Já concorrendo com a incipiente “grande imprensa”, representa quase um último suspiro do jornal partidário. Como modalidade jornalística, a imprensa integralista, ao travar um embate pela hegemonia ideológica, almejando a conquista do poder, comporta-se como um *aparelho privado de hegemonia*, no sentido que Gramsci deu a essa expressão. Veremos, porém, no projeto de “Estado Integral”, pretendido pelos integralistas, o papel reservado à imprensa se aproxima muito mais do conceito desenvolvido por Althusser, de *aparelho ideológico do Estado*, completamente vinculado a ele.

II

A ESTRUTURA DA IMPRENSA INTEGRALISTA

Falar da imprensa integralista é falar da própria AIB. Suas histórias se confundem. Por isso que nesse capítulo, recorrendo a fontes bibliográficas e aos próprios jornais e documentos da época, tentando não separar uma história da outra, embora enfatizando os momentos em que a imprensa se destaca, pretende-se uma reconstrução cronológica dessa imensa estrutura jornalística que foi a da AIB.

O jornalismo se fez presente na história integralista desde antes da criação da AIB, na atuação profissional prévia do Chefe Nacional, o jornalista Plínio Salgado, através do jornal *A Razão*. Crescem juntos, movimento e imprensa própria, chegando até a criação de um consórcio jornalístico que reuniria mais de uma centena de jornais defendendo a mesma ideologia: o *Sigma Jornaes Reunidos*. Finalmente, aquele que consideramos o ano chave: 1936, ano de notável crescimento no número de adeptos e simpatizantes da AIB, também ano em que a imprensa integralista ganha uma secretaria nacional própria, um congresso e uma escola³⁴.

Com a análise de cada um desses eventos, assim como a leitura dos próprios integralistas sobre eles, pensa-se colaborar para o entendimento sobre a importância atribuída à imprensa partidária e aos jornalistas como profissionais pela Ação Integralista Brasileira.

³⁴ Não encontramos prova da real existência da Escola de Jornalismo, apenas notícias nos próprios jornais integralistas, sobre a sua criação, que seria em março de 1937.

2.1 Plínio Salgado como jornalista político antes da AIB

Plínio Salgado fez a carreira típica dos jornalistas de sua época. Iniciou-se no jornalismo local, passando de revisor à jornalista num órgão partidário da capital de São Paulo e, posteriormente, visando criar condições para seu projeto político criou seu próprio jornal. Cabe ressaltar que foi nesta condição que entrevistou Benito Mussolini, em Roma em 1931, fato que terá impacto sobre suas atividades políticas de líder do primeiro partido nacional de massa no Brasil.

Antes da criação da AIB, o futuro chefe nacional se dedicava ao jornalismo político. Já conhecia o poder da imprensa. Nascido em 1895, inicia sua atuação jornalística aos 21 anos no jornal *Correio de São Bento*³⁵, na sua cidade natal São Bento de Sapucaí (SP). Nos anos 20, por motivos políticos, muda para São Paulo, onde faz carreira no órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP), o *Correio Paulistano*, passando rapidamente de auxiliar de revisão para redator e aproxima-se dos intelectuais ligados ao movimento modernista, principalmente Menotti del Picchia. Participa, ele mesmo, ainda que discretamente, da Semana de Arte Moderna de 1922³⁶. Em 1926 lança seu principal romance, *O Estrangeiro* - escrito inicialmente nas páginas do *Correio Paulistano*. O sucesso deste o faz deputado estadual em São Paulo em 1927 pelo mesmo PRP. Entretanto, Salgado não estava satisfeito com o partido, lutava pela renovação deste, fazendo parte da corrente oposicionista liderada pelo advogado Alfredo Egidio de Souza Aranha, que mais tarde será o homem que financiará³⁷, de abril a outubro de 1930, sua viagem ao Oriente e à Europa (incluindo Itália fascista); e ainda fundará, em 1931, o jornal *A Razão*, onde Salgado será o responsável pela escritura das *notas políticas*.

³⁵ Salgado era o redator principal do jornal, que pertencia ao seu cunhado Joaquim Cortez Renno Pereira. TRINDADE (1979).

³⁶ Segundo TRINDADE (1979), o movimento modernista terá um papel mais importante da evolução ideológica de Salgado que a sua atuação na política tradicional. Para o autor, o modernismo fornecerá o 'fermento nacionalista', citando o próprio Salgado "A revolução literária e artística de 1922-23 teve o mérito de acender um chamejante espírito de rebeldia, com o qual iniciávamos a derrubada dos velhos cultores da forma, quebrando (...) o ritmo político do país" (SALGADO apud TRINDADE, 1979, p.42). A preocupação modernista evolui da estética para a política. As opções nesse campo se distribuirão na esquerda e na direita, mantendo em comum o nacionalismo, dividindo-se entre as tendências: primitivista, dinamista, mística e nacionalista. Será entre as duas últimas que "o integralismo recrutará seu chefe e um grupo de intelectuais" (TRINDADE, 1979, p.44)

³⁷ Salgado viaja como preceptor do filho de Souza Aranha.

As tentativas de renovação do partido fracassam. Quando viaja à Itália, Salgado já se sente desligado do PRP. Mais tarde, no novo jornal ele manifestará a sua crítica, insinuando sua posição sobre a importância da imprensa político-partidária:

O PRP não passava de uma máquina eleitoral de fazer senadores e deputados. (...) Ele se desinteressava completamente pelas questões doutrinárias. No seu órgão oficial, *O Correio Paulistano*, alguns moços, que tinham feito uma revolução literária em 1922 pregavam abertamente idéias absolutamente contrárias à doutrina política em que se baseava a agremiação. Esses artigos não eram lidos pelos senadores e deputados, que só cogitavam de fazer a sua política pessoal e prática (SALGADO apud TRINDADE, 1979 p.42).

A viagem à Europa e o encontro com Mussolini parecem ter impressionado bastante o jornalista Plínio Salgado e aumentado a sua crença no instrumento jornal, o que fica evidente na carta que escreve a um amigo em fevereiro de 1931 onde manifesta a intenção de criar um periódico: “Como você sabe, eu preciso de um ponto de apoio. Neste instante, eu me sinto imensamente desamparado de elementos materiais para qualquer ação prática. Esse jornal será o primeiro impulso” (SALGADO apud TRINDADE, 1979 p.80).

Souza Aranha funda então *A Razão*, confiando a orientação política a Plínio Salgado e San Tiago Dantas (futuro secretário nacional de imprensa da AIB). No primeiro editorial, de 5 de junho de 1931, Salgado explicita os objetivos do jornal:

No Brasil não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos ao iniciar a discussão dos problemas que nesse momento nos suscita, declarar, como base de uma orientação segura, que não há interesses estaduais diante dos supremos interesses nacionais. Colocando-nos neste ponto de vista de nacionalismo integral, é que iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira. Nesta nota diária, iremos traçando a linha de um pensamento político, procurando marcar os rumos que nos parecem mais acertados às novas condições e necessidades. (*A Razão*, 5/6/1931, apud TRINDADE, 1979, p.81)

O “trepidante momento da vida brasileira” era o da Revolução de 1930. Analisando as *Notas Políticas* redigidas por Salgado, Trindade (1979) destacou a evolução da posição dele em relação à Revolução de 1930³⁸ e a presença de alguns pontos centrais de seu pensamento político que reaparecerão na ideologia integralista,

³⁸ “A posição de Salgado face à Revolução de 1930 já havia evoluído de uma atitude crítica à sua inspiração liberal a uma atitude de aceitação do fato revolucionário, na medida em que a Revolução destruíra o sistema político da Velha República. O conjunto de artigos de *A Razão* mostra a evolução posterior desta atitude: do mero reconhecimento de aspectos positivos da Revolução, ele passa a colaborar com o Governo Provisório. Essa colaboração, no entanto, é limitada no tempo, já que, após vários meses de apoio a certas medidas da política revolucionária, Salgado retoma uma atitude de hostilidade crescente ao Governo de Vargas. A importância da sua evolução está em que a partir desse momento ele começa a proclamar a necessidade de uma ‘nova revolução’” (TRINDADE, 1979, p.81).

como o papel do Estado, a idéia de revolução, o nacionalismo, o antiliberalismo, o anticomunismo, o anticapitalismo e o fascismo.

Também a idéia de Salgado sobre a missão da imprensa se manifesta em seus artigos. Compara a imprensa brasileira com a internacional – cita o jornal fascista italiano *Il Popolo d'Italia*, e o reacionário *L'Action Française*, e mesmo o *Pravda*, da Rússia Soviética, de onde podemos inferir as referências da posterior organização da imprensa integralista – e conclui que enquanto o mundo discute grandes questões, no Brasil, a imprensa se limita ao “terreno empírico da discussãozinha dos pequenos detalhes de administração, das pequenas atitudes dos homens de partido”. Para ele,

(...) a imprensa deveria assumir a responsabilidade da discussão dos grandes assuntos que interessam à Nação. E não podem nem devem se circunscrever apenas à matéria mais empírica, aos temas simplesmente práticos. É à imprensa que compete teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-los às claras definições e às atitudes nítidas e fortes. Nem se diga que isso deveria competir às revistas. Pois em todos os países – e basta citar a Itália e a França, de onde conhecemos admiráveis mensários ou semanários de alta cultura – em que a revista desempenha um papel notável junto às classes intelectuais, vivem órgãos de imprensa, destinados ao grande público, que encaminham todas as questões para uma plana elevada. E essa deve ser hoje a missão da imprensa. A de educadora das massas. A de fixadora de direções. Cumpre à imprensa do Brasil assumir uma atitude à altura do nosso momento histórico (*A Razão* (19/9/31).

Em outro artigo do mesmo jornal, anos mais tarde reproduzido em *A Acção*, Salgado insiste na missão doutrinária da imprensa, acreditando, ainda que não mencione a expressão, numa espécie de “correia de transmissão”, do molde leninista.

Se no meio de milhões de homens surdos e cegos, houver um só que escute e que enxergue, e se esse único homem ouvir a palavra teimosa, insistente e tenaz, que seja esse o prêmio ambicionado para todo o esforço que pareça inútil e para gesto isolado que se julgou perdido. É que a semente caiu na terra fecunda e já agora não haverá forças em contrário que evitem a sua germinação. Esse homem que escutou e compreendeu transmitirá para diante a palavra ouvida e ela será como um rastilho que prosseguirá irrevogavelmente para fazer explodir um dia a dinamite que deverá extinguir o imenso formigueiro dos erros e dos dolos que estão solapando o organismo do país. E uma nova era de viva consciência nacional deverá chegar, assinalando o advento de uma nova geração realizadora e forte. É para essa geração que a imprensa deverá falar (*A Acção*, 16/10/1936).

E era para essa geração que Plínio Salgado falava. Com *A Razão* ele alcança seus objetivos: estão lançadas “as bases ideológicas do integralismo” e estabelecidos “contato político entre um grupo disperso de intelectuais e de homens de ação em diversas regiões do país” (TRINDADE, 1979, p.80-81.). O próprio Salgado reconhece sua meta atingida. Referindo-se ao jornal *A Razão*, ele lembra:

Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista [...]. Dentro em pouco, estava registrada num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas idéias fundamentais (SALGADO apud TRINDADE, 1979 , p.116).

Esses “homens ligados por algumas idéias fundamentais”, jovens intelectuais, liderados por Plínio Salgado criam, em março de 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP). O objetivo dessa organização era o de estudar “os problemas nacionais e traçar em consequência desses estudos os rumos definitivos de uma política salvadora” (SALGADO apud TRINDADE, 1979 , p.117).

A 23 de maio daquele ano, a sede do jornal *A Razão* é incendiada por adeptos da Revolução Paulista. No mesmo mês, Salgado propõe a criação de “uma nova comissão técnica” com o intuito de “transmitir ao povo, em linguagem simples, os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da SEP” (TRINDADE, 1979, p.122). Era a Ação Integralista Brasileira, que seria então, ela mesma, um instrumento de propagação doutrinária.

Articulando-se com outros grupos de direita, como a Legião Cearense do Trabalho, liderada por Severino Sombra, o Partido Nacional Sindicalista, idealizado pelo jornalista mineiro Olbiano de Melo e com o grupo de acadêmicos de Direito do Rio de Janeiro, Plínio Salgado lança, em 7 de outubro de 1932³⁹, aquele que ficou conhecido como Manifesto de Outubro⁴⁰. Inicia-se aí a história do primeiro movimento de massa no Brasil. Surge justamente como movimento, contrário a qualquer agremiação partidária, que, conforme o pensamento integralista, só servia para dividir a nação.

2.2 A implantação e difusão da imprensa integralista

Em dezembro de 1932 é lançado, em São Paulo, *O Integralista*, “porta-voz do Departamento Universitário da AIB na Província de São Paulo. Entre seus artigos, estão textos de interesse cultural e livresco além de alguns fatos políticos” (DOTTA, no prelo). Em 1933, surge um jornal com uma estética mais “arrevistada” chamado

³⁹ O lançamento do manifesto não foi feito antes em função da “Revolução Constitucionalista” que eclodira em São Paulo em oposição ao Governo Provisório e em defesa da constitucionalização.

⁴⁰ O Manifesto de Outubro é composto de dez capítulos: “Concepção do Universo e do Homem; Como entendemos a Nação Brasileira; O Princípio de Autoridade; O Nosso Nacionalismo; Nós, os Partidos Políticos e o Governo; O que pensamos das conspirações e da Politicagem de Grupos e Facções; A Questão social como a considera a Ação Integralista Brasileira; a Família e a Nação; O Município, Centro das Famílias Célula da Nação; e O Estado Integralista.

Variedades, com o subtítulo *Gazeta Literária-Política-Noticiosa*. No exemplar encontrado (n.4 de outubro de 1933), percebemos seu conteúdo dividido entre textos doutrinários e amenidades sobre cinema e críticas literárias. Também em 1933 registra-se o surgimento do *Monitor Integralista*, que, sem periodicidade definida, assumiria a função de diário oficial da AIB. Em 1934, surge a primeira edição de *A Offensiva*, semanário dirigido por Plínio Salgado, que dois anos mais tarde se tornaria o principal vespertino do movimento. Nos novos núcleos criados pelo interior do Brasil, novos jornais surgiam. O núcleo provincial da AIB no Rio Grande do Sul é fundado em janeiro de 1934, e no mês seguinte publica o semanário *O Integralista*. Conforme crescia o movimento, crescia também a sua imprensa. No anexo 1 há uma lista de títulos de jornais por localidade, sem o período de atuação.

Até fevereiro de 1934 a AIB vive um período de estruturação inicial. Naquele mês acontece o I Congresso Integralista, em Vitória, Espírito Santo, onde são aprovados os estatutos que definem a Ação Integralista Brasileira ainda não como partido político – que eram rechaçados - mas como

“uma **associação nacional** de direito privado, com sede civil na cidade de São Paulo e sede política no lugar onde se encontrar o Chefe Nacional do Movimento, e setores de atividade em todo o território do Brasil (...), com a finalidade de a) Funcionar como centro de estudos e cultura sociológica; b) Desenvolver uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro; c) Implantar o Estado Integral (Monitor Integralista, apud CAVALARI, 1999, p. 16, grifos meus)

Também ali se define a primeira estrutura organizativa da AIB. Entender essa estrutura é importante na medida em que, como destaca Trindade (1979), a estrutura do partido era uma prévia do que seria a do *Estado Integral*. Nessa primeira organização, encontram-se os departamentos nacionais de Doutrina e de Propaganda⁴¹: a primeira dirigida pelo então jovem advogado de 24 anos, Miguel Reale, e a segunda, pelo escritor Madeira de Freitas, que mais tarde dirigirá o diário *A Offensiva*. O departamento de Doutrina era o “órgão central de orientação doutrinária e de pesquisas do movimento. Dispõe de um setor responsável pela orientação ideológica, encarregado de zelar pela ortodoxia da doutrina, exercendo censura sobre todas as publicações integralistas” (TRINDADE, 1979, p.185). O de Propaganda executava “os planos de divulgação do movimento concebidos pelos órgãos superiores”. Era responsável pela

⁴¹ Além desses, são criados os Departamentos Nacionais de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. No Congresso também são definidos os estatutos da AIB e o do Chefe Nacional, que davam plenos poderes a Plínio Salgado.

organização de “um corpo de oradores autorizados para serem enviados às conferências e reuniões públicas” e pelo “controle das informações e propaganda no âmbito da AIB” (TRINDADE, 1979, p.185)⁴².

Em janeiro de 1935 surge a revista ilustrada *Anauê!*, publicação mensal do movimento integralista, que tinha como objetivo “divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista (...), ser o espelho da alma integralista” (*Anauê!*, n.1, janeiro de 1935). A revista se tornaria, ao lado do jornal *A Offensiva*, o principal veículo de popularização da doutrina do Sigma.

Desde sua fundação, a AIB não só não era partido político, como rechaçava qualquer organização desse tipo. Os integralistas defendiam “o unipartidarismo como uma condição necessária para acabar com a desordem dos partidos” (SILVA, 2002, p.45).

Porém, em março de 1935, a partir do II Congresso Integralista de Petrópolis, Rio de Janeiro, a AIB torna-se um partido político. Apesar de já ter participado em 1934 de eleições regionais, só agora sua definição passa a ser a de

uma associação civil com sede em São Paulo, e um partido político, com sede no lugar onde se encontrar o seu chefe supremo. Suas finalidades, a partir de então passaram a ser: a) funcionar como um partido político, de acordo com registro já feito no Supremo Tribunal Eleitoral e b) funcionar como um Centro de Estudos e de Educação Moral, Física e Cívica. (CAVALARI, 1999, p.16, grifos meus)

No final de setembro, a Secretaria Nacional de Propaganda anuncia a criação do “maior consórcio jornalístico da América do Sul”, o *Sigma Jornaes Reunidos*, provavelmente em alusão aos *Diários Associados*⁴³, de Assis Chateaubriand, com quem os integralistas viviam trocando farpas via jornais de uns e de outro.

A Secretaria Nacional de Propaganda acaba de organizar o maior serviço de publicidade até hoje realizado no Brasil, pois compreende um conjunto de 88 jornais atualmente em circulação em todo o território da República. Homogeneamente já unidos pelo SIGMA, os jornais integralistas do Brasil, cujo número cresce a cada dia, e já sobe hoje a 88, ficaram agora conjugados, para fins de publicidade, sob a direção da Secretaria Nacional de Propaganda, devidamente autorizada pela Chefia Nacional, constituindo assim, o maior monobloco jornalístico até hoje criado na América do Sul. Mais um passo

⁴² Trindade (1979) lembra que o partido nacional-socialista alemão também dispunha, desde 1920, de um grupo de ‘oradores de recrutamento’, do qual fazia parte Hitler.

⁴³ A história dos *Diários Associados* inicia em 1924, quando Chateaubriand adquire *O Jornal*, no Rio de Janeiro. Passa a ser chamado de *Diários Associados*, no entanto, somente em 1930. Antes ao se referir ao conjunto de 6 jornais e 2 revistas comandados por Chatô, falava-se em conglomerado, consórcios, etc. (CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro. História dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999 p.118)

para a unificação nacional, pelo pensamento, pela cultura e pela orientação doutrinária. Mais um passo para o grande sistema de imprensa, cujo futuro tem no Integralismo os seus dias de glória, de prosperidade e esplendor, responsável como é pelos superiores destinos da Pátria. (*A Offensiva*, 28/09/1935)

No final de 1936, Reale escrevia “Se quiser saber o que será a rede dos jornais do Sigma, eu sintetizarei assim: ‘Será exatamente o contrário do que é hoje a cadeia dos Associados’” (*A Acção*, 17/11/1936).

Para Cavalari (1999), a criação desse consórcio fazia parte da estratégia de unificação da doutrina e da padronização da forma dos jornais integralistas. Além do *Sigma Jornaes Reunidos*, a autora considera como parte dessa estratégia a criação da Secretaria Nacional de Imprensa (1936) e das Comissões de Imprensa existentes nos gabinetes das Chefias Provinciais e Municipais. O controle era o objetivo, mas sua efetivação plena é questionável. Primeiro, pela quantidade de publicações difundidas por tão vasto país, segundo, porque, no Congresso de Imprensa Integralista, realizado em 1936, mais de um ano depois da criação do consórcio jornalístico, ainda se buscava a organização deste e a inscrição de jornais integralistas ainda não filiados. O que se pode afirmar é que havia importante intercâmbio entre jornais, que freqüentemente divulgavam uma lista de títulos com a chamada “agradecemos o recebimento de ...” ou a “imprensa integralista...” e seguia-se a lista.

Em janeiro de 1936, a AIB lança o Manifesto-Programa com o qual deveria se apresentar nas próximas eleições presidenciais. São abandonadas as pretensões revolucionárias para a partir daí, se tentar vencer dentro do sistema democrático e do sufrágio. O Manifesto aparece na mesma edição em que o jornal *A Offensiva*, principal jornal integralista, até então semanário, se torna diário. Essa era apenas a primeira mudança ocorrida em função da nova situação, de campanha eleitoral, da AIB. Em junho desse mesmo ano, Plínio Salgado cria as Secretarias Nacionais de Organização Feminina e da Juventude (Plinianos), de Relações Exteriores, de Assistência Social e de Imprensa. Ademais, o Departamento de Organização Política vira Secretaria Nacional das Corporações e dos Serviços Eleitorais. Essas iniciativas e o crescimento da AIB tornaram o ano de 1936 conhecido como o *Ano Verde*.

De junho a setembro daquele ano, o número de membros e de simpatizantes da AIB dobrou, ultrapassando a casa do milhão e os núcleos integralistas locais multiplicaram-se. Nas eleições municipais, os integralistas conseguiram 250 mil votos, elegendo 500 vereadores e 24 prefeitos. Em fevereiro e em novembro, *A Offensiva* publicou um recenseamento evidenciando o crescimento da AIB: dos 2023 centros espalhados pelo Brasil

até fevereiro, passou-se para 3000 até novembro; dos 800 mil membros, passou-se para mais de um milhão; dos 102 semanários, passou-se para 123, incluindo *A Ação*, em São Paulo; das 200 escolas fundadas desde 32, passou-se para 1285. Ainda nesse período foi criado o Departamento de Assistência Social com clínicas capacitadas para atender 2000 pacientes, com 100 farmácias, 100 clínicas dentárias e dezenas de centros de puericultura e lactários. Além da ampliação da rede de ensino primário, a SEP passou a ter centros de estudos em várias faculdades, em escolas de agronomia e nas escolas técnicas. Evidentemente, preparando-se para a campanha eleitoral contra a ANL, o interesse pelas escolas primárias aumentou, bem como os cursos de alfabetização de adultos: ao lado da benemerência cívica, tratava-se de produzir alfabetizados, isto é, eleitores (CHAUÍ, 1978, p.102-103).

Entre as possíveis causas do crescimento se encontram, como fator externo, a criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935 e o recrudescimento dos motins comunistas (e conseqüentemente o aumento do anti-comunismo), e, como fator interno a maior atenção dada a assistência social e alfabetização de adultos. Ao mesmo tempo em que 1936 entra na história do movimento como o ano de maiores mudanças e de maior crescimento, esse será também o ano de maior conflito com representantes do governo.

Não apenas porque alguns governos estaduais declararam guerra aos comunistas e aos integralistas como duas ideologias “externas”, mas porque o integralismo entrou na esfera da política partidária com o lançamento de Plínio Salgado para a campanha da eleição presidencial disputando com representantes políticos que representavam o governo e outros grupos contrários ao integralismo. Dessa forma, de 1936 ao golpe de 10 de novembro de 1937, o integralismo vai-se desenvolver, de um lado favorecido pelo contexto pós-35 de atividade comunistas, mas, por outro, vai ser combatido pelos opositores políticos na campanha, sob o olhar vigilante e desconfiado de Getúlio Vargas (SILVA, 2002, p.33).

Cresce o integralismo, cresce a oposição e cresce a sua imprensa. Além de *A Offensiva* se tornar diária, outros diários surgem. Miguel Reale, no artigo “Os jornais e o integralismo”, faz um balanço tanto da conflituosa relação do movimento com a grande imprensa, quanto do crescimento da imprensa integralista.

O movimento do Sigma cresceu prescindindo do apoio da imprensa, sem o martelar do rádio, sem a cadeia das agências telegráficas. Pelo contrário. Contra o Integralismo se voltaram ameaçadores dezenas de jornais. Agências especializadas em infâmias e calúnias, procuraram, sem nenhum escrúpulo, enxovalhar o Chefe dos "camisas verdes" tentando inutilmente cobri-lo de ridículo e de opróbrío.

Apesar de tudo isso, não obstante toda essa bateria de infâmias, nós continuamos a nossa marcha.(...)

Agora que estamos fortes, que crescemos em virtude da nossa resistência e da nossa força interna, é que estão surgindo os jornais diários do Sigma. Há dois meses só havia um, *A Offensiva*. Depois vieram *A Razão*, de Fortaleza, *A Cidade*, de Recife e *Acção*, de São Paulo.

No dia 18 de dezembro, na ocasião em que será inaugurado o Congresso Integralista de Imprensa, Belo Horizonte nos dará uma folha diária: *A*

Montanha. No princípio do ano vindouro, teremos *A Revolução*, em Porto Alegre, e assim por diante. Dentro de seis meses, o Sigma apresentará a sua rede jornalística desde o Norte até aos pampas. Mas será um grupo poderoso de jornais independentes feitos para defender os interesses legítimos da nacionalidade.

Se quiser saber o que será a rede dos jornais do Sigma, eu sintetizarei assim: "Será exatamente o contrário do que é hoje a cadeia dos associados" (*A Acção*, 17/11/1936).

Tudo isso faz do *Ano Verde* um ano chave para o estudo da imprensa integralista. Não porque fossem os jornais e revistas integralistas a causa de tal crescimento – esta avaliação está fora de nosso alcance –, mas por refletirem a crença da chefia da AIB neste instrumento e a maior atenção dedicada a este quando aumentam suas pretensões eleitorais.

O ano termina com a realização do primeiro Congresso de Imprensa Integralista, em Belo Horizonte, convocado pela “necessidade de articular de viva voz a sua atividade para o ano vindouro, que tudo indica ser um ano decisivo para os destinos políticos do país” e com a criação da que seria a primeira *Escola Brasileira de Jornalismo*.

A análise de documentos e notícias extraídas dos próprios jornais integralistas mostra a grande importância que o movimento dedicava não só à imprensa partidária como forma de propaganda ideológica, mas também ao jornalismo como instrumento de formação política e ao jornalista como categoria profissional.

A primeira forma - o jornal como elemento de propaganda - é a mais evidente, na medida em que se tratava de seduzir e mobilizar adeptos para um movimento que aspirava ser de massas e, mais tarde, como um partido, buscar base eleitoral para as eleições presidenciais. Pode ser constatada pelo número de publicações, que, entre jornais e revistas, ultrapassava uma centena e pela unidade de conteúdo destes, refletindo a ideologia integralista.

O que nos parece ser uma “novidade” (por não ter sido tratado por nenhum dos autores que conhecemos) no movimento integralista, é a valorização dada ao jornal, pela sua função educativa, e ao profissional de jornal como classe profissional. Isso nos fica claro tanto no Manifesto-Programa, de janeiro, cujo último capítulo, "Colaboração da Imprensa com o Estado" promete não só a auto-regulação à imprensa, mas também participação dos membros dela como "parte integrante da direção do Estado", como nas teses apresentadas ao Congresso de Imprensa Integralista, onde três de oito eram referentes à “defesa social e econômica dos profissionais de imprensa”, e na proposta de

criação do que seria o primeiro curso de jornalismo do Brasil, em cujo currículo eram valorizados não só os aprendizados técnicos do ofício, mas principalmente conhecimentos históricos e sociológicos, importantes para a atuação "pedagógica" do jornalista.

2.3 A organização e profissionalização da classe jornalística

Os integralistas não foram pioneiros ao reivindicar a organização da classe jornalística. Nessa tecla já batera insistentemente o humilde repórter socialista de *O País*, Gustavo de Lacerda, até conseguir fundar, em 7 de abril de 1908 a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Gustavo de Lacerda não conseguira, no entanto, animar muitos colegas na sua luta “pela transformação do panorama econômico e moral dos ‘proletários intelectuais’, como denominava os jornalistas”. Na reunião fundadora da ABI compareceram apenas oito jornalistas, e sua atuação foi fraca até a década de 30. Somente em 1942 sua sede própria é fundada⁴⁴. Sodré (1983) explica parte desse desinteresse pelo fato de que a idéia original não distinguia classes – proprietários de jornais e pessoal de redação – e, pretendendo congregá-las em prol da “força orientadora da sociedade”, desagradava tanto a patrões quanto a funcionários.

Na década de 30, ainda no governo provisório de Getúlio Vargas, este dedica especial atenção à entidade, que a partir de então, começa a se fortalecer.

É interessante assinalar que a ABI teve o seu patrimônio enriquecido e tornou-se entidade poderosa justamente numa fase ditatorial, a do Estado Novo. Foi Getúlio Vargas quem mandou entregar à casa dos jornalistas os primeiros milhões de cruzeiros, quatro, para edificação da sede da Esplanada do Castelo; ali esteve em 1931, quando foi proclamado presidente de honra da ABI; em 1934, quando discursou, afirmando ser a classe “**desprotegida, relegada e esquecida**” e desejando que a ABI se transformasse “**num centro de estudos e de cultura, numa oficina de trabalho em proveito da comunhão nacional**”; foi feito sócio benemérito dela, em 1936; assinou, em 1938, a lei reguladora do trabalho dos jornalistas profissionais; visitou a sede nova em 1942, ao fim das obras, e em 1944, para a inauguração do busto de Pedro Ernesto, quando esclareceu, em discurso, que a imprensa, no início do século, “caracterizava-se como uma semiprofissão de homens inteligentes e desorganizados, oscilando entre a boemia e o aluguel de aptidões intelectuais, a dedicação extrema ao bem público e os arranjos dos bastidores públicos”; voltou, pela última vez, em 1952 (SODRÉ, 1983, pp. 309-310, grifos meus).

⁴⁴ A ABI viveu, por algum tempo, na sobreloja de *O País*, e rolou, de 1908 a 1942, por sete sedes, vivendo até de favor num quartel da polícia militar. (SODRÉ, 1983, p.309)

O Manifesto-Programa de 1936, com o qual os integralistas pretendiam concorrer à presidência da República, pretendia aprofundar a relação do Estado com os jornalistas, como se vê no décimo⁴⁵ capítulo “Colaboração da Imprensa com o Estado”, onde se propõe uma “revolução na imprensa”, confiando-lhe auto-direção e recursos materiais para que pudesse usufruir da “verdadeira liberdade”, limitada, segundo eles, pelas dificuldades financeiras que a subjugava aos interesses dos capitalistas. Destaca-se no texto o trabalho do jornalista, o quão árduo e explorado é, e o quão reconhecido deveria ser. Busca-se uma solidariedade, ou uma relação de “mútua confiança” entre Governo e Imprensa. A liberdade em relação ao Estado aparece no texto, mas se choca com o interesse de se tornar a imprensa parte atuante dentro do “Estado Integral”, sendo inclusive financiada por este. Reproduzimos a seguir, na íntegra, o capítulo que trata dessa relação:

X – COLABORAÇÃO DA IMPRENSA COM O ESTADO⁴⁶

Longe de sufocar a liberdade de imprensa, o Integralismo quer dar a ela uma grande missão de colaboradora direta do Estado. Quer que ela seja, ao mesmo tempo, **orientadora da opinião, formadora de uma consciência nacional, esclarecedora dos órgãos do governo** acerca das questões concretas com as quais ela está em contato permanente.

Para que a imprensa possa elevar-se no conceito da massa impondo-se pela sua dignidade e honestidade, cumpre dar às empresas jornalísticas e aos jornalistas profissionais **garantias materiais sólidas e prestígio moral** indispensável.

Numa palavra, assegura a liberdade à imprensa, pois de há muito, as dificuldades materiais tiraram à maior parte de seus órgãos a possibilidade do exercício da liberdade.

Para que um jornal possa ter uma opinião livre precisa estar a salvo de “amigos” cujas injunções nem sempre consultam os anseios da liberdade que vibram dentro de uma redação.

Amparar liberdade deve ser, antes de tudo garantir materialmente, e as garantias materiais exigem uma regulamentação com o objetivo de eximir os órgãos da imprensa da concorrência levada ao seu máximo exagero, e **das condições de estabilidade financeira para a qual deve contribuir o próprio Estado**, abertamente, mediante consignações no orçamento, a fim de que exista a verdadeira liberdade de orientação jornalística.

Desde que se trate de empresas respeitáveis, que se imponham pela sua organização, pela responsabilidade dos nomes que constituem a sua direção, pelas bases materiais indispensáveis, **cumpra ao Estado dar-lhe garantias e privilégios especiais que a ponham a salvo da concorrência dos órgãos sem lastro material, moral ou intelectual, que só têm servido para desorientar a opinião pública**, fazendo escândalos, retalhando reputações, explorando os crimes, superficializando o nível da inteligência popular e brutalizando-a por despertar nela os baixos instintos.

⁴⁵ Os outros capítulos do *Manifesto-programa* são: I – Organização corporativa do Estado; II – Economias e Finanças Nacionais; III – Defesa nacional, segurança pública e ordem política; IV – Relações Exteriores e Política Internacional; V – Direito e organização judiciária; VI – Sindicalismo e justiça social; VII – Belas Artes; VIII – Educação; IX – Funcionalismo Público e Administração

⁴⁶ *Monitor Integralista*, n. 14, 15/5/1936

O estudo dessa regulamentação, longe de ser feito por estranhos à classe jornalística, como até agora têm sido em todos os assuntos referentes à imprensa, inclusive a famosa “lei scelerada”, ao contrário, no Estado Integral, **será executado pelos próprios órgãos representativos da imprensa brasileira.**

As associações de imprensa do país, constituindo uma corporação de caráter cultural, não somente terão representantes políticos muito mais numerosos e eficientes no Senado da República e nos Conselhos Provinciais, como assumirão um papel relevantíssimo na vida do país, no qual se acha incluída a sua função auto-diretiva, **a capacidade da própria classe governar-se e decidir de seus destinos** sem necessidade de interferência de estranhos.

Livre da interferência de políticos, a classe jornalística elaborará, ela própria, leis visando seus interesses, sua moralização, seu prestígio para as levar à apreciação do Presidente da República.

O Integralismo **condena toda a espécie de censura diretamente exercida pelo Governo**, preferindo antes pela elevação da dignidade da imprensa e reconhecimento dela como um real poder, **identificá-la ao Estado**, sobre o qual ela influirá pela honestidade e patriotismo que criarão uma **atmosfera de mútua confiança entre Imprensa e Governo**. Pois, a Imprensa, entrosada no mecanismo de Estado, não absorvida ou escravizada, mas guardando os lineamentos próprios de sua personalidade livre e sua posição nitidamente definida, **torna-se, ela também, parte integrante da direção do Estado.**

Até agora têm-se chamado à imprensa “quarto poder”, mas na realidade, esse “quarto poder” é permanentemente explorado e humilhado por todos. Ao jornalista se fazem mesuras quando dele se precisa, mas em seguida é desprezado e apontado como vendilhão ou bajulador. Desde o mais humilde repórter, até aos diretores de jornal, **nós vemos homens dedicarem uma existência inteira a trabalhar para o país, e o exercício desse trabalho árduo, em que gastam com as noites consumidas, a própria energia vital, eles são explorados mil vezes construindo reputações alheias, lançando nomes, concorrendo para a prosperidade política ou financeira de muitos sem receber um ceitil e tidos e havidos como penas vendidas.** Essa situação das empresas jornalísticas e dos jornalistas brasileiros está exigindo uma verdadeira e profunda revolução da Imprensa. **Ela que tem concorrido para revoluções dos outros, ainda não fez a sua própria revolução.** Continua escrava e desprezada, sem liberdade porque não disciplina os ritmos de seus interesses. Adoçam-lhes os lábios com uma falsa liberdade, agradam-na quando precisam dela, e o jornalista nada significa realmente junto aos poderes públicos.

Dando auto-direção à Imprensa, definindo-lhe as responsabilidades perante a Pátria, facultando-lhe poderes de defesa material e moral, confiando-lhe uma missão no Estado, elevando e dignificando o jornalista, cuja profissão será criada com todas as garantias, o Integralismo realizará uma verdadeira revolução nesse importante setor social (*Monitor Integralista*, n. 14, 15/5/1936, grifos meus).

Os trechos destacados revelam uma tentativa de cooptação da imprensa e dos jornalistas através da valorização de seu trabalho e promessas de maior reconhecimento num futuro “Estado Integral”. Com isso, acreditamos que os integralistas buscavam, de um lado, o apoio da imprensa para sua campanha presidencial, e posteriormente, se ganhassem as eleições, o aparelhamento dela pelo Estado.

O empenho dos integralistas na organização da classe jornalística é fortalecido na realização do I Congresso de Imprensa Integralista, que começa a ser organizado em

novembro de 1936 como manifestação do corporativismo pregado pela doutrina integralista.

À medida que se realizam congressos desta sorte, as classes profissionais vão se estruturando, se aglutinando, tomando corpo e fisionomia: são inúmeros profissionais que vão se unir em uma cidade: este acontecimento tem um sentido muito mais amplo e mais profundo pois consegue aproximar elementos de uma só classe que habitam diversos pontos do país.

Pode-se por aí já ter uma idéia do que seja no futuro quando todas as forças orgânicas da Nação estiverem fundidas e amalgamadas, quando estiver organizada a Câmara Corporativa, disciplinadamente, condicionada a um ideal mais forte e mais remoto (*A Acção*, 30/11/1936).

No mesmo artigo citado acima, são destacadas ainda as dificuldades, não só de realizar congressos dessa espécie, mas de construir a unidade nacional em torno de uma idéia nos moldes fascistas.

Atrás desse congresso, inúmeros outros se têm realizado: congressos estudantis, conclaves de toda espécie, todos esses acontecimentos são dignos de nota quando se considera a dificuldade que se tem em condução, pouco dinheiro, grandes distâncias, etc.

Quando Mussolini deflagrou o fascismo na Itália tinha uma botazinha pequenina para andar por cima, Hitler mais ou menos a mesma coisa, Portugal, este então, nem se fala. Aqui as coisas são mais duras: distâncias enormes a serem percorridas, dificuldades de transporte, etc. Construir o Brasil é muito mais difícil do que construir a Alemanha e a Itália (*A Acção*, 30/11/1936).

A comparação com os países fascistas, assim como a preocupação com a formação dos jornalistas e com o fortalecimento desses enquanto corporação é digna de destaque, especialmente quando se lembra que toda a estrutura do partido era uma prévia do Estado Integral. Nesse sentido, não há dúvidas de que a imprensa seria um braço (ou “aparelho ideológico”) do Estado, da mesma forma que ocorrera na Itália e Alemanha.

“Num regime totalitário, como deve ser necessariamente um regime resultante de uma revolução triunfante, a imprensa é um elemento deste regime, uma força a serviço desse regime; num regime unitário, a imprensa não pode ser estranha a essa unidade”(MUSSOLINI apud GIRON, 1994, p.249).

O Congresso de Imprensa finalmente tem lugar em 18 de dezembro, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Comparecem, conforme a ata final, representantes de 60 jornais integralistas. Além de questões relativas à classe jornalística, que aparecem em três das oito teses apresentadas, será o momento de discutir a organização e o conteúdo dos jornais do Sigma e de, sobretudo, ouvir as orientações do Chefe Nacional para o próximo ano que seria de eleições presidenciais se não fosse de golpe de estado (Estado Novo).

Três importantes lideranças tomam a palavra: Gustavo Barroso, Olbiano Melo e Plínio Salgado. O capítulo do Manifesto-Programa “Da colaboração da imprensa com o Estado” é ratificado e destacada na parte da suposta liberdade de imprensa pelo secretário nacional de propaganda, Paulo Lombra Ferraz, que “declara que o Integralismo pretende dar aos jornais auto-direção, sendo a censura feita pelas instituições jornalísticas, sem nenhuma interferência do Governo”.

A opinião de que a função do jornalismo é doutrinar parece ser unânime. As falas das lideranças têm tons específicos. A de Gustavo Barroso confirma seu anti-semitismo e dá um tom místico ao papel do jornal integralista.

A revolução dos jornalistas. Reporta-se a início da imprensa, dizendo que o seu inventor teve em mira dotar os homens de mais um instrumento para se aperfeiçoarem e para se amarem. No entanto, a Imprensa, como tantos outros inventos havia sido desvirtuada, e em vez de dirigir a humanidade para os grandes destinos, faz retrogradar para nível inferior, contrariando os fins do seu criador. **A Imprensa de hoje é um instrumento de calúnias, de intrigas, sob o domínio das forças secretas internacionais.** Compara o jornalista quando entra para o jornal com o papel. Como ele, o jornalista entra limpo, de alma pura, com a consciência tranqüila, e depois de alguns anos de serviço sai como o papel depois de impresso, sujo e imprestável. Diz que o integralismo deseja que o **jornalismo seja um verdadeiro sacerdote.** Que o jornalista deve ser respeitado como o sacerdote da idéia. **E deve portanto o jornalista se compenetrar de seu papel e não vender sua pena ao judeu internacional.** (...) Cita uma passagem do profeta Ezequiel sobre o Juízo Final em que diz que os pesos se moverão, e as carnes pegarão os ossos, levantando-se os vivos e encetando a marcha. Compara com o nosso país, dizendo que as ossadas das instituições, do caráter, na pureza, do patriotismo, da moralidade do jornalismo, ouviram um dia a trombeta do Chefe Nacional e a vida chegou às ossadas e os corpos de levantaram, iniciando a marcha verde, a grandiosa marcha verde que nunca mais parará.⁴⁷

Olbiano de Mello aproveita sua fala para homenagear os pequenos jornais integralistas, especialmente os que já não mais atuam, como “Columna de Fogo”, o “Legionário”, “Era Nova” e “Satellite”, que foi o jornal que se seguiu ao empastelamento de “A Razão”. Num ato que lembra o culto aos mártires integralistas, “o presidente [do Congresso] diz que constará da ata um voto de louvor e de saudade a todos os jornais que iniciaram o Movimento do Sigma e que hoje já desapareceram”.

Outra missão dos jornalistas integralistas destacada é a de responder às calúnias, tornando-se então “soldados da calúnia”.

Não se lhes exige o sangue, mas exige-se-lhes que seus olhos estejam sempre postos na calúnia e na inveja. São os jornalistas do Sigma os homens que

⁴⁷ As próximas citações são extraídas da ata final da solenidade de encerramento do Congresso de Imprensa Integralista, 18/12/1938, disponível no Arquivo Municipal de Rio Claro (SP) e os grifos são meus.

fazem a verdade, que desmentem as intrigas e as calúnias. Refere-se ao fato singular de o Integralismo ser o único partido que criou uma opinião pública, enquanto os demais partidos políticos do país não têm atrás de si um movimento de vontade popular a quem informar.

A ata informa que o presidente do Congresso apresentara algumas sugestões, mas só explicita que *O Monitor Integralista* deveria se tornar o diário oficial da AIB. Por fim, o orador elogia o congresso como um momento de auto-crítica: “Todos apontaram os defeitos do seu jornal, sem temer ferir susceptibilidade alguma. Fala da solidariedade dos jornais do Sigma, dizendo que formam a maior cadeia jornalística do país”.

Finalmente, a fala de Plínio Salgado, que lê o código de ética jornalística entre aplausos, para depois dar as orientações para a atuação no ano de 1937, especialmente no que tange as eleições presidenciais.

Neste instante, em que tratamos do futuro, os políticos discutem o eterno jogo do bicho, para ver que bicho deve dar na próxima loteria da politicagem nacional. É assim que se joga com os destinos do Brasil. É assim que se faz democracia!

Ainda sobre as eleições, Plínio Salgado diz que “o nosso candidato é esse (e mostra o Manifesto-Programa). Votaremos em quem o cumprir. Não olhamos homens, mas sim idéias”. A ata destaca a palavra de ordem: “a palavra de ordem a respeito da sucessão é silêncio. O Integralismo é um grande observatório, e só se pronunciará quando todos se revelarem”. Na edição de *Revolução*, de Porto Alegre, encontramos na capa, após o congresso, o código de ética e o seguinte destaque:

Jornalistas: esta é a minha palavra de ordem sobre o problema da sucessão presidencial: silêncio; vamos ver primeiro o que eles querem fazer conosco; direi depois o que vamos fazer com eles (*Revolução*, n.29, 12/1/1937, capa)

Outra indicação de Salgado é sobre o combate aos inimigos: comunismo e liberal-democracia.

Diz que quem não combate o liberalismo dissolvente não tem idoneidade para combater o comunismo que é a própria liberal-democracia sob um outro aspecto. (...) Em consequência disso, os que aceitam a filosofia liberal não têm direito de combater o comunismo. “Nós, diz o chefe dos camisas verdes, é que temos esse direito, porque somos contra a civilização materialista”.

Mas o congresso não foi só discurso. Ao longo de três dias, os representantes de jornais integralistas discutiam as teses (quadro 1), que foram apresentadas previamente e divulgadas nos principais jornais.

Quadro 1**I Congresso Nacional de Imprensa Integralista****Teses apresentadas previamente divulgadas no jornal *Acção* de 30/11/1936****1ª comissão**

Tese: quais os tipos de jornal mais convenientes aos problemas de atuação da imprensa integralista?

2ª comissão

Tese: há conveniência em multiplicar o número de jornais integralistas nos municípios ou deve-se concentrar esforços para manter órgãos de maior porte influenciando numa região?

3ª comissão

Tese: a) quais as sugestões do congresso sobre a organização financeira da imprensa integralista? b) como articular no consórcio “Sigma Jornais Reunidos” os interesses de publicidade dos jornais que o compõem?

4ª comissão

Tese: em face do sensacionalismo policial, como devem se comportar os jornais integralistas?

5ª comissão

Tese: a imprensa integralista tem alguma posição uniforme a assumir em matéria de Cinema, Música, Teatro e demais artes?

6ª comissão

Tese: como organizar nos quadros atuais do governo da República a defesa social e econômica do trabalhador de imprensa?

7ª comissão

Tese: que instituições poderiam ser criadas pela iniciativa particular para atender as necessidades de defesa social e econômica dos trabalhadores de imprensa?

8ª comissão

Tese: qual o programa de reivindicações mínimas em matéria de trabalho dos redatores, revisores e gráficos brasileiro?

Percebe-se que a preocupação dos responsáveis pela imprensa integralista girava em três eixos: a organização própria da estrutura de imprensa, com questões relativas a quantidade e tipos e financiamento de jornais; o conteúdo, no qual a questão do jornal doutrinário não é levantada, sendo discutidos somente os pontos sobre sensacionalismo e sobre cultura; e, finalmente, as questões sobre a organização da classe dos trabalhadores de imprensa.

Na ata final, encontramos pareceres somente das comissões 4 e 5, relativas ao conteúdo, que são deveras vagos. Da 4ª comissão:

“O relator, depois de estudar longamente as causas e os efeitos do sensacionalismo policial e de exprimir o que ele representa como degenerescência do gosto do público, salienta a missão educacional da imprensa do sigma e sugere ao congresso várias conclusões tendentes a conciliar os deveres educativos com os deveres de publicidade dos jornais”.

E da 5ª comissão:

“O relator, depois de considerar a importância da atuação da imprensa na formação do sentido artístico popular e de mostrar que o Integralismo é esteticamente um movimento renovador no sentido da arte moderna, propõe que os jornais do Sigma mantenham as seções de crítica orientadas pelas necessidades constantes de renovar e educar o gosto popular. Foi aprovado”.

As demais teses não constam na ata final, mas aparece uma 11ª tese, de Alfredo Buzaid⁴⁸, que propõe a criação de uma “ordem dos jornalistas”, que, embora não entre em detalhes, nos remete a discussão recente (2004) sobre a criação de um Conselho Nacional de Jornalismo proposta pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), e que parece ser uma alternativa de resposta às questões classistas.

Da 11ª comissão especial veio a plenário o parecer sobre a tese do senhor Alfredo Buzaid, diretor da Gazeta de Jaboticabal, propondo que o integralismo sugerisse a criação da “Ordem dos Jornalistas” nos moldes da “Ordem dos Advogados”. A comissão técnica opinou:

- 1) A SNI poderá submeter um anteprojeto a apreciação do Chefe Nacional.
- 2) Aprovado o anteprojeto, constituirá ele subsídio para que a representação do Integralismo na câmara federal apresente um projeto de lei.

Da mesma forma que pretendiam uma organização corporativa da classe jornalística, os integralistas manifestavam-se a favor de uma profissionalização do setor.

⁴⁸ No futuro, Alfredo Buzaid viria a ser o Ministro da Justiça da ditadura militar, no governo Gal. Médici.

A mesma resolução que definia a realização do Congresso de Imprensa Integralista, também definia que o Integralismo deveria criar a Primeira Escola de Jornalismo do Brasil. A crença no papel educativo da imprensa e a grande importância dedicada a ela ficam claras nesse artigo que noticia a criação da escola:

O Brasil tem academia de corte e de costura. Tem escola de samba, professores de dança e de boas maneiras. O que não tinha ainda era uma escola para ensinar a se fazer jornal.

Entretanto, a imprensa no Brasil, como temos afirmando aqui mais de uma vez, é um problema de uma seriedade enorme, uma das coisas que devem fazer a gente pensar com mais cuidado e com mais profundidade. A nossa imprensa tem nos ombros, mesmo quando não desconfia disso, uma parcela imensa de responsabilidade pelo futuro do Brasil, pelo destino do seu povo, pela colocação de sua civilização na história.

Porque o jornal tem de suprir até certo ponto a deficiência do livro que é caro e não circula desimpedidamente e da biblioteca que em geral não existe na maioria das nossas cidades do interior como comprovam as estatísticas.

O veículo de circulação cultural e de aperfeiçoamento individual e coletivo, é necessário por isso que seja o jornal. Dessa o jornal não escapa.

Cumprido, portanto, ao jornalismo brasileiro se aparelhar para enfrentar essa missão que as condições nacionais criaram e lhe impuseram irremediavelmente. **O jornal precisa estudar para ensinar.** Precisa aprender muito para poder ensinar com desembaraço. O jornal precisa ter o hábito de ler e precisa ler muita coisa para assimilar e distribuir idéias, para se tornar um fator positivo e criador na economia da educação do povo.

É muito comum a gente encontrar um jornal moderno do Rio e de São Paulo ou de outra cidade em uma casa de família ou em uma venda de povoado distante e inculto onde a biblioteca, quando existe, se resume num livro de receita de doces e noutro de histórias da Carochinha.

O jornalista no Brasil está por isso forçosamente mais em contato com a massa, com o povo, do que o autor de livro, o técnico de educação ou de higiene, o orientador, o moralista, o ficcionista.

E quem já pensou em tudo isso não pode deixar de ver com bons olhos, com olhos de alegria e satisfação, a iniciativa do Integralismo criando uma Escola de Jornalismo que a própria realidade nacional impunha. Essa iniciativa revela mais uma vez o realismo da política construtiva erguida pelo Integralismo. E dá ao Brasil uma instituição das mais necessárias e mais valiosas (*A Acção*, 30/11/1936, grifos meus).

Como lembrado anteriormente, não há evidências de que o plano de criação da escola de jornalismo tenha saído do papel. Os estatutos e o currículo do curso foram divulgados no Congresso de Imprensa Integralista. As aulas começariam em março de 1937, mas não foram encontrados registros nos jornais, tampouco em documentos, de sua efetivação. O que encontramos foram notícias sobre sua futura criação, destacando que seria uma escola aberta também àqueles que não eram membros do partido, a partir de um exame de admissão, e seus objetivos educativos.

Conforme o estatuto redigido por Américo Lacombe, apresentado no Congresso de Imprensa, “a escola brasileira de jornalismo é uma sociedade civil, com sede e foro na capital da República, que tem por fim ministrar o ensino das disciplinas necessárias

ao exercício da profissão de jornalista e também promover e incentivar a realização de pesquisas de ordem técnica e histórica sobre o jornalismo e a publicidade, especialmente no Brasil”⁴⁹. A seriação proposta está no artigo 3º do estatuto:

1º ano (1º período)

- a) Língua e literatura nacionais
- b) História da civilização (até a revolução francesa)
- c) Ciências sociais
- d) Artes gráficas (composição e impressão)
- e) Direito Constitucional e Administrativo

1º ano (2º período)

- a) Língua e literatura nacionais
- b) História da Civilização (contemporânea)
- c) Ciências Sociais
- d) Artes Gráficas (paginação e revisão)
- e) Técnica editorial
- f) Elementos de história das doutrinas econômicas.

2º ano (1º período)

- a) Problemas econômicos contemporâneos (internacionais);
- b) Técnica de reportagem;
- c) Publicidade
- d) Ética e história do jornalismo
- e) Criminologia e Polícia
- f) História e Sociologia brasileiras

2º ano (2º período)

- a) Problemas econômicos (nacionais);
- b) Publicidade;
- c) Técnicas de reportagem;
- d) Administração e Legislação de Imprensa (elementos)
- e) Problemas políticos contemporâneos
- f) História e sociologia brasileiras

Apesar de propalarem a primeira escola de jornalismo, mais uma vez se constatará que não foram tão pioneiros assim. O quadro sobre a evolução do ensino de comunicação no Brasil apresentado por Maria Helena Weber (2000, p.169) indica que a primeira proposta de criação de um curso de jornalismo fora feita em 1918 no Congresso Brasileiro de Jornalistas, apresentando uma formação mais técnica com disciplinas a partir de um jornal-laboratório, baseada nos moldes das organizações norte-americanas. Em 1935, uma nova tentativa, dessa vez valorizando a formação humanística do profissional de jornalismo, parte de Anísio Teixeira na Universidade do

⁴⁹ A íntegra do estatuto se encontra na Enciclopédia do Integralismo, V.9, p. 194-205

Distrito Federal. Tanto o curso, quanto a própria Universidade são fechadas pelo Estado Novo. Em 1943, Vitorino Prata Castelo Branco “inicia uma série de palestras e conferências na sede da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, culminando no [que é considerado o] primeiro Curso Livre de Jornalismo no Brasil” (DIAS, 2004). Curioso notar que o criador desse primeiro curso que se tem notícia de efetivação, Castelo Branco, fora também um simpatizante da Ação Integralista Brasileira, contribuindo até mesmo com um donativo no valor de 50\$000⁵⁰, conforme artigo de Osni Dias (2004).

Até aqui, reconstituiu-se a história da imprensa integralista aliada à história do próprio movimento. Destacou-se a importância e a missão atribuída a esse instrumento e ao profissional de jornal pelos integralistas. Pouco se falou, no entanto, dos jornais em si. Antes então de entrar na análise de conteúdo dos jornais, é interessante apresentar o que fora a imprensa periódica integralista, excluindo, portanto, os livros e os panfletos, que apesar de importantes materiais de propaganda e doutrina, não constituem objeto de nosso estudo.

2.4 O complexo editorial integralista: jornais e revistas

Segundo Cavalari (1999), em 1937 a Imprensa Integralista era representada pelos seguintes órgãos de publicidade: 8 grandes diários: *A Offensiva*, do Rio de Janeiro, *A Acção*, de São Paulo, *O Imparcial*, da Bahia, *Diário do Nordeste*, do Recife, *A Província*, de Maceió, *A Razão*, de Fortaleza, *Acção*, de São Luiz do Maranhão e *Correio da Noite*, de Porto Alegre. Havia a previsão de mais dois grandes diários integralistas, um em Belo Horizonte e outro em Curitiba; 105 hebdomadários e quinzenários espalhados por todas as Províncias; 3 revistas ilustradas: *Anauê!* e *Brasil Feminino*, no Rio de Janeiro e *Sigma*, em Niterói; uma revista de alta cultura: *Panorama*, de São Paulo; o *Monitor Integralista*, jornal oficial da AIB; além de cerca

⁵⁰ Até 1º de novembro de 1942, a moeda brasileira era o "real" (também chamado de "réis"). Durante o período estudado, devido à inflação no período anterior, a unidade básica era o mil-réis, grafados como Rs 1\$000. Um tostão representava cem réis, grafado como Rs \$100. Um milhão de réis, chamado "um conto de réis", era grafado como Rs 1:000\$000. Em meados da década de 30, Rs 1\$000 equivalia a aproximadamente R\$2,50 em dinheiro de 2006. Em 1942, os réis foram substituídos pelo Cruzeiro.

de 3.000 boletins, semanais e quinzenais, impressos ou mimeografados, referentes ao serviço de cada núcleo.

Cada publicação tinha custeamento próprio, sob responsabilidade de seus diretores. Os jornais eram vendidos e também distribuídos mediante assinatura. Além disso, contavam com considerável número de anunciantes. O verbete dedicado ao jornal *A Offensiva* no Dicionário Histórico Biográfico do CPDOC (p.4140) informa ainda que aquele jornal era editado “graças a coletas especiais de dinheiro efetuadas em firmas alemãs, italianas e japonesas”.

Dos diários, não resta dúvida de que *A Offensiva* fora o mais importante deles, sendo, aliás, o único que consta, ainda que em breve citação, na *História da Imprensa no Brasil*, de Werneck Sodré (1983). Editado no Rio de Janeiro e dirigido pelo chefe nacional, Plínio Salgado, foi o de vida mais longa - fundado como semanário em 17 de maio de 1934, torna-se diário em janeiro de 1936, e finalmente é extinto em março de 1938. Aliás, como já destacamos, 1936 será o ano mais significativo para o movimento e a imprensa integralista. Os demais diários datam todos deste ano, fazendo parte de uma estratégia tanto de autodefesa, em vista das constantes críticas contra o movimento em veículos da grande imprensa, como de propaganda, visto que a AIB pretendia lançar candidato para as eleições presidenciais de 1938⁵¹. Outro importante diário integralista que tivemos acesso foi o *Acção*, coordenado por outra liderança do partido, Miguel Reale. Fundado em 6 de outubro de 1936 em São Paulo, circulou até 23 de abril de 1938. De modo geral, os diários traziam, além da divulgação doutrinária direta, notícias nacionais e internacionais. Na verdade, era apenas uma forma mais atualizada de divulgar a doutrina, visto que as notícias selecionadas eram ou o ataque aos inimigos (liberal-democracia, comunismo, judaísmo, capitalismo internacional) ou louvações à expansão do fascismo no mundo, considerando-se parte desse processo. Adequando-se também às exigências do jornalismo empresarial, as folhas traziam ainda página dedicada ao esporte, ao cinema, ao rádio, teatro, saúde e polícia, além de contar com a página feminina, ou da “blusa verde”.

Os semanários e quinzenários locais variavam conforme a estrutura e as condições financeiras de cada núcleo. Alguns, não passavam de divulgadores e repetidores da doutrina e de notícias do movimento, reproduzindo muitas vezes matérias dos grandes diários, como apontou Cavalari (1999). Outros conseguem apresentar

⁵¹ A eleição não ocorreu devido ao golpe do Estado Novo, em novembro de 1937.

alguma originalidade, com articulistas próprios e notícias (sempre com a interpretação partidária) locais, ainda que no plano geral, mantenham a unidade ideológica e até mesmo certo padrão estilístico.

As revistas ilustradas formam um investimento em propaganda significativo. Com bom padrão estético, a de maior destaque foi a *Anauê!*, fundada em janeiro de 1935 com o objetivo de “divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista (...), ser o espelho da alma integralista” (*Anauê!*, n.1, janeiro de 1935). Fundada e inicialmente dirigida por Eurípides Cardoso de Menezes, em março de 1937, a revista é vendida a Manoel Ferraz Hasslocher, chefe de protocolo da AIB, que assume a direção ao lado de Loureiro Junior e Almeida Salles, e inicia a chamada segunda fase da publicação, que durará até o fim daquele mesmo ano. A revista *Brasil Feminino* não foi criação integralista. Dirigida por Iveta Ribeiro, a revista converte-se ao *Sigma*, inicialmente, dividindo a “parte integralista” do restante, para finalmente apresentar conteúdo quase totalmente dirigido à doutrinação das “blusas verdes”. Já a revista *Sigma* surge em Niterói (RJ) em setembro de 1937, sendo esse provavelmente o único número publicado. Tinha a pretensão de ser, além de divulgadora da doutrina, uma revista com fins culturais para difundir trabalhos literários fluminenses, mesmo os não integralistas.

A chamada revista de alta cultura era a *Panorama*. Fundada no final de 1935, por iniciativa de Rui Arruda Camargo, dirigida por Miguel Reale, da Secretaria Nacional de Doutrina, tinha por objetivo formar a elite dirigente integralista, desenvolvendo “partes relativas à Filosofia, Economia, Finanças, Direito, Pedagogia, História, Sociologia, Arte, Literatura, num trabalho notável com colaboração das ‘elites’ integralistas, que trazem consigo a independência de um Pensamento Novo, a aspiração de liberdade de uma Pátria e de um continente, o arrojo de uma juventude”.⁵²

O *Monitor Integralista* tinha um caráter diferenciado dos demais. Sem periodicidade definida, o jornal funcionava como uma espécie de diário oficial da AIB, no qual eram publicados as resoluções da direção nacional e os regulamentos das diferentes secretarias e departamentos. Acontece que a periodicidade incerta fazia com que muitas vezes uma resolução fosse publicada somente meses após, como o Manifesto-Programa, lançado em janeiro de 1936, e publicado pelo *Monitor* somente em maio, embora os demais jornais o tenham feito no momento do lançamento. Apesar

⁵² SALGADO, Plínio. *Panorama*. Artigo publicado em *O Integralista* (órgão oficial do departamento universitário de São Paulo), São Paulo, novembro, 1935

desse problema, no Congresso de Imprensa Integralista é decidido que “só haverá um jornal oficial do Integralismo o qual será o *Monitor Integralista*. Os demais serão organizações particulares, sob a responsabilidade de seus diretores, e que formam a grande guarda avançada”⁵³.

Em dezembro de 1937, a incipiente ditadura estadonovista resolve suprimir todos os partidos políticos, inclusive a AIB. Os integralistas se sentiram traídos, pois naquele ano tinham realizado grande marcha para demonstrar sua disponibilidade para com o “Chefe da Nação”. Vargas oferece o cargo de Ministro da Educação para Salgado, mas este não aceita. Para continuar sua campanha doutrinária legalmente, a AIB converte-se novamente em sociedade civil e passa a se denominar Associação Brasileira de Cultura (ABC). Dessa forma, a imprensa partidária sobrevive ao fim do partido - pelo menos até maio de 1938. Nessa data, os integralistas organizam o malfadado atentado a Vargas, que ficou conhecido como Intentona Integralista. O resultado é o fim da tolerância da ditadura para com a ABC, com a prisão e exílio dos seus líderes. É o fim da imprensa integralista. Muitas de suas idéias, no entanto, se concretizam na criação, durante o Estado Novo, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), da Divisão de Imprensa, cuja função incluía “assistir ao jornalista e defender sua missão” e do Conselho Nacional de Imprensa (CNI), que mediava “a ação da censura com os donos de jornais e auxiliava na cooptação dos jornalista” (MALAVOLTA, 2006, p. 77).

Em 1945, com a redemocratização, ex-militantes integralistas organizam-se em um novo partido, o Partido de Representação Popular (PRP) e, em certa medida rearticulam considerável estrutura de imprensa partidária, mantendo um semanário de âmbito nacional *Idade Nova*, uma revista ilustrada, *Avante*, e alguns boletins locais (CALIL, 2001, p.201-205).

⁵³ Ata da sessão solene de encerramento do I Congresso de Imprensa Integralista. Belo Horizonte, dezembro, 1936, disponível no Arquivo Municipal de Rio Claro (SP).

III

OS TEMAS DA IMPRENSA INTEGRALISTA

Conforme a concepção leninista apresentada na primeira parte do trabalho, a imprensa partidária pode assumir como funções a propaganda, a agitação e a organização do partido. A partir dos artigos dos integralistas sobre a questão, percebe-se que a função delegada por eles à imprensa seria a de “orientação das massas”. Pretende-se verificar agora quais e como as funções se apresentam nas páginas dos jornais integralistas. Para isso, em primeiro lugar, faremos uma breve retomada dos estudos já existentes sobre a temática. Depois, a explicitação da metodologia adotada e do corpo de jornais analisados, para, finalmente, analisar a evolução de diferentes temáticas no espaço de maior destaque dos periódicos e como esses temas respondem às funções do jornal.

Viu-se que a imprensa integralista contou com uma grande estrutura, que chegou a comportar mais de cem jornais e duas revistas. Dentre essa centena de veículos impressos, 8 eram jornais diários produzidos nos principais centros, e o principal deles fora *A Offensiva*, tanto por ter sido o jornal nacional e o periódico que teve a maior duração dentre os jornais da AIB (1934-38), quanto por ser dirigido pelo próprio chefe nacional, Plínio Salgado.

Apesar de boa parte dessa estrutura ser uma fonte preciosa para os estudos sobre integralismo, apenas em dois autores a encontramos enquanto objeto de análise mais sistemática. Cavalari (1999) consagrou um capítulo do seu *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-37)*; Rodrigo Oliveira (2004)

também dedicou um capítulo à imprensa na dissertação “*Perante o Tribunal da História*”: *o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira*.⁵⁴

Em termos gerais, ambos os autores concordam que a função dos jornais era a difusão e a popularização da doutrina de modo a torná-la mais acessível e homogênea para os militantes e também para os simpatizantes e grande público. De fato, esse era objetivo primordial, como comprovam os editoriais de lançamento de alguns jornais, como veremos adiante. Mas precisariam os integralistas de tantos jornais para esse fim? Analisando suas páginas percebemos que a função do jornal, assim como no modelo leninista, vai além da propagação doutrinária, constituindo também um importante fator de estruturação e organização do movimento. Isso é o que buscamos decifrar mais adiante.

O acesso a diversas publicações dos camisas verdes possibilitou a percepção de certa uniformidade, tanto temática, quanto na configuração gráfica, já identificada por Cavalari (1999).

O sentido único das publicações integralistas pode ser entendido como sendo dotado de uma dupla natureza: único no sentido de veicular as mesmas idéias, mas único também no sentido de obedecer à mesma forma de diagramação, aos mesmos dispositivos tipográficos (CAVALARI, 1999, p.83).

Considerando-se, porém, a grande quantidade de jornais espalhados pelas mais diversas localidades, cabe a ressalva de que essa uniformidade não significa mera reprodução, como a autora sugere ao se referir às semelhanças entre os grandes jornais diários e os pequenos semanários e quinzenários locais. Para a autora, “os jornais do interior, aqueles que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento. No caso, São Paulo e Rio de Janeiro” (CAVALARI, 1999, p.79). Oliveira diverge de Cavalari. Segundo ele, “a maior parte das matérias assinadas que encontramos em nossas pesquisas era de membros dos núcleos que produziam os jornais, e quando reproduziam uma matéria de outro jornal, apresentavam a citação” (OLIVEIRA, 2004, p.119).

Tendo em vista que a ideologia integralista é constituída por um conjunto de dimensões ideológicas que podem ser decompostas em temas, como as oposições (anti-

⁵⁴ Além desses encontramos um artigo sobre a revista *Anauê!*, de Rogério Souza Silva, uma tese de Renato Dotta e um artigo de Jefferson Barbosa sobre o jornal *Acção*, de São Paulo. Sobre a imprensa integralista de Porto Alegre, há também análise feita por Ivone Cassol no livro organizado por Helgio Trindade sobre partidos e imprensa partidária no RS dos anos 1930.

comunismo, anti-liberalismo, anti-semitismo, anti-maçonaria), os fundamentos doutrinários (nacionalismo, espiritualismo, corporativismo) e os valores (valorização da juventude, disciplina, culto ao chefe), é natural que enfatizem mais uma dimensão em função do contexto local ou regional em detrimento de outra, sem, contudo, excluir nenhuma delas. Trindade (1979) mostrou o alto índice de homogeneidade existente entre os membros da AIB ao analisar as atitudes ideológicas de dirigentes nacionais, dirigentes locais e militantes de base⁵⁵. Tal análise contribui para a hipótese de que esta homogeneidade se mantivesse na imprensa, não só pelo controle mantido pelos órgãos centralizadores desta - *Sigma Jornaes Reunidos* e a Secretaria Nacional de Imprensa -, mas pela identidade característica dos editores locais e nacionais.

Assim, não se busca aqui comprovar ou refutar a tese de Cavalari ou de Oliveira. Os dois autores não se invalidam. Considera-se, de um lado, a existência de determinado padrão, e que a maioria dos jornais segue uma matriz e tem os jornais dos grandes centros como modelo; e de outro, a influência de fatores locais ou regionais, as estratégias de competição local ou o estilo de cada editor. Um exemplo disso é a grande incidência de chamadas contrárias aos cassinos e jogos em geral no jornal *A Lucta*, o que se tratava muito mais de uma “indireta” a um dos membros do triunvirato local que tinha o hábito do jogo, que a uma indicação ideológica propriamente.

O que se pretende nesse momento da pesquisa é verificar as funções a que se prestam cumprir no movimento/partido a imprensa integralista, e se estas, apesar da oposição ideológica, reproduzem ou não o modelo de imprensa partidária verificado na imprensa comunista.

⁵⁵ O índice foi calculado a partir de questionários aplicados aos diferentes “escalões” do movimento integralistas, onde o autor percebeu que as atitudes ideológicas desde o chefe até o militante de base se assemelhavam, variando apenas o grau de elaboração e complexidade das formulações. Para mais detalhes ver Trindade (1979)

3.1 Considerações metodológicas prévias e campo analítico

Viu-se na análise da estrutura e dos artigos integralistas sobre a importância da imprensa que, para os camisas verdes, a função principal da imprensa era “guiar e orientar as massas”, e que os principais estudos sobre o tema também vão nesse sentido, indicando a “popularização da doutrina” como papel da imprensa partidária. Para verificar, na prática jornalística integralista, como eles executavam tal função, recorre-se aqui à análise de conteúdo como suporte metodológico. “O entendimento da análise de conteúdo ultrapassa sua função descritiva, e toma-se consciência de que seu objetivo é a inferência” (BARDIN apud PEREIRA, p.104). Optou-se por esse método com o objetivo de superar a dicotomia análise quantitativa *versus* qualitativa. Cada uma dessas técnicas se complementam em função da natureza da análise e contribuirão em diferentes momentos de nossa leitura e da construção de nossas inferências, que é o objetivo principal dessa metodologia. Por ser um método aberto, conforme o objetivo pretendido, deve ser sempre reinventado. Cabe agora então clarificar os procedimentos adotados na leitura do objeto.

1º. Da pesquisa bibliográfica apreende-se os principais pontos da ideologia integralista e toma-se conhecimento da grande quantidade de publicações que o partido mantinha. A pesquisa em arquivos permitiu contato com doze títulos de jornais e quatro de revistas. Optou-se, para essa primeira análise, pela utilização dos jornais. Dentre tantos títulos, foram escolhidos para a análise os jornais publicados em Porto Alegre entre 1934 e 1937, e um jornal de âmbito nacional que cobrisse o mesmo período. A escolha pelos jornais integralistas de Porto Alegre se deu não só por proximidade geográfica, mas principalmente por dispormos de acesso às coleções completas. Além disto, já houve trabalho de análise sobre a AIB nesta cidade⁵⁶, embora com outros enfoques, o que permite uma certa cumulatividade e nos auxilia no entendimento do contexto no qual as mensagens eram publicizadas. Foram três as publicações nesta cidade, não tendo elas jamais coexistido, mas sim, substituído uma a outra: *O Integralista*, de 3 fevereiro de 1934 até 1 de setembro de 1935; *A Lucta*, de 7 de

⁵⁶ MILKE, Daniel. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História) e CASSOL, Ivone. *O Integralismo e a imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937)* in TRINDADE, Helgio (org.). *Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS*. Porto Alegre: L&PM, 1980, pp.429-436.

setembro de 1935 até 14 de fevereiro de 1936; e *Revolução*, de 13 de junho de 1936 até 13 de junho de 1937⁵⁷.

Apesar de identificarmos certa homogeneidade entre os jornais integralistas, não pretendemos tirar da análise da nossa amostra uma definição universal do que fora toda a imprensa integralista, mas sim, esboçar algumas pistas nesse sentido. No entanto, para não nos distanciarmos tanto da estrutura nacional, tomamos como parâmetro analítico o grande diário *A Offensiva*, visto que este abrange o mesmo período (os outros grandes jornais são fundados, todos, só em 1936) e era distribuído em todo o país.

Tabela 1

Corpus de análise		
Jornal	Período de atuação	Nº de exemplares analisados
O Integralista	3/2/1934 a 1/9/1935	63
A Lucta	7/9/1935 a 14/2/1936	14
Revolução	13/6/1936 a 3/6/1937	49
A Offensiva	17/5/1934 a 5/1938	cerca de 400 ⁵⁸

2º. Selecionado os jornais, voltamos a eles para uma leitura mais detida – ainda que não exaustiva – a fim de captar as principais características de cada publicação, e, na medida do possível, recolher dados sobre sua história. Dessa forma, segue-se uma breve apresentação de cada um dos jornais analisados.

Para analisar os jornais de Porto Alegre, se deve situá-los no contexto do que foi o Integralismo nessa cidade. Ali, o primeiro núcleo municipal da AIB é fundado em dezembro de 1933. A três de janeiro de 1934, funda-se na capital gaúcha a sede provincial do movimento, que deveria organizar todos os núcleos municipais do RS. Compõem o triunvirato diretivo Dario de Bittencourt e Anor Butler Maciel, chefe e secretário, advogados, e Egon Renner, industriário, tesoureiro. Exatamente um mês após

⁵⁷ Há referências ao *Correio da Noite*, o único dos jornais integralistas de Porto Alegre a ser publicado diariamente, provavelmente entre 1937 e 1938, porém deste, só existe um número do Acervo Benno Mentz e seu estado não permite o manuseio. ao que parece, tinha um aspecto de propaganda mais velado, supostamente portando-se como um jornal de informação genérica

⁵⁸ A coleção que consultamos vai até a edição n.514, de 15/6/1937, porém faltam as edições de outubro de 1936 a fevereiro de 1937. Calcula-se então que o número de jornais analisados seja próximo de 400.

a fundação da sede provincial, circula o primeiro jornal próprio: *O Integralista*, sob direção de Anor Butler Maciel, ao lado de Ernani Fiori e Pedro Weinmann.

É importante destacar que, a despeito desses jornais próprios, o mais eficiente veículo de propaganda integralista no estado fora uma coluna diária conquistada no periódico, sem vinculação com a AIB, de maior circulação na época: o *Correio do Povo*.

Em fevereiro de 1934, já com o jornal *O Integralista* em circulação, surgiu uma coluna de caráter quase diário publicada no *Correio do Povo*. De início algumas poucas linhas, nem sempre em espaço visível, que traziam informações como opiniões políticas, o horário das sessões públicas realizadas, convocações para desfiles, acontecimentos do integralismo em âmbito nacional, etc. Estas notas tinham uma periodicidade que, algumas vezes, era abalada pelos acontecimentos. Percebe-se sua ausência em alguns momentos difíceis para o movimento. (...) Aos poucos, a coluna diária dos integralistas cresceu em tamanho e importância. Até o golpe do Estado Novo, instaurado por Getúlio Vargas em 11 de novembro de 1937, a sua publicação foi contínua. Mesmo tendo mantido diversos jornais ativos, tanto no interior quanto na capital, jamais se abriu mão do poder de comunicação encontrado nas páginas do *Correio do Povo*. O jornal era, em realidade, o grande meio pelo qual se fazia chegar a todos os integralistas, em Porto Alegre e principalmente no interior do estado, as notícias do movimento, as diretivas e as questões mais importantes emanadas da chefia provincial. As comunicações da chefia nacional também eram repassadas, através da provincial, por este meio. (...) No início de 1934, o *Correio do Povo*, com uma tradição de jornal que se pretendia imparcial e que abriria espaço para as mais diversas correntes políticas, foi o canal de comunicação mais eficiente para o propósito integralista. Os jornais da AIB, com alcance limitado, não atingiriam todos os membros que se espalhavam pelo estado, o jornal *Diário de Notícias* era considerado um grande inimigo pelo qual se sentiam perseguidos, apesar de que escreviam em suas páginas quando lhes convinha, e *A Federação* era ainda o jornal oficial do Partido Republicano Liberal (PRL), restando como saída mais acessível o *Correio do Povo*. (MILKE, 2003, pp.26-28).⁵⁹

Além do *Correio do Povo* e dos jornais produzidos em Porto Alegre, a AIB tinha jornais espalhados pelo interior do Rio Grande do Sul, entre eles: *O Bandeirante*, de Caxias do Sul, *Anauê*, de Dom Pedrito, *A Verdade*, de Santo Ângelo, *Der Kampf*, de Novo Hamburgo (escrito em alemão), *O Integral*, de Erechim, *A Ordem*, de Pelotas e *Rumo ao Sigma*, de Rio Grande.

Feitas as considerações iniciais, podemos partir finalmente à apresentação dos semanários integralistas produzidos em Porto Alegre.

⁵⁹ O teor dessas colunas diárias é brilhantemente analisado na dissertação de mestrado de Milke sobre o Integralismo em Porto Alegre. O autor destaca ainda que, em 1935, quando do surgimento da ANL, essa organização de esquerda também passa a dispor de um espaço no *Correio do Povo*, que se pretendia imparcial. No entanto, o *Correio do Povo* não será analisado aqui, visto que nosso trabalho é voltado para a imprensa genuinamente integralista.

3.1.1 *O Integralista* (3/2/1934 – 1/9/1935) – Primeiro jornal editado em Porto Alegre, fundado em fevereiro de 1934, um mês após a inauguração do núcleo provincial na mesma capital. Dirigido por Anor Butler Maciel, era essencialmente doutrinário e se propunha a apresentar e defender o Integralismo no Rio Grande do Sul, conforme se apresenta no primeiro editorial.

A atacar, preferimos nos defender; o que não quer dizer que, sempre que se tornar preciso e se fizer mister não estejamos na arena, de viseira erguida, desassombradamente, a oferecer franco combate a quantos investirem contra nós ou contra nossos pontos de vista, seja por ignorância, seja por má fé.

Essa folha é lançada em consequência do patriótico movimento, de projeção marcadamente nacional, em que estamos empenhados, em tão boa hora principiado no Rio Grande do Sul.

Doutrinaremos e predicaremos os ditames da Doutrina Integralista, divulgando e popularizando os preceitos desta salutar ideologia.

“O Integralista” será, pois, uma tribuna erguida na praça pública, para a propaganda e a defesa intemerata dos nossos ideais (*O Integralista*, n.1 3/2/1934).

Jornal pequeno, de quatro páginas de 47 X 32 cm com diagramação discreta, não encontramos informações sobre venda avulsa, mas a assinatura anual custava 12\$000 (doze mil réis). A partir do número 55, de 23 de junho de 1935, Jayme Castro assume a gerência do jornal que continuava sendo oficialmente dirigido por Anor Maciel, um dos chefes do triunvirato local, com quem tinha algumas desavenças. A edição de n.63 seria a última, em 1 de setembro de 1935, quando foi decidido pelo fim do jornal do movimento, provavelmente em função dessas desavenças internas. Jayme Castro então decide, por conta própria fundar um novo jornal, *A Lucta*.

3.1.2 *A Lucta* (7/9/1935 – 14/2/1936) – surge como “semanário independente” por iniciativa do próprio Jayme Castro, que já trabalhava em *O Integralista* e quando do fechamento deste “achei que deveria prestar contas aos assinantes e fundei um jornal sob minha responsabilidade”⁶⁰. O semanário surge no emblemático 07 de setembro. Assim como *O Integralista*, era um jornal pequeno, de quatro páginas 47 X 32 cm. Porém a diagramação era mais agressiva, com letras maiores e mais espaços em branco. É considerado por Milke “o mais radical dos jornais integralistas de Porto Alegre”. O radicalismo moralista era próprio do diretor Jayme Castro. A principal desavença com o chefe Anor Maciel era por conta deste freqüentar cassinos. Castro não hesita em iniciar no seu jornal uma campanha contra a jogatina, e publica no rodapé “camisa verde digno

⁶⁰ Entrevista de Jayme Castro a Helgio Trindade em 1969, disponível no NUPERGS.

deste nome não vai ao cassino jogar”. Maciel acaba demitindo-se do cargo e é substituído na chefia provincial por Nestor Contreira Rodrigues, que no último número, faz um apelo aos camisas verdes do Rio Grande do Sul que colaborem conseguindo assinaturas e anúncios por ser aquele “atualmente o único órgão de imprensa que defende os nossos interesses na capital da Província”. O apelo parece não surtir efeito, *A Lucta* tem vida curta - o último exemplar que se tem notícia é o de número 14, de 01 de fevereiro de 1936 - e Porto Alegre fica sem jornal integralista até junho. O custeamento do jornal era através de assinaturas anuais, a 12\$000 (doze mil réis) e vendas avulsas a \$200 (duzentos réis), além de espaços publicitários vendidos.

3.1.3 Revolução (13/6/1936 – 13/6/1937) - depois de três meses sem uma publicação integralista, contando apenas com o espaço no *Correio do Povo* o primeiro número surge em junho de 1936, dirigido por Mario Medeiros. A assinatura anual custava 10\$000, mais barato portanto que os jornais anteriores, e a edição avulsa era vendida a \$200. Dos três jornais pesquisados em Porto Alegre, é o que mais se parece com o jornal de nível nacional, *A Offensiva*. Isso porque surge num momento em que a estrutura da imprensa integralista está mais organizada, desde o consórcio *Sigma Jornaes Reunidos* e a Secretaria Nacional de Imprensa. O editorial da primeira edição anuncia a que veio o jornal:

Este jornal será como o seu título: simples, claro, enérgico e preciso.
 Ele não foi feito para se curvar. Não vai defender o interesse particular de ninguém. E não vai subordinar-se às multidões. Pretende orientá-las.
 Expressão de um pensamento, lutará no terreno das idéias e verá nos fatos a materialização das idéias. Não será personalista. Não combaterá, nem defenderá o senhor Getúlio Vargas, o senhor Flores da Cunha, o senhor Armando Salles ou qualquer outro político.
 Criticará atitudes, mas deixará os homens em paz.
 Nunca aplaudirá a desordem, sem deixar de sempre defender os interesses dos oprimidos. Nossa revolução não é masorca. É campanha cultural, social, moral, educacional, às claras, em campo aberto e de cabeça erguida
 (*Revolução*, n.1, 13/6/1936)

Assim como *A Offensiva*, o jornal *Revolução* trazia uma página dedicada ao proletariado e também dedicava um espaço ao esporte, especialmente ao turfe, ao cinema e ao teatro. Tinha planos de se tornar diário, mas ao que tudo indica não concretizou o objetivo.

Tomamos como parâmetro, não propriamente para comparação, mas para evitar riscos de generalizações a partir de apenas exemplos locais, o mais importante jornal nacional publicado pelos integralistas, *A Offensiva*.

3.1.4 A *Offensiva* (17/5/1934 – 5/1938) - Editado no Rio de Janeiro e dirigido pelo chefe nacional, Plínio Salgado, foi o de vida mais longa - é fundado como semanário em maio de 1934, torna-se diário em 1936, e finalmente extinto em março de 1938. Foi considerado pelos integralistas a maior ferramenta de propaganda do movimento, ao lado da revista *Anauê!*, revista ilustrada mensal publicada entre 1935 e 1937.

Quando surgiu, a 17 de maio de 1934, *A Offensiva* pregava a revolução do espírito e da cultura: “Não se trata da ofensiva contra um partido, contra um governo, contra uma classe: trata-se de uma ofensiva contra uma civilização”. No primeiro ano, era um jornal de oito páginas com 66 X 42 cm vendido a duzentos réis. Ao lado das notícias do movimento e dos textos doutrinários, trazia seções com notícias sobre esporte, teatro, rádio e cinema e ainda uma seção “Momento Internacional”. Tinha ainda uma parte intitulada “Proletariado”, inicialmente na contracapa e depois na página 7, ao lado de “esportes”. A partir de meados de 1935, *A Offensiva* passa a contar com doze páginas, e surge as seções “Moda Feminina” e “Página Médica”, com dicas de saúde. Há ainda a tentativa de implementar um suplemento infantil – O Curupira -, porém só o encontramos em três edições, em maio de 1935.

Mas a mudança maior se dá a partir de 28 de janeiro de 1936, quando o jornal passa a ser publicado diariamente⁶¹. A manchete desse dia é “O integralismo vai pleitear as eleições para presidência da república”, e traz na capa o Manifesto-Programa da AIB para o pleito. Sobre o fato de tornar-se diário, Salgado escreve:

Evidente que essa circunstância vai alterar a sua expressão exterior, a sua fisionomia. O semanário é uma coisa é completamente diferente de um diário. (...)

Desse modo, os que se habituaram a ler *A Offensiva* até hoje, notarão uma mudança completa. Não terão mais o jornal exclusivamente de doutrina e, de certo modo, fechado no seu mundo, no mundo dos interessados apenas por essa doutrina.

Terão um órgão de amplitude informativa muito mais vasta, respirando intensamente no meio social brasileiro e refletindo em suas colunas a trepidação do mundo contemporâneo.

Aqueles que se habituaram com a rigidez doutrinária, a precisão absoluta do controle que se evidenciava, frase a frase, no sentido uniforme, que ia desde o artigo de fundo as colaborações e destas ao noticiário, notarão agora uma plasticidade maior, não até o ponto de prejudicar a intransigência de um pensamento, mas até a linha necessária a não isolar o jornal dos fatos objetivos da vida do país.

⁶¹ A análise quantitativa do período em que *A Offensiva* se torna diário foi feita considerando-se apenas o suplemento dominical

A *Offensiva* continuará a dar semanalmente, aos domingos, às sua edição nos moldes anteriores do tempo de sua publicação periódica; será um suplemento dessa edição normal enriquecida de maior número de páginas.

Diariamente, entretanto, este jornal será eminentemente informativo e conterá a apreciação dos acontecimentos nacionais e mundiais, dando o máximo desenvolvimento das suas sessões. (Plínio Salgado, *A Offensiva diária* em *A Offensiva*, n.90 28/01/1936 p.2)

De fato, o jornal torna-se mais noticioso – são 8 páginas diárias trazendo matérias sobre alta de preços, sobre crimes, reportagens gerais, e muitas informações internacionais. Não perde, porém, a função de difundir a doutrina e as notícias sobre a AIB. Essas continuam aparecendo nos artigos de opinião, na nota política de Plínio Salgado, e mesmo nas manchetes de capa. Como prometido, aos domingos publica-se um suplemento aos moldes do antigo semanário. A seção dirigida ao proletariado passa a se chamar “Página Syndical”, trazendo, sempre os dizeres “Trabalhadores do Brasil, uni-vos contra o capitalismo e contra o comunismo” e “O Integralismo dará aos trabalhadores trabalho, salário justo e educação”. As notícias sobre o Integralismo, por exemplo, sobre a criação de escolas volta a ter destaque, mesmo nas edições diárias, a partir do lançamento oficial da campanha eleitoral da AIB, em abril de 1937. O último número do jornal aparece em março de 1938.

3°. Na impossibilidade de uma análise exaustiva, buscamos uma característica comum e relevante entre os quatro periódicos para a construção do *corpus* específico de análise. Como nos jornais comunistas, ou de qualquer outro partido, a seleção e hierarquização do que será noticiado é feita de acordo com o arcabouço conceitual e estratégico do partido. Dentro dessa leitura ideológica, os temas de maior importância ganharão maior destaque – capa e manchete.

As manchetes aparecem como o meio ideal de dar uma imagem da realidade conforme um desejo editorial e está situada no mais alto patamar dos índices de espetacularização, porque transmite pela sua imagem as doses de orientação desejadas pelo periódico que a produz (QUEVEDO, 2006, p.35).

Constatou-se no padrão gráfico dos jornais integralistas, a grande incidência do uso do que chamaremos de “*frase destaque*” (FD). Essas frases em fonte maior, em negrito, na maioria das vezes situada na parte superior da capa e da contracapa dos jornais eram de fato manchetes não necessariamente para informar sobre um fato relevante, mas para conscientizar e/ou mobilizar os integralistas. Optamos por assim nomeá-la, em detrimento do termo *manchete*, que nos parece demasiadamente associado com o conceito de notícia contemporâneo, que destaca (ou deveria) fatos pela sua

atualidade, relevância social, entre outros critérios, e é vinculado a uma matéria ou reportagem, enquanto que as *frases destaque* (FD), muitas vezes, se bastam, não vindo acompanhadas, nem indicando texto. Sendo esses os locais privilegiados de qualquer jornal, entendemos que a escolha do conteúdo dessa frase, que é quase um “grito” na página, é uma decisão do editor sobre o que é mais importante ser dito naquele momento e naquele lugar. Logo, se todo o texto está ligado a um contexto, esse o está de maneira ainda mais acentuada. Se o discurso é a materialização da ideologia, na FD por ser o lugar de maior visibilidade da página, será a ideologia materializada e simplificada à sua essência.

É importante salientar que o uso dessas FD não é exclusividade do Integralismo, tendo sido percebido também em jornais comunistas, como *A Classe Operária*, de 1935. Para uma primeira exploração – e na impossibilidade de uma leitura exaustiva - sobre os temas considerados primordiais aos integralistas, julgamos que a análise desse espaço privilegiado forneça bons indicativos acerca da função dos jornais.

Assim, transcrevemos e tabulamos as FD encontradas na capa e na contracapa dos periódicos. Páginas internas foram eventualmente consideradas nos exemplares que não traziam FD na capa, mas a traziam com relevo no interior do jornal. No entanto, constituem minoria. Algumas edições não tinham nenhum tipo de *frase destaque*, e, por isso, não foram consideradas, como é o caso dos primeiros exemplares de *O Integralista*, que só começa a utilizar esse recurso a partir da décima edição.

Tabela 2

Corpus específico de análise	
Jornal	nº de frases destaque analisadas
O Integralista	88
A Lucta	24
Revolução	105
A Offensiva	227

4º. Tabuladas as FD, trata-se de agora classificá-las de acordo com o tema abordado em cada uma delas. É uma etapa quantitativa que tem como objetivo criar uma referência sobre quais temas eram abordados naquele espaço.

A primeira classificação foi feita guiada pelas categorias em que Trindade (1979) decompôs a ideologia integralista - vale repetir: inimigos (anticomunismo,

antiliberalismo, anti-semitismo, antimaçonaria), fundamentos doutrinários (nacionalismo, espiritualismo, corporativismo) e valores (valorização da juventude, disciplina, culto ao chefe) – buscando identificar essas temáticas nas frases tabuladas.

Ao término, percebemos um número considerável de *frases* que fugiam dessa categorização prévia. Fugiam da função primeira de propagação doutrinária, assumindo um caráter de organização tática do movimento/partido. Ora apareciam como “palavra de ordem”, que no sentido leninista refere-se às necessidades táticas mais urgentes – essas dirigidas, normalmente com o vocativo, aos próprios integralistas; ora como demonstração de força e disciplina do movimento, que serve tanto para exibi-la aos adversários vistos como inimigos e ao público externo, buscando seduzi-lo, como de estímulo e mobilização dos aderentes e militantes do movimento; ora como forma de reação a ataques sofridos, ou “contra-ataques”, sendo então dirigidos ao integralista, para que esse fique alerta ao inimigo, ao público geral como ‘desmentido’, com ao próprio inimigo, às vezes num tom ameaçador.

Dessa forma ficamos com dois eixos: temas doutrinários e temas organizativos, subdivididos nas seguintes categorias:

Temas doutrinários - da categorização prévia, encontramos os seguintes temas:

- a) inimigos: anti-comunismo, anti-liberalismo, anti-semitismo, anti-maçonaria;
- b) fundamentos doutrinários: nacionalismo, sindicalismo, Estado forte;
- c) valores fascistas: sacrifício, disciplina, valorização da juventude, culto ao chefe;
- d) "democracia" integralista: surge como novo valor a partir do lançamento da candidatura de Plínio Salgado à presidência da República, em 1937.

Temas organizativos - por serem categorias criadas *a posteriori*, cabe uma breve explicação do que se entendem por cada uma delas.

- a) organização interna/expansão: reúne orientações para os integralistas em termos de organização geral, notícias e orientações sobre novos núcleos, congressos e marchas integralistas, normalmente enfatizando o crescimento do movimento;
- b) contra-ataques: são respostas a ataques sofridos, seja pela coerção do governo após a criação da Lei Segurança Nacional, seja pelas acusações veiculadas pela grande imprensa;

c) eleições: notícias e orientações sobre os pleitos de 1934, 1935 e preparativos para o de 1938 – que viria a ser frustrado pelo golpe que instituiu o Estado Novo.

Com essa etapa quantitativa pretendeu-se apenas verificar quais temas aparecem nesses espaços e com que funções. De forma alguma, pensou-se poder reduzir a ideologia a números. Também não se pretende aqui esgotar todos esses temas, ou encerrar cada *frase* em uma única categoria – pois muitas vezes se misturam.

5°. Por isso, a última etapa é essencialmente qualitativa. Reunidas as frases em suas respectivas categorias, tentaremos então entender a incidência desses temas considerando a evolução histórica da AIB. Aqui se tornam fundamentais as referências a pesquisas anteriores que permitem o entendimento do contexto em que as FD são publicadas. Também serão considerados o tipo de abordagem e apelo utilizados, e a evolução do tratamento deste ao longo da história do movimento. Destacou-se em **negrito** as passagens mais relevantes para a compreensão de cada temática analisada, e ainda com fim de clarear a leitura, expomos aqui as citações em português contemporâneo. Apenas os títulos dos jornais foram mantidos na grafia original.

3.2 Os temas e funções do jornal nas *frases destaque*

Constatou-se na categorização temática e posterior quantificação a presença de *frases destaque* elaboradas de forma a simplificar e propagar a doutrina, no que ela tem de fixo, mas também se percebeu a incidência de abordagens mais diretamente ligadas a questões organizativas e circunstanciais do movimento/partido. Disso, se pôde inferir que a função do jornal, assim como na imprensa comunista, vai além da propaganda, assumindo um caráter organizativo essencial ao partido.

Os temas doutrinários se destacam em relação aos temas chamados organizativos tanto nas folhas locais quanto, de forma ainda mais acentuada, no jornal de âmbito nacional conforme indicam as tabelas 3 e 4.

Tabela 3 – Variação temática nas FD dos jornais de Porto Alegre

	<i>O Integralista</i>		<i>A Lucta</i>		<i>Revolução</i>		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Temas doutrinários	57	64,8	10	41,7	67	63,8	134	61,7
Temas organizativos	29	32,9	10	41,7	36	34,3	75	35,6
Outros	2	2,3	4	16,6	2	1,9	8	3,6
Total:	88	100	24	100	105	100	217	100

Fonte: jornais *O Integralista*, *A Lucta* e *Revolução*

Tabela 4 – Variação temática nas FD no jornal nacional *A Offensiva*

	<i>A Offensiva</i>	
	N	%
Temas doutrinários	163	71,8
Temas organizativos	56	24,7
Outros	8	3,5
Total	227	100

Fonte: jornal *A Offensiva*

A temática doutrinária se destaca nas FD, sendo no âmbito nacional responsável por mais do que o dobro das temáticas explicitamente organizativas. No jornal *A Offensiva* (tabela 4), 71,8% das FD apresentaram temas diretamente referentes à doutrina, contra 24% de temas chamados organizativos. A prevalência de temas doutrinários sobre temas organizativos se repete nos jornais locais (tabela 3), mas aí com uma diferença menor: 61,7% contra 35%.

Se as temáticas podem, para fins de análise, ser separadas, o mesmo não ocorre com as funções. Essas só podem ser apreendidas na síntese, pois na prática se misturam. Fazem parte da função organizativa do partido também os temas doutrinários, na medida em que eles reforçam a unidade ideológica entre os militantes, podendo ainda conquistar novos aderentes entre os que simpatizam com as bandeiras apresentadas. Da mesma forma, as FD classificadas na temática organizativa, ao veicular questões mais circunstanciais, também são carregados da visão ideológica de quem os emite – as orientações aos militantes, as demonstrações de expansão e força estão carregadas de valores e preconceitos próprios da doutrina integralista. Assim, a divisão que se apresenta a seguir é útil como recurso didático para a análise dos temas, mas ao se pensar a função, não se pode prescindir da síntese entre eles.

3.2.1 Temas doutrinários

A ideologia integralista se apresenta, sobretudo, pelas suas oposições. Nos temas considerados doutrinários, somados anti-comunismo e anti-liberalismo, vê-se que tanto no plano nacional quanto no plano local o maior destaque é dado à contrapropaganda dos inimigos. Dentre os fundamentos doutrinários, encontram-se com destaque em primeiro plano apenas o nacionalismo, enquanto o espiritualismo aparecia secundariamente em manifestações anti-comunistas ou nacionalistas, não tendo sido contabilizado. Já o corporativismo aparece de forma simplificada nas páginas dedicadas ao operariado, que encontramos tanto em *A Offensiva* quanto em *Revolução*, mas não nos demais jornais de Porto Alegre. Valores caros à ideologia integralista como disciplina, a valorização da juventude, o culto ao chefe e a noção de sacrifício também aparecem, tendo sido classificadas como valores fascistas.

Inimigos:

Dentre os inimigos, o mais atacado através das *frases destaque* na imprensa integralista é o comunismo, apesar de nos livros doutrinários, as maiores críticas destinarem-se ao liberalismo. Este aparece em segundo lugar no número de críticas lançadas pelos integralistas. Antijudaísmo e antimaçonaria, apesar de aparecerem nos textos dos jornais, poucas vezes “subiram” ao espaço das *frases destaque*. Oposições ao capitalismo internacional e à burguesia aparecem com destaque na página dedicada ao proletariado em *Revolução* e na página sindical de *A Offensiva*.

Viu-se no primeiro capítulo que era freqüente apresentar comunismo e liberalismo como faces da mesma moeda, o materialismo. Nas *frases destaque* o termo *materialismo* não aparece, mas a combinação e associação entre inimigos sim. Dessa forma, muitas vezes notamos a liberal-democracia (mostrada como regime falido, morto) como causa do comunismo (que aparece como ameaça à Pátria e à família), sendo as duas correntes uma invenção dos judeus e dos maçons. Diante dessa situação, só o integralismo poderia salvar a Nação. O esquema simplificado é o seguinte: a liberal-democracia faliu e deverá ser sucedida ou pelo comunismo – judeus e maçons, ateus, ameaça para a família e para a pátria; ou pelo integralismo, que defende o *deus, pátria e família*.

Notou-se que em 1934 o inimigo mais atacado é o liberalismo, ainda que nos jornais de Porto Alegre a denúncia da ameaça comunista já fosse bastante frequente. Especialmente no Rio Grande do Sul, era o momento de apresentar o integralismo à população, e uma das formas era mostrando o que ele combate. Dado que o sistema vigente era o liberal-democrático, de partidos regionais, os integralistas atacavam-no questionando o conceito de liberdade e a eficácia de tal sistema, para apresentar-se como uma alternativa nacional e opondo-se a outra possibilidade que seria o comunismo.

A liberal-democracia é o direito que tem o cordeiro de andar em companhia do leão sem que ninguém os incomode (*A Offensiva*, n.6 contracapa, 21/6/34 , transcrito também em *O Integralista*, n.12 contracapa 15/7/34)

... os demagogos de todas as cores, agitando o sossego da nação... **ou morrem os partidos políticos ou desaparece o Brasil em repúblicas ridículas.** Leões Sobrinho (*O Integralista*, n.15 contracapa 12/8/34)

Somos os únicos que oferecemos **liberdades reais**, pois os governos fracos não podem garantir liberdade a ninguém. (*O Integralista*, n.21 contracapa 14/10/34)

Promulgou-se uma constituição que, de antemão, sabe-se que não durará. **É uma prova de que a liberal democracia é incapaz de organizar as formas políticas para as nações**, porque estas vivem milênios e aquele regime não compreende o sentido eterno dos povos. (*A Offensiva*, n.10 – capa – 19/7/34)

Ainda nesse ano veremos, diante da constatação de falência do liberalismo, os integralistas convocarem a população a escolher entre o comunismo e o integralismo, apelando para sentimentos nacionalistas ou de amor à família e retomando as críticas à ineficiência do sistema liberal-democrático no combate ao comunismo.

O imperialismo vermelho de Moscow estraçalha a bandeira da pátria brasileira, enquanto a **burguesia se preocupa com a política mesquinha dos partidos**. Mas, alerta em todo o território da Nação, **os “camisas verdes” defendem o Pavilhão Nacional**, porque eles constituem hoje a grande força organizada da nossa consciência de povo. PS (*A Offensiva*, n.1 capa 17/05/34)

Brasileiro: convence-te de que a verdadeira luta **não é a dos partidos**. O Brasil tem só dois caminhos para escolher: **ou o Comunismo ou o Integralismo**. A sorte dele vai jogar-se neste pleito. Consulta teu **coração de patriota** e decide-te (*O Integralista*, 21 capa 14/10/34).⁶²

O impulso que a cada momento vai tomando o movimento integralista constitui uma segura indicação de que a nação brasileira já compreendeu que fora dele não pode haver **salvação** para os seus destinos, tão ameaçados pelo

⁶² O pleito referido é o de 1934, primeiro que o Integralismo participou. Veremos adiante.

cadáver da liberal-democracia como pelo abutre do comunismo internacional. (*A Offensiva*, n.23 capa 18/10/34)

Filhos que tendes mães, e que estás servindo aos planos bolchevistas através da mascarada anti-fascista, - lembrai-vos das palavras do líder comunista Alexandre Kolontai: **“A mulher que ama seus filhos é uma cadela”** (da *Ação*, quinzenário integralista de Recife, de 31/8/34 publicado em *O Integralista*, n.20 contracapa 7/10/34)

Quando funda-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em março de 1935 o ataque ao comunismo se intensifica, tanto em *A Offensiva* quanto em *O Integralista*, evocando mais intensamente sentimento religiosos, de amor à família e de nacionalismo. Além disso, aumenta a associação entre liberalismo, capitalismo e comunismo.

Aos católicos, protestantes, metodistas, batistas, espiritistas, teosofistas, etc.: entre a AIB e a ANL não pode haver neutralidade. Ou se admite as idéias de Deus, Pátria e Família e, deve-se ingressar no Integralismo; - ou não se admite, quando, necessariamente, faz-se o jogo do Comunismo. – Não pode haver meio termo, sendo a neutralidade e o indiferentismo um crime de lesa-pátria. (*O Integralista*, n.54 capa 16/6/35)

A Difusora Moscovita, que, todas as noites, envenena o mundo com a sua propaganda comunista, termina as irradiações com essa frase: “Proletários de todos os países, uni-vos”. – Nós agora poderemos também dizer, parodiando essa transmissora: **“Brasileiros de todos os matizes, uni-vos contra o comunismo, fantasiado, solertemente, de Aliança ‘Nacional’ Libertadora”** (*O Integralista*, n.55 capa 23/6/35)

TRABALHADORES, não vos deixei enganar pelos comunistas encapuzados da cínica Aliança Nacional “Libertadora” **que vos quer transformar em colônia do capitalismo judeu.**

PROLETÁRIO, se amas tua mulher, teus filhos, tua Pátria e tua religião, combate com toda a força a ALIANÇA NACIONAL TAPEADORA.

COMPANHEIROS, combati a todo custo a Aliança Nacional “Libertadora”, **nova tapeação dos judeus-burguezes-comunistas** que quer explorar-vos e viver a custa de vosso sangue. (D’ O Trabalho, órgão oficial dos círculos operários do RS, 15-VI-1935 – Publicado em *O Integralista*, n. 57, capa, 9/7/1935)

O capitalismo deseja transformar toda a humanidade de uma grande máquina, para servir a uma raça eleita, a raça dos financistas. **O comunismo quer precipitar essa transformação dando o cetro político aos que já possuem o cetro e econômico.** (*A Offensiva*, n.58, capa, 22/6/35)

Nas vésperas do sétimo congresso internacional comunista, o Pravda jornal dos soviéticos, adianta que **os partidos comunistas do mundo inteiro receberão ordem de defender, apoiar a e sustentar a liberal democracia** e por ser este regime o clima propício às doutrinas desnacionalizantes. (*A Offensiva*, n.64, capa, 3/8/35).

O segundo pico do anti-comunismo aparece em 1936, mas somente em *A Offensiva*, que acompanha a prisão de Luiz Carlos Prestes, líder da já extinta ANL, e também dá espaço a notícias internacionais.

A obra demolidora dos adeptos de Moscou. Como está organizado partido no Brasil. Os métodos, a tática e os meios empregados pelos inimigos da pátria. **A terrível atividade dos que querem abolir o nome de Deus e as instituições da pátria e da família.** (*A Offensiva*, n.178, capa suplemento, 19/5/36)

Onde está a garota? Tem sido sem resultado as diligências da polícia para descobrir a infeliz Elvira Copello, a moça brasileira de 16 anos de idade que se presume ter sido **assassinada por ordem de Luiz Carlos Prestes.** (*A Offensiva*, n.154, capa suplemento, 12/4/36)

O ateísmo no mundo contemporâneo. **Moscou é o maior foco de propagação da anti religiosa.** (*A Offensiva*, n.113, capa suplemento, 23/2/36).

No ano de 1937, notou-se que o combate ao liberalismo se tornou mais intenso que ao comunismo. A princípio essa observação parece paradoxal, pois é justamente o momento, em que lançando Plínio Salgado como candidato à presidência da República, a AIB entra no sistema liberal-democrático para tentar através do voto, que tanto criticava, chegar ao poder. Porém, atacando os partidos e o regime que o integralismo se afirma como alternativa. O que mudou no discurso foi a opção pela via tradicional do voto, dado que inicialmente, se falava em revolução, ou talvez acreditasse que a “revolução espiritual” pretendida já tivesse se dado.

Enquanto os políticos liberais tratam da sucessão presidencial, o integralismo trabalha pela educação popular (*Revolução*, n.33 manchete 13/2/37)

Que haja sucessão! **Nas urnas o povo mostrará o seu cansaço, o seu repúdio e a sua revolta:** pelo desamparo aos humildes, pelas injustiças sociais, pelas manobras estrangeiras, pelos escândalos econômicos, pelos cambalachos, pelos acordos, pelas conversas filiadas e pela pobreza moral dos homens que o regime atual não pôde regenerar ainda! (*Revolução*, n.36 capa 6/3/1937)

O homem cujo horizonte mental se confunde com o horizonte visual dos partidos, nunca será capaz das virtudes que assinalam os grandes regedores de povos. A política oculta-lhes a humanidade. O presente eclipsa-lhes o futuro. São traficantes que não vem além do balcão. (*A Offensiva*, n.507 capa suplemento 6/6/37)

O anti-judaísmo era um tema polêmico entre os ideólogos integralistas. Sem dúvida, o mais anti-semite deles era Gustavo Barroso, que traduzira para o português *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, além de ser autor do livro *Brasil, colônia de banqueiros*, onde diz ser os judeus os exploradores da Pátria e de outros livros nessa temática. Plínio

Salgado era mais contido em relação ao tema, explicando que não se tratava de uma questão racial, contra um povo, mas sim de uma questão econômica, contra os capitalistas internacionais. Em *A Offensiva*, apesar de ser freqüente a coluna “judaísmo internacional” na página dedicada às notícias do exterior, aparece poucas vezes entre as *frases destaque*, sendo muito mais indireta.

Nós bem sabemos, oh comunistas, quem vos insufla, quem vos protege, quem vos ampara, quem vos instiga contra nós, quem paga vossas despesas, quem sorri satisfeito no fundo dos palácios ou nas macias poltronas dos clubes, quando nos atacaís! Por detrás dos partidos liberais e democráticos, por detrás dos balcões dos negociistas internacionais, existe o **véu dos tabernáculos, no profundo, escondido entre sinais cabalísticos, está o inimigo da nação**. É contra ele, e não contra vós, a nossa batalha é. E esta batalha não terá tréguas. E ela é áspera, renhida e cruel, porque a batalha de deus contra a do espírito das trevas. (*A Offensiva*, n.58,capa 15/6/35)

Os jornais de Porto Alegre, as manifestações também são poucas, porém muito diretas e violentas na sua oposição ao judaísmo.

Nas estatísticas de criminologia de todo o mundo, o judeu ocupa o primeiro lugar. No Brasil vemos que o judeu tem a sua maneira de negociar sem pagar imposto. Os seus recibos não levam selo. Sendo ele um técnico no contrabando, não paga taxa alfandegária. Isso acontece em todas as capitais do universo. **O judaísmo é uma praga, é um flagelo, uma desgraça universal**. (*A Lucta*, n.10 capa 7/12/35)

O judaísmo pretende dominar o mundo por vários caminhos que convergem para o mesmo fim: a imprensa vendida, o cinema imoral, o capitalismo, a maçonaria e o comunismo. - brasileiros, diante da **ameaça judaica**: independência ou morte! Pela revolução integralista: Anauê!!! (*Revolução*, n.1 contracapa 13/6/36)

Desaparecendo as influências judaicas e maçônicas e criando-se uma nova consciência nacional, educando convenientemente o povo, instituindo leis que amparem não só o operário como qualquer cidadão honesto, terá o comunismo desaparecido do Brasil. (*Revolução*, n.36, contracapa, /3/1937)

Nacionalismo

O nacionalismo é um tema que se mantém relativamente constante nas diferentes fases estudadas e se apresentava de formas diversas: ora (a) em oposição aos regionalismos; ora (b) como nacionalismo econômico, clamando por soberania como forma de combate ao capitalismo internacional; ora (c) como nacionalismo mais romântico, ligado às tradições e à cultura.

a) Oposição ao regionalismo

Façamos das 21 republiquetas engendradas pelo materialismo desagregador, a grade Nação, a imperial república, imponente na sua força e gloriosa na sua absoluta soberania (*A Offensiva*, n.3, capa 31/5/34)

As províncias do sul, nas imponentes manifestações populares com que receberam o Chefe nacional do Integralismo, tomaram o compromisso publico e solene de marchar com as demais províncias para a grande revolução brasileira. A **bandeira do Sigma, sobrepondo-se aos interesses regionais, cria a grande unidade de espírito dentro da pátria e faz renascer o gênio nacional, abafado, criminosamente, em 40 anos de estadualismos prepotentes.** (*A Offensiva*, n. 19 capa 20/9/34)

“Eu considero Integralistas todos os gaúchos, seja de que partido forem, que tiverem no sangue e no espírito as velhas virtudes rio-grandenses. A principal dessas é o **grande amor ao Brasil**”. Plínio Salgado n’A *Offensiva* de 15/11/34. (*O Integralista*, n. 27 capa 25/11/34).

b) Nacionalismo econômico/ Soberania nacional

Seqüestro de navios nacionais! A acordos comerciais impostas pelos credores estrangeiros! Ameaças de Nova York, que Londres e de Moscou! **A soberania nacional é hoje uma burla.** Só integralismo imporá ano dignidade a nação, pela disciplina, pela ordem, pelo revigoramento das nossas energias morais e econômicas. Fora dele só há lugar para humilhações nacionais. (*A Offensiva*, n.48, capa 13/4/35)

Desperta Brasil, ... adormecido eternamente (!) em berço esplêndido. Desperta e caminha! Já é tempo de fazeres retinir e retilintar as tuas algemas, amedrontando **os que te vendem, e os que te têm comprado.** Gustavo Barroso – Brasil, colônia de banqueiros, p.85-86 final do capítulo 1. (*O Integralista*, n. 28 contracapa, 2/12/34)

c) Nacionalismo romântico / tradicional

O meu nacionalismo **está cheio de Deus e é sedento de justiça**; o meu nacionalismo não é reacionário, porém revolucionário; o meu Nacionalismo não é uma atitude literária: é um drama, é uma tragédia, é a interpretação das angustias de um Povo e das aspirações supremas de uma Nacionalidade. Plínio Salgado (*A Offensiva*, n.254 capa suplemento 9/8/36)

Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais. Eles se envergonham do **caboclo e do negro da nossa terra.** Eles adquiriram hábitos cosmopolitas. Eles não conhecem todas as dificuldades e todos os egoísmos, todos os sofrimentos e todas as aspirações, o sonho, a energia, a coragem do povo brasileiro. Vive a cobri-lo baldões e de ironias. A amesquinhar as raças de que proviemos. Vive na engrandecido ser tudo que é de fora, o desprezando todas as iniciativas nacionais. Do manifesto de outubro de Plínio salgado.(*Revolução*, n. 5 capa 11/7/36).

Valores fascistas

Valores caros à ideologia integralista como disciplina, a valorização da juventude, o culto ao chefe e a noção de sacrifício também aparecem, tendo sido

classificadas como valores fascistas. Os valores aparecem mais em artigos, mas algumas vezes ganha destaque de capa, ou interna, sem regularidade. A idéia de sacrifício, aliado ao culto aos mortos integralistas, mártires do movimento, é o valor mais freqüente no espaço de destaque.

A alma de uma nação só desperta **com sacrifício e com dor** (O Integralista, n. 42 capa 24/3/35)

Aos heróis que tombaram pela defesa da pátria na luta contra os assalariados de Moscou Anauê! Anauê! Anauê! (A *Offensiva*, n.81 capa 30/11/35)

Esse “sacrifício pela pátria” reforça também a posição salvacionista pretendida pelos integralistas, utilizando o apelo nacionalista e o combate aos inimigos, agindo algumas vezes inclusive como ameaça, visto que se não há apego a própria vida, tampouco haverá à deles.

Somos os mais fortes nessa luta e quando **Deus escolhe entre nós os mortos**, não pensamos em reclamar ou em gemer. Pensamos em seguir adiante, como seguir em adiante, como seguiremos, transportados ao poder pelas metralhadoras comunistas até o dia implacável, em que todas elas serão caladas para higiene da pátria e a consumação da justiça. (A *Offensiva*, n. 22 contracapa, 11/10/1934)

Nós integralistas, defensores de Deus, da Pátria e da Família, juramos, ante o auri-verde pendão, sacrificar **a nossa vida pela salvação e grandeza do Brasil**. Podem os comunistas, anarquizadores de pátrias espalharem seu terrorismo ignóbil. Mercê de Deus, o Brasil ainda tem quem o defenda! (O *Integralista* n. 21 p.3, 14/10/34)

Como processo revolucionário, temos que quem não é por nós, é contra nós e, então, combateremos tudo quanto nos constitua obstáculo ou perturbe o ritmo de nossa arrancada. **Assim, não temos nenhum apego à nossa vida pessoal, e muito menos, à de nossos inimigos** (Dr. MADEIRA DE FREITAS, secretário do DNP e chefe provincial do distrito federal, na A Nação, de 18/10/34) (O *Integralista*, n. 26 contracapa, 18/11/34)

A idéia da morte não nos amedronta. Cada um de nós tem procurado preparar-se diante de Deus, para enfrentar a vida eterna. **Nossa daremos, se for preciso, a vida** pela vitória do nosso sonho nacional. (*Revolução*, 16/17/18 p.3, 7/10/1936)

Outros valores como a exaltação da juventude e da disciplina, ainda que com menor freqüência, também ganham destaque.

O velhos, de 20 ou de 100 anos, não perturbeis com vossos rogos a mocidade!... **A juventude não tem passado e não se alimenta do pão de ontem da saudade!** Ela ama o dia de amanhã e a sua marcha é violenta para tomar de assalto o futuro.. é a marcha dos violentadores da história! (A *Offensiva*, n. 7 capa 28/6/34)

O povo brasileiro tem sido injustamente acusado de indisciplina; ele é, entretanto, **perfeitamente disciplinado** ao que de fato lhe mereça o respeito. (*A Offensiva*, n.450, capa, 31/03/37)

Pai de família: se teu filho quiser ingressar nas hostes dos integralistas, não lhes cerceie o desejo. No integralismo, ele aprenderá a ser **um zelador da honra, um estudante exemplar, um modelo de comportamento**, uma real afirmação do Brasil integral. Na AIB, o jovem como velho, verão nascer em si, dos ensinamentos que receberam, uma cultura nova e sã. (*O Integralista*, n. 35 capa, 27/1/1935)

Estado corporativo

A defesa da sindicalização e da organização do Estado em corporações ganha destaque nos artigos das páginas onde se encontra a coluna “Proletariado”, no jornal *Revolução*, de Porto Alegre, e em *A Offensiva* (neste jornal, a partir de 1936 o espaço passa a se chamar “Página Syndical”). Esse espaço também presente em outros jornais integralistas, como no *Acção*, de São Paulo, era sempre ladeado pelos dizeres “Trabalhadores do Brasil, uni-vos contra o capitalismo e contra o comunismo” e “O Integralismo dará aos trabalhadores trabalho, salário justo e educação”. Dessa forma visava conquistar adeptos entre os operários afastando-os da “ameaça comunista”. Se nos artigos dessas páginas apareciam temas desenvolvidos pelos teóricos integralistas, como a organização corporativa da sociedade, alçavam à condição de *frase destaque* temas com maior apelo emocional, muitas vezes incompatíveis entre si. Destaca-se, por um lado, o apelo pela harmonização das classes ou equilíbrio econômico, enquanto que em outros momentos ataca-se aos patrões e à burguesia.

a) Equilíbrio econômico

A **harmonia econômica** de uma nação reside num perfeito **equilíbrio entre a produção e o consumo**. No Brasil o consumo está se enfraquecendo em vista da falta de poder aquisitivo das massas, em geral pessimamente remuneradas por isso é preciso, a todo o transe, proteger tenazmente a campanha pró aumento de salários. É esse o grande interesse da economia nacional! (*A Offensiva* n.154 contracapa suplemento página sindical, 12/4/36)

A **harmonia econômica** de uma nação reside num perfeito equilíbrio entre a produção e o consumo. No Brasil o consumo está se enfraquecendo em virtude da falta de poder aquisitivo das massas, em geral pessimamente remuneradas. Quando se fala que é preciso, a todo o transe, aumentar o salário dos trabalhadores, **o grupelho dos habituados a encher as arcas a custo de horrendas explorações** logo se insurge contra esta medida, sobre a hipócrita alegação de que ela implicaria no acréscimo no preço das mercadorias uma vez que sobem com isso as despesas do comércio...

Ignorarão eles o aumento dos salários traz, fatalmente, maior consumo? (*Revolução*, n.16/17/18 contracapa, 7/10/1936)

No regime comunista, no qual o governo é o único patrão, o operário passa a ser uma simples máquina sem outros direitos que o de produzir. Torna-se, enfim, a mais insignificante das criaturas. No estado burguês, pelo fato dos patrões não "enxergarem" as qualidades dos empregados, o operário que têm dignidade nunca sai do seu ordenadozinho. Quando, porém, que tenta subir de posto, torna-se um bajulador detestável, sempre procurando intrigar os colegas com os patrões. Nós, integralistas, queremos que o operário vença pela sua honradez e pela sua capacidade e que ao comparecer a presença do patrão possa sempre fazê-lo de cabeça erguida. **PATRAO e EMPREGADO, em harmonioso conjunto**, formarão no estado integral uma das grandes forças que pugnarão constantemente pela estabilidade da ordem social e consequência grandeza da pátria! (*Revolução*, n.20 contracapa, 24/10/1936)

b) Antiburguesia/plutocracia:

O estado integral não se limitará a legislar sobre horas de trabalho, repousa periódico, e outras garantias que a **hipocrisia burguesa** oferece, a título de ordem da ou falsa caridade, às massas trabalhadoras. (do manifesto programa AIB) (*A Offensiva*, n.101 o complemento contracapa – também publicado em *Revolução*, n.8 contracapa, 1/8/1936)

Até quando consentiremos que **um argentarismo sem entranhas e uma burguesia gozadora** assistam indiferentes e criminosamente o drama do trabalhador brasileiro? (*Revolução*, n.3 contracapa, 27/6/1936)

A harmonia social não está na função de uma brilhante legislação, mas sim na mudança de **atitude das classes patronais, cuja arrogância e desdém tem acirrado o ódio das classes trabalhadoras!** - o nosso operário já não crê nas promessas que lhe fazem de uma vida melhor. O integralismo, porém creiam ou não, realizará às aspirações do trabalhador brasileiro! (*Revolução*, n. 4 contracapa, 4/7/1936)

O espaço é utilizado também para ataques ao comunismo e ao liberalismo, e especialmente à valorização do trabalhador e o engajamento na luta pelo salário mínimo e participação nos lucros. Dessa forma, pretendia-se conquistar o operariado – público que disputavam especialmente com o comunismo - para as fileiras integralistas.

c) Anticomunismo e antiliberalismo:

Operários! As pátrias são eternas! A justiça social do integralismo se processará dentro da pátria brasileira. **Não sois operários do mundo.** Sois operários do Brasil. O Brasil integralista fará justiça, detendo a vossa causa (*A Offensiva*, n.39 contracapa, 7/2/1935)

O operariado brasileiro está cansado de burlas e de injustiças. Nas próximas eleições presidenciais ele mostrará a **sua repulsa pelos velhos e carcomidos partidos liberais** que têm sido a desgraça das classes laboriosas da nação, tudo prometendo e nada cumprindo. O integralismo nada promete. Ele quer a colaboração de todos, para realizar o seu programa e sua doutrina, dentro da justiça social e visando a grandeza da pátria, sem fazer promessas quiméricas. (*Revolução*, n.46 contracapa, 13/5/1937)

c) Valorização do trabalhador:

Nos campos do Brasil vive um proletariado infeliz e miserável, esquecido de deus e do mundo. Uma das grandes campanhas nacionais que queremos romper é justamente a de fazer justiça a **esses homens que são autênticos baluartes da economia brasileira** e não devem permanecer no abandono e na miséria (*Revolução*, n. 40 contracapa, 3/4/1937)

d) Legislação/ salário mínimo:

Estariam perdidos os que quisessem encarar o problema da salvação do trabalho como um problema de simples fixação do salário mínimo (*A Offensiva*, n.51 contracapa, 4/5/1935)

A reivindicação que preencher guias mais justas aspirações das classes trabalhadoras e atenderia aos seus legítimos direitos seria a de uma modalidade de distribuição da riqueza em que ficassem atendidos o que direitos do trabalho sobre se o **lucro da produção**. Na falta dessa, que é por enquanto devido às dificuldades de toda ordem, é preciso fortalecer o mais possível a campanha do salário mínimo. **Esta campanha é ainda insuficiente**, mas terá o mérito de substituir a grande injustiça que pesa atualmente sobre as classes trabalhadoras, nessa questão de salário, por uma injustiça menor e mais suave. (*A Offensiva*, n.160 contracapa suplemento, 19/4/1936)

Salário justo lei participação nos lucros, é a bandeira reivindicatória que está desfraldada pelos trabalhadores do Brasil. (*Revolução*, n.31 contracapa, 23/1/1937)

Finalmente, a página sindical é utilizada como espaço de orientação aos integralistas sobre sua atuação dentro dos sindicatos.

e) Palavras de ordem sobre a participação dos integralistas nos sindicatos:

Todos devem fazer do seu sindicato uma arma nobre na luta pela justiça social! (*A Offensiva* n.86 p. 7 páginas sindical, 4/1/1936)

O camisa verde que estiver fora do seu sindicato não está cumprindo o seu dever! (*A Offensiva* n.87 p.7 página sindical, 11/1/1936)

O sindicato deve ser um instrumento eficaz por intermédio do qual os pequeninos e os fracos se façam um ouvir e respeitar! **Os integralistas ao ingressarem nos sindicatos não fazem como meio de propaganda** de sua ideologia, mas simplesmente como o alevantado objetivo de serem úteis aos ideais do sindicalismo brasileiro! (*Revolução*, n.13 contracapa, 5/9/1936)

3.2.2 Temas organizativos

No eixo de temas organizativos, reunimos questões de organização interna, notícias sobre a expansão do movimento, relativas aos congressos, visitas de lideranças nacionais, abertura de novos núcleos, bem como orientações para os integralistas em termos de organização geral; incluímos aí aquilo que chamamos de *contra-ataque*, que são respostas a ataques da grande imprensa e a atitudes coercitivas do governo; e orientações relativas às eleições – dos pleitos de 1934, 1935 e a campanha presidencial de 1937.

Para Cavalari (1999, pp.92-93), “o destaque que se dava a notícias sobre a expansão e realizações do Integralismo, em todos os jornais, [representava] que o Movimento pretendia despertar a competição entre os militantes levando-os a trabalhar mais pela causa. Ou seja, ao se reconhecer publicamente o trabalho desenvolvido por determinado núcleo, pretendia-se criar um efeito multiplicador. Os outros núcleos desdobrariam esforços na ânsia de obter o reconhecimento das autoridades do Movimento e de seus pares”. Nesse trecho, a autora se refere às colunas ou páginas que todos os jornais integralistas dedicavam às notícias do movimento nas outras localidades. Em *A Offensiva*, o espaço chamava-se “Integralismo nas Províncias”, enquanto que nos jornais locais era “notícias integralistas”, “boletim integralista” ou mesmo “integralismo na província”. Por vezes, essas notícias ganhavam espaço na *frase destaque*, reforçando a importância de se retratar a expansão do movimento, não só para o público integralista, incentivando a ação, como para o público externo, como demonstração da grandiosidade do movimento.

A força de uma idéia. Milhares de brasileiros, reunidos em Porto Alegre, representando 254 núcleos espalhados por toda a província, **demonstraram a pujança do integralismo no Rio Grande do Sul** - nós queremos, podemos e realizaremos o Brasil Integral. Com a energia de nosso cérebro e com a força do nosso braço nós não teremos o Brasil unido, liberta-lo-emos do capitalismo internacional, e venceremos a ofensiva comunista que nos pretende reduzir a miserável situação de colônia da Rússia bolchevista. (*Revolução*, n.16/17/18 p.2, 7/10/1936)

O integralismo está revolucionando a fronteira! (*Revolução*, n.33 capa, 13/2/1937)

Cada vez mais forte é bela, a idéia integralista fascina a mocidade da pátria! **A bandeira do Sigma, durante o mês último, presidiu a inauguração de mais 203 núcleos municipais!** Nem os próprios chefes, se quisessem, poderiam agora deter esta luminosa marcha de um novo Brasil que despertou! (*A Offensiva*, n.26 capa 8/11/34)

Camisas verdes da pátria! O congresso de Blumenau, reunido na gloriosa cidade sulina cerca de 35.000 integralistas, é como um toque de alvorada, **anunciando ao meio milhão de companheiros** e aos demais brasileiros que crêem no Brasil, o surto de uma grande nação. (*A Offensiva* n.72 capa 28/9/35)

A atenção dada ao desenvolvimento do integralismo em diferentes regiões e a tese de Cavalari (1999) exposta acima reforça o caráter organizativo que assume um jornal partidário. Faz lembrar a metáfora do *andaima* de uma construção proposta por Lênin, para quem, a partir do jornal, todos os envolvidos na construção do movimento poderiam ter uma noção sobre o andamento da mesma, o quanto falta, em que pontos já está mais sólida.

Além de referências à expansão do movimento, são considerados temas organizativos as “palavras de ordem”, chamamentos destinados aos integralistas, muitas vezes, com o uso do vocativo “Camisas Verdes!” ou “Integralistas!”, com orientações no imperativo para a organização do movimento. Esse tipo de *frase destaque* é bem mais freqüente nos jornais locais que no de nível nacional.

Integralistas! **Vinde formar na milícia** para prestar continência ao Sr Chefe Nacional! (*O Integralista*, n.16 contracapa 19/8/1934)

CAMISAS VERDES! – Em toda a Província, a 7 de setembro, em todas as comemorações, **compareçam trajando o nosso uniforme** – nossa gloriosa camisa verde! Anauê! (*O Integralista*, n.63 capa 1/9/1935)

Camisas-verdes do Rio Grande do Sul, **prepararai-vos para o segundo congresso provincial**. O chefe nacional vem aí. Precisamos fazer de sua visita o maior acontecimento do integralismo no ano de 1936! Para a vitória e pela inscrição de mais um: Anauê! (*Revolução*, n. 13 capa, 5/9/1936)

CAMISAS VERDES DO INTERIOR! **Aproveitai o mês de dezembro entrante para instalar** – de ordem do chefe nacional - núcleos integralistas nos municípios onde ainda não está tremulando a bandeira do Sigma! (*O Integralista*, 28 capa 2/12/1934)

Em 1935, ainda em Porto Alegre, percebemos certa alteração no tom do chamamento, como uma intimação ao trabalho. Após um ano de bastante propaganda e atividade para conseguir uma razoável estruturação do movimento em Porto Alegre, “1935 não começou bem e demonstrou que os resultados alcançados não eram os esperados. O primeiro indício de que algo ia mal foi o fato de os informes da AIB, publicados no *Correio do Povo*, terem diminuído consideravelmente, tanto em relação ao número de vezes que apareciam, quanto ao seu tamanho. Ao que parece, as inúmeras atividades que os núcleos deveriam desenvolver sistematicamente não estavam sendo

cumpridas a contento” (MILKE, 2003, p.86). Algumas *frases destaque* do período parecem-se assim como “puxões de orelha”.

CAMISAS VERDES: a nossa pátria está próxima da anarquia e da desordem. **Trabalhai pelo Estado Integral** que a salvará. (*O Integralista*, n. 45 capa 14/4/1935)

Multiplicai o numero das reuniões, das sessões internas nos núcleos e nos salões, teatros. Ide instalar núcleos onde não os houver. Ide animar os que estiverem funcionando. **Redobrai o esforço.** (da diretiva do chefe nacional aos chefes provinciais e municipais) (*O Integralista*, n.46 contracapa, 21/4/1935)

Enquanto falsos integralistas nada de aproveitável fazem, aqui ou alhures em prol do movimento, companheiros nossos de muitíssimos municípios do interior estão – em holocausto à nossa causa – sustentando luta ingrata, sofrendo perseguições de toda espécie, partidas de autoridades atrabiliárias, e correndo até perigo de vida! Integralistas do Rio Grande, - **já é tempo de trabalhardes pelo bem do Brasil** (*O Integralista*, n.48 contracapa, 5/5/1935).

3.2.2.1 Contra-ataque

Incluimos ainda no eixo “temas organizativos”, aquilo que chamamos de “contra-ataque”, ou seja, as *frases destaque* que respondem a críticas recebidas da imprensa ou às coibições de determinados governos contra as manifestações integralistas. Em 1935 encontramos o ápice dessas reações, especialmente contra as perseguições sofridas pelos integralistas em Santa Catarina e no Paraná. Em Porto Alegre, a maior parte desses contra-ataques era voltada para a imprensa, que segundo os integralistas, caluniavam o movimento. Dessa forma, conforme se vê na charge, a imprensa, especialmente a ligada aos Diários Associados, se torna tão inimiga do integralismo quanto os inimigos ideológicos. O principal argumento encontrado é que se estão combatendo o integralismo, é porque ele realmente seria grande e importante.



A maior “bandeira” de penetração e propaganda do Integralismo até hoje organizado, em pose especial para “Revolução” (*Revolução*, n.4, 4/4/1936)

a) Contra governo. Mais freqüentes no plano nacional, em *A Offensiva*, embora também presentes nos jornais locais. Surgem a partir da Lei de Segurança Nacional (LSN), medida implantada pelo governo Vargas para conter os avanços comunistas, mas utilizada especialmente por governos locais também contra os integralistas. Nesse sentido, dirigem-se aos governos, menos como crítica a eles, e mais como defesa ao direito de manifestação.

O integralismo começa no coração, vai depois ao cérebro, torna-se ação, desce à rua, vai fazer a sua propaganda e **ninguém tem o direito, dentro da lei, de proibir essa propaganda.** (palavras do desembargador Cunha Barreto, na sua declaração de voto no tribunal regional de justiça eleitoral do Recife) (*A Offensiva*, n. 77, capa 2/11/35).

Temos o direito de fazer comícios em praça pública em virtude de dispositivos da Constituição Federal e da Lei de Segurança Nacional. Certas autoridades policiais do interior da província – obedecendo ordens superiores – negam-nos esse direito. Não importa – os verdadeiros patriotas irão às nossas sedes, porque sabem que nelas se trata dos verdadeiros interesses do Brasil! Chefes municipais, intensificai as reuniões nos vossos núcleos. (*O Integralista*, n. 50 capa 19/5/35)

A camisa verde é um empecilho para conspiradores, um estorvo para os que precisam seguir a moda de se articular nas trevas. Implicaram com ela porque ela é extremamente definidora. (*A Offensiva*, n. 69 capa 7/9/35)

Os governos de Santa Catarina e Paraná implicaram com a camisa verde. **Isso quer dizer que a reação daqueles liberais não vai além da roupa.** A questão de doutrina e está intelectualmente acima do alcance deles. (*A Offensiva*, 70 capa 14/9/35)

b) Contra imprensa – da parte contabilizada, verifica-se que a reação contra a imprensa era mais freqüente nos jornais locais. Queixavam-se, os integralistas, tanto do pouco espaço dedicado pela imprensa ao movimento, quanto pelo tratamento que davam nas poucas vezes que eram notícia.

Primeiro, quando éramos poucos, tentaram entibiar o nosso ânimo pelo ridículo. Crescemos. Começou então a “conspiração do silêncio”: **a imprensa IGNORAVA a nossa existência...** Continuamos a crescer: a imprensa preocupa-se demasiadamente conosco, a ponto até de saber a razão pela qual figuras de alto relevo no país vêm assistir aos nossos trabalhos...- nada conseguindo deter nossa marcha, cuidam agora, os nosso inimigos, **desencadear uma guerra telegráfica e intensa campanha jornalística, tentado infamar, com torpes calúnias, injúrias e ofensas graves, ao Chefe Nacional e aos próceres do Integralismo.** – Que todos estejam de sobre-aviso, diz o Chefe Nacional! (*O Integralista*, n.47 capa 28/4/35)

Conselho a todos os **pasquins sujos e jornalecos** às portas da falência, com títulos de responsabilidade e valor inferior a 100\$000, levados a apontamentos e a protesto: - quando quiserem de “safar” das aperturas, tratem de atacar ao Integralismo, na certeza de que (com os níqueis da venda avulsa até então inexistente!), terão assegurados mais alguns meses de vida...

Quem senti-la talhada a primor, que enfie a carapuça. (*O Integralista*, n.55 contracapa –baixo, 23/6/1935)

Em vista do propósito do "**Diário de Notícias**" de P. Alegre, de só publicar os boatos contrários ao Integralismo, aconselhamos a todos os amigos desse movimento **Guerra de Morte a esse jornal.** (*A Lucta*, n.9 contracapa, 25/11/1935)

Alguns jornais burgueses persistem opinaticamente em chamar-nos de extremistas. Nós estamos cansados de explicar por que é que não somos extremistas, e julgamos ter esgotado os recursos de persuasão a esse respeito, pois só possuímos e conhecemos como os da inteligência. (*A Offensiva*, n.67 capa 24/8/35)

O contato com outros grandes jornais nos permite constatar que a querela com a imprensa, especialmente com os Diários Associados, também se dava no plano nacional. No jornal *Ação*, de São Paulo, críticas moralistas aos jornais da rede de Assis Chateaubriand são freqüentes, enquanto que em *A Offensiva*, em junho de 1936, verifica-se uma verdadeira campanha contra Chateaubriand e os sorteios promovidos pelo seu consórcio. Nesse mês, quase todas as contracapas são dirigidas contra o magnata, excetuando-se apenas as das edições dominicais, justamente as que tomamos para amostragem, donde se verifica que ainda se está devendo uma análise exaustiva dessa temática.

3.2.2.3 Eleições

Ao analisarmos o ano de 1937, tanto em *Revolução* (jornal local de Porto Alegre) quanto no jornal nacional *A Offensiva*, percebe-se emergirem os temas das **eleições e da “democracia integralista”**, que já apareciam timidamente, despreziosamente ou mesmo de forma pessimista quando do pleito para constituinte estadual e câmara federal de 1934.

Disputando as eleições, **nada mais** visamos que a propaganda de nossa idéias. O Rio Grande do Sul precisa conhecê-las para decidir-se! - Anor Butler Maciel (*O Integralista*, n.20 capa 7/10/34)

Enquanto os partidos políticos se digladiam, cada qual procurando ao outro vencer, por força de chicanas e de sofisticarias, no recinto das mesas apuradoras, **os camisas verdes nos desinteressamos completamente dessa luta estéril**, certíssimo de que – como se lê nos nossos relógios – **a nossa hora chegará!** (*O Integralista*, n.22 capa 21/10/34)

Integralistas! Vosso rumo está marcado para os prélios eleitoriais de 14 de outubro próximo: nada de conchavos; nada de acordos com partidos, quer de oposição ou dos governos. **Nada de transigências doutrinárias para obter**

votos. Nada de concessões para obter apoio. (*O Integralista*, n.18 capa 2/9/34)

Tais *frases destaque* sobre o tema eram mais orientações aos próprios integralistas que propriamente propaganda. Dessa forma, as orientações iam de acordo com a determinação do chefe nacional sobre as eleições de 1934:

A participação do integralismo nas lutas eleitorais, não significa aprovação doutrinária do sufrágio universal; esta participação tem objetivo meramente tático e, de propaganda das idéias sustentadas pela AIB e de agitação da massa popular. Será uma campanha que dará a oportunidade a organização de núcleos integralistas em todas as cidades e distritos do país, assim como a captação de elementos simpatizantes que devemos evitar que assumam compromissos políticos, através do voto, com os partidos regionais da liberal democracia. (*A Offensiva*, n.16, *O Integralismo e as próximas eleições*, capa, 30/8/1934)

Descrentes da possibilidade de vitórias em 1934, *A Offensiva* publicava textos como “Morte ao voto!” e “A Inutilidade do Voto”, onde se dizia ser o voto uma farsa ou ilusão dos partidos liberais individualistas; que se escolhia ou uma pessoa ou um partido sem idéias, e assim o voto nada exprimia em relação ao futuro.

Em 1936, a AIB acredita que “a sua hora chegou”, e decide pleitear as eleições presidenciais. Em janeiro desse ano lançam o Manifesto-Programa da candidatura, intensificam as campanhas educacionais e a publicação de jornais integralistas, criando seis diários, inclusive *A Offensiva* se torna diário somente nesse ano. Em dezembro, porém, durante o Congresso de Imprensa Integralista, Plínio Salgado alerta: “Jornalistas: esta é a minha palavra de ordem sobre o problema da sucessão presidencial: silêncio; vamos ver primeiro o que eles querem fazer conosco”, trecho que é publicado em *frase destaque* como orientação aos demais integralistas na capa de *Revolução* em janeiro de 1937. O mistério duraria até 9 de abril, quando é lançada oficialmente a campanha eleitoral integralista. Dias mais tarde, na mesma edição em que publicava a *frase destaque* “O Integralismo não alicia máquinas humanas de votar, mas, pela pregação de uma doutrina nítida, torna o voto consciente e livre” (*A Offensiva*, n. 463, capa, 15/4/37), publica também a diretiva do chefe nacional dizendo “o ano de 1937 é o ano de intenso alistamento eleitoral nas fileiras do Sigma”, podendo, o camisa-verde que não se alistar, até mesmo ser expulso da AIB (*A Offensiva*, n. 463, *Alistamento eleitoral*, p.3, 15/4/37).

A primeira atitude de propaganda eleitoral é o lançamento de um plebiscito nacional para a escolha do candidato do Sigma, que seria oficialmente declarado em 12 de junho – Plínio Salgado. A idéia do plebiscito – embora apenas confirmasse o óbvio - foi amplamente explorada pela imprensa integralista como uma manifestação da “verdadeira democracia”. A participação no pleito, diferentemente de 1934, segundo os jornais integralistas, deixava de ser apenas uma forma de propagação doutrinária, para tornar-se uma forma de mostrar que o integralismo queria vencer dentro da lei.⁶³

Pela primeira vez na história do Brasil o partido nacional que é o único movimento brasileiro, lança a mais formidável campanha eleitoral, disposto a conquistar, pelas urnas, **em cumprimento da lei, o que os inimigos da pátria querem conquistar pelas armas.** (*Revolução*, n.41 capa 10/4/37)

Na **vanguarda da democracia!** Os integralistas escolherão, por um plebiscito, o candidato que será apresentado ao povo brasileiro, concorrendo às eleições presidenciais. Pratiquemos a democracia e não gritemos por ela, desmoralizando-a do todos os dias! (*Revolução*, n.43 capa 24/4/37)

Realiza-se, no próximo dia 22 de maio, o grande plebiscito para a escolha do candidato integralista. **Os camisas-verdes escolherão, livres e soberanamente**, a candidatura a ser apresentada ao povo brasileiro nos primeiros dias de junho. (*Revolução*, n.45 capa - 5/5/37)

Quero lhes dizer que a minha alegria hoje é imensa, porque eu estou sentindo esta coisa que nenhum político do meu país pode sentir: **eu comando homens livres!** Plínio Salgado. (*A Offensiva*, n. 495, capa, 23/5/37)

O caráter demagógico da proposta, no entanto, fica claro na capa de *A Offensiva* no dia do início do plebiscito (22/5/1937), ilustrando ao lado da manchete, a foto de Plínio Salgado, e trazendo no *lead* da matéria a verdadeira intenção: “O conhecimento do plebiscito provocou importantes adesões em todo o Brasil”.



As grandes atividades dos núcleos da AIB.
O conhecimento do plebiscito provocou importantes adesões em todo o Brasil. (*A Offensiva*, n.191, 22/5/1937)

⁶³ Uma hipótese a ser explorada é a inspiração hitlerista na decisão, visto este após malograr uma tentativa de golpe, chega à chancelaria alemã por meio do voto em 1933. Em 1936, *A Offensiva* deu ampla cobertura sobre a situação da Alemanha, chegando a publicar na capa do seu suplemento dominical uma matéria intitulada “A nova Alemanha libertada! O como Hitler conquistou o poder. A arma da cultura e a elevação do nível histórico”. (*A Offensiva*, n. 130, capa suplemento, 15/3/36)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ação Integralista Brasileira (AIB) dedicou grande importância à criação de uma ampla estrutura de imprensa com o fim de propagar a doutrina do Sigma por todo o Brasil na década de 1930. Desde a década de 1970, essas publicações têm servido como preciosa fonte para os estudiosos sobre o movimento, mas poucos têm considerado a imprensa partidária como objeto de análise *per se*. Por outro lado, os historiadores da imprensa também dedicam pouca atenção a esse tipo de jornalismo. A partir desta constatação, procurou-se reunir nesta monografia as colaborações já existentes em ambos os campos - estudos do integralismo e do jornalismo – para entender o que representou tamanha estrutura de imprensa para o movimento-partido integralista.

A contribuição que o olhar da Comunicação traz aos estudos sobre Integralismo é a compreensão dos mecanismos de persuasão empregados por movimentos e partidos ideológicos, assim como o reconhecimento das funções que um jornal, ou outro meio de comunicação, pode exercer em uma organização. Desta forma, o trabalho, na primeira parte, contextualizou o surgimento de um movimento fascista na história do Brasil, mas também buscou inserir sua estrutura de propaganda e imprensa no contexto em que estas se apresentavam e desenvolviam em outros movimentos, partidos ou governos.

Assim, foi possível identificar a reprodução de algumas técnicas *da propaganda ideológica* comunista e nazista, não só na máquina simbólica que envolvia saudações, símbolos gráficos e marchas, mas também nas páginas dos jornais integralistas. A simplificação pedagógica e a repetição constante dos pontos doutrinários são exemplo disso. Da mesma forma, a redução dos inimigos a um inimigo único, no caso, liberalismo e comunismo como faces da mesma moeda, também é perceptível. Outra técnica reconhecida é a tentativa de fazer com que as idéias partidárias parecessem

unânicos e contagiantes, o que se dava tanto na realização de grandes marchas, como na transformação e mesmo ampliação delas em notícias.

O levantamento sobre o jornalismo político-partidário permitiu inserir a imprensa integralista numa fase histórica que sinalizava justamente o fim desse tipo de jornalismo frente à concorrência do emergente jornal-empresa. Mais que isso, demonstrou que as funções de um jornal partidário ultrapassam esse rompimento na história da imprensa, assim como vão além da propaganda. A partir do exemplo de folhas de outros partidos, se pôde perceber que o jornal - ao retratar o desenvolvimento do partido em diferentes localidades, ao emitir orientações à militância, ao responder eventuais ataques sofridos e ao promover e fortalecer a unificação ideológica entre seus membros, munindo-os de argumentos - assume também a função de organização partidária.

Essas funções – propaganda e organização - apresentaram seu grau máximo de simplificação no espaço analisado do jornal, aqui denominado *frase destaque* (FD). Esse espaço, por sua grande visibilidade na capa e contracapa, demonstrou o que os editores, responsáveis pela hierarquização dos temas abordados nos jornais, julgavam mais importante ser dito em determinada edição. A análise feita na terceira parte da pesquisa demonstrou que, na maior parte das vezes, o destaque era dado às sentenças doutrinárias, e não para a notícia mais importante do dia ou da semana como se daria nos jornais comerciais. Dessa forma, os pontos principais da doutrina eram transmitidos, de forma sintética e gritante, em doses semanais ou diárias, conforme a periodicidade do jornal. Mesmo propagando pontos fixos da doutrina integralista, a evolução dos conteúdos presentes nas FD refletia, em grande parte, o contexto histórico e o desenvolvimento do próprio movimento-partido. Isso se vê, por exemplo, na concentração de FD anti-comunistas quando do surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935, ou na emergência de um tema como democracia, no ano em que a AIB lança seu candidato à presidência da República, em 1937. Uma parte menor das FD, classificada entre os temas organizativos, refletia de forma mais imediata a circunstância em que se encontrava o movimento. Nessas FD, se viram cumpridas as funções de resposta a ataques e acusações da grande imprensa ou de governos, orientação dos militantes e notícias de expansão, congressos como demonstrações de força e unidade.

Além das funções dos jornais partidários encontradas na prática, sobressai-se ainda nessa pesquisa, a grande atenção que os integralistas dedicaram a uma formulação

própria sobre papel da imprensa na sociedade e no pretense “Estado Integral” – assunto sobre o qual se debruçou a segunda parte do trabalho. Para os integralistas, a imprensa deveria ser o guia, o orientador das massas. Para isso, o jornalista deveria ter uma formação superior e ser reconhecido como categoria profissional. Com esse pensamento, os integralistas idealizam uma Escola Brasileira de Jornalismo e discutem uma forma de organização da classe jornalística de modo a garantir “a defesa social e econômica dos trabalhadores de imprensa”. Mais do que uma classe reconhecida, a concepção integralista julgava que a imprensa devia atuar lado a lado com o Estado, como parte integrante da sua direção, sendo inclusive mantida por ele.

Em conjunto, tanto (1) o caráter propagandístico e organizativo do jornal partidário, como (2) o empenho na profissionalização do jornalismo, e (3) a função reservada a ele no *Estado Integral*, podem ser considerados como investimento estratégico para os objetivos totalitários do movimento-partido. O primeiro pelo propósito de chegar à massa, conquistando mais aderentes e de mobilizar o militante, fortalecendo o seu enquadramento, a disciplina e a doutrinação. Outrossim, pelo próprio conteúdo difundido, que, de forma elaborada, simplificada ao grande público, reflete os principais pontos da ideologia integralista. O segundo ponto toca tanto a origem social da direção da AIB, intelectuais que atuavam sobretudo pela imprensa, como um dos elementos da ideologia fascista: a organização corporativa da sociedade. Finalmente, “a função de integrante da direção do Estado” evidencia que, apesar de propalar a liberdade e a auto-direção à imprensa, o *Estado Integral* almejava que os jornais se tornassem dependentes dele.

Nesse âmbito, se prolongado o período histórico da análise, constatar-se-ia que, não obstante o *Estado Integral* não ter se concretizado, muitas de suas idéias relativas à imprensa encontraram lugar na ditadura do *Estado Novo*. Esse paralelo poderia ser explorado em novas pesquisas. O trabalho também abre possibilidade de novas pesquisas sobre a imprensa partidária em geral, ainda carente de bibliografia; e mesmo sobre a imprensa integralista, visto que o tema, evidentemente não foi esgotado aqui. Espera-se ter contribuído.

REFERÊNCIAS

Acervos e arquivos consultados

- Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP “Oscar Arruda Penteadó” (fundo Plínio Salgado)
- Arquivo do Estado de São Paulo (arquivos DEOPS)
- Acervo Benno Mentz
- Centro de Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e Partido de Representação Popular (CD – AIB/ PRP)
- Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio Grandense (NUPERGS)

Jornais

A Offensiva (Rio de Janeiro)

O Integralista (Porto Alegre)

A Lucta (Porto Alegre)

Revolução (Porto Alegre)

Acção (São Paulo)

A Razão (São Paulo)

A Verdade (Santo Ângelo / RS)

Monitor Integralista (São Paulo)

O Aço Verde (São Paulo)

O Bandeirante (Caxias do Sul / RS)

O Povo (Rio de Janeiro)

Rumo ao Sigma (Rio Grande / RS)

Variedades (São Paulo)

Revistas

Anauê! (Rio de Janeiro / RJ)

Sigma (Niterói / RJ)

Brasil Feminino (Rio de Janeiro / RJ)

Panorama (São Paulo / SP)

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARBOSA, Jefferson. **A imprensa integralista e sua propaganda política no jornal Acção**. In ELENPICC, 5., 2005, Bahia. Disponível em www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/JeffersonRodriguesBarbosa
- BERTONHA, João Fábio. **A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30**. História & Perspectivas, Uberlândia (7):87-110, Jul./Dez. 1992.
- CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo, ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CHARLE, Christophe. **Le siècle de la presse (1830-1939)**. Paris : Editions du Seuil, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira**. In: *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- CORREIA, Fernando. *A informação e o Partido*. In Revista *O militante*, nº235. Nº 235 - Julho/Agosto, 1998. Disponível em (<http://www.pcp.pt/publica/militant/235/p29.html>)
- DIAS, Osni Tadeu. **Vitorino Prata Castelo Branco e o primeiro Curso Livre de Jornalismo do Brasil**. In Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2., 2004, GT História do Jornalismo, disponível em www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd
- DIEHL, Ana Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996.
- DOMENACH, Jean-Marie. **A Propaganda Política**. São Paulo: Difel, 1963
- DOTTA, Renato Alencar. **A imprensa integralista de São Paulo e os trabalhadores urbanos (1932-1938)** in SILVA, Giselda. *Estudos do Integralismo no Brasil* (no prelo)
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo. Ideologia e Propaganda Política**. São Paulo: Edições Loyola, 1982a.

- _____. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982b.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.
- LAMOUNIER, Bolívar **Formação de um pensamento político autoritário na primeira república. Uma interpretação** in FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*, Tomo III, Vol.2, pp.344-374 Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996
- LENIN, W.. *Que fazer?* Edições Maria da Fonte, [19--].
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- MACHADO, Maria Berenice da Costa. **Estatégias híbridas de ação política e mercadológica. Estudo dos discursos normativo, jornalístico e publicitário do jornal Zero Hora no período de 1998-2004**. 2004. Tese (doutorado em Comunicação) Porto Alegre: PUCRS, 2004.
- MALAVOLTA, Pedro Z. **Comunicação e estado no final do estado novo: a ação da agência nacional em 1945**. São Paulo, 2006. (Trabalho de conclusão de curso – Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo. A Saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- MILKE, Daniel. **O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)**. Porto Alegre: PUCRS, dissertação mestrado em História, 2003.
- MORAES, Dênis. **O imaginário vigiado, a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos - **“Perante o Tribunal da História”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. Porto Alegre: PUCRS, dissertação mestrado em História, 2004.
- PAYNE, Stanley G. **El Fascismo**, Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- PEREIRA, Luiza Helena. **Análise de conteúdo: um approach social**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, sem data.
- QUEVEDO, Josemari. **Porto Alegre de Papel. Uma análise das capas de Zero Hora de 1989 e 1992**. 2006. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo),

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SHIRER, William. **Ascensão e queda do III Reich**. Vol.1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

SILVA, Giselda Brito. **A Lógica da suspeição contra a força do Sigma. Discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco**. Recife, UFPE, tese de doutorado em História, 2002.

SILVA, Giselda. **Estudos do Integralismo no Brasil** (no prelo)

SILVA, Rogério Souza. **A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê!** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.25, nº50, p.61-95 – 2005.

SODRÉ, Nelson. **Historia da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONTAG, Susan. **Fascinante Fascismo. Sob o Signo de Saturno**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996.

TCHAKHOTINE, Serge. **A mistificação das massas pela propaganda política**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. Difel, Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Integralismo: teoria e práxis nos anos 30** in FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol.3, São Paulo, 1981 pp.297-336.

_____. **O Nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade**. Porto Alegre: Síntese Universitária, Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

_____. (org). **Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)**. Porto Alegre: L&PM, 1980.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculos da política**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

Da Internet

Dicionário Político *Marxists Internet Archives*

(<http://www.marxists.org/portugues/dicionario/>).

Anexo 1

RELAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS INTEGRALISTAS COM AS SUAS LOCALIDADES⁶⁴

Rio Grande do Sul

1	O Integral	Boa Vista do Erechim
2	Revolução	Porto Alegre
3	O Bandeirante	Caxias do Sul
4	Rumo ao Sigma	Rio Grande
5	A Lucta	Porto Alegre
6	O Integralista	Porto Alegre
7	Anauê	Dom Pedrito
8	A Verdade	Santo Ângelo
9	Der Kampf	Novo Hamburgo

Santa Catarina

1	O Agricultor	
2	O Pharol	Itajaí
3	Flamma Verde	Florianópolis
4	O Jaraguá	Jaraguá do Sul
5	Vanguarda	São Francisco do Sul
6	Anauê	Joinville
7	Cidade de Blumenau	Blumenau
8	Alvorada	Blumenau
9	O Progresso	Brusque
10	A Folha Nova	Joinville

Paraná

1	A Razão	Curitiba
2	Brazilidade	Guarapuava
3	Brasil Novo	Ponta Grossa
4	Folha do Oeste	Guarapuava
5	A voz do Sigma	Curitiba
6	O integralista	Curitiba

São Paulo

1	A Acção	São Paulo
2	A Gazeta de Jaboticabal	Jaboticabal
3	Panorama*	São Paulo
4	O Guayra	Guayra A. Mogiana
5	A Região	Cafelândia
6	O Despertar	Marília
7	O Nacionalista	Araraquara
8	Voz do oeste	Ribeirão Preto

⁶⁴ Fonte: Trindade (1972) e Cavalari (1999).

* distribuição nacional

9	O Santelmo	Guaratinguetá
10	Anauê	Mogi Mirim
11	Folha Integralista	Taquaritinga
12	A Razão	Espírito Santo do Pinhal
13	Folha do Povo	Jacareí
14	Tribuna de Mococa	Mococa
15	A Lucta	São Carlos
16	A Jornada	Sorocaba
17	A Folha de Jundiahy	Jundiahy
18	O Estado Integral	Franca
19	O Sigma	Itambacuri
20	Rumo ao Sigma	Ponte Nova
21	Fogo Verde	Raul Soares
22	O Aço verde	São Paulo

Rio de Janeiro

1	Bandeira Integralista	Barra do Pirahy
2	A Sapucaia	Sapucaia
3	Anauê	Rezende
4	Alvorada	Nova Friburgo
5	O Sigma	Valença
6	A Marcha	Petrópolis
7	A Ordem	Niterói
8	Gazeta de Nova Iguaçu	Nova Iguaçu
9	O Theresópolis	Theresópolis
10	O Aço Verde	Estrela
11	A Flâmula (revista)	Valença
12	O Acadêmico Integralista	Niterói
13	O Democrata	Petrópolis
14	O Sigma	Pádua
15	Espumas	Niterói
16	O Estado Forte	Rio de Janeiro
17	Monitor Integralista (oficial)*	Rio de Janeiro
18	Offensiva*	Rio de Janeiro
19	Anauê (revista)*	Rio de Janeiro
20	Doutrina	Rio de Janeiro
21	O Povo	Rio de Janeiro
22	Século XX	Rio de Janeiro

Minas Gerais

1	Alvorada	Belo Horizonte
2	Camisas Verdes	Ouro Fino
3	Pliniano	Pedra Branca
4	O Sigma	Juiz de Fora
5	O Juvenil	Juiz de Fora
6	A Marcha (revista)	Belo Horizonte
7	A Reforma	Juiz de Fora
8	Satélite	Teófilo Otoni
9	A Phalange	Poços de Caldas
10	O Montanhez	Três Pontas

11	Fogo Verde	Raul Soares
12	O Integralismo	Saúde
13	Brasil Novo	Guaxupé
14	Rumo ao Sigma	Ponte Nova
15	Curupira	Três Corações
16	Quarta Humanidade	Itajubá
17	Brasil Novo	São João del Rei
18	Estado Novo	Porto Novo
19	Aço Verde	Santa Rita do Sapucaí
20	Cidade de Ituiutaba	Ituiutaba
21	Gazeta de Uberaba	Uberaba
22	O Sertão	Ituiutaba
23	O Sigma	Itambacury
24	O Integralista	Carangola
25	Lábaro Azul	Areado
26	A Idéia Nova	São Lourenço
27	A Marcha	Catanduva
28	A Razão	Pouso Alegre
29	A voz do oeste	Ouro preto
30	Anauê	Belo Horizonte

Espírito Santo

1	Idade Nova	Vitória
---	------------	---------

Bahia

1	A Voz do Sigma	Jequié
2	O Sigma	Itabuna
3	O Jornal	Jequié
4	O Popular	São Salvador
5	O Operário	São Salvador
6	A Fauna	Maragogipe
7	O Imparcial	São Salvador
8	A Voz do Estudante	São Salvador
9	O Serrinhense	Serrinha
10	O Sertão	Lençóis
11	A Mocidade	Santo Amaro
12	O Popular	Alagoinhas

Sergipe

1	A Lucta	Annápolis
2	A Cruzada	Aracaju
3	O Nacionalista	Aracaju
4	O Sigma	Aracaju

Alagoas

1	A Província	Maceió
2	Bandeirante	São José da Lagoa
3	O Bandeirante	Serra Grande

Goiás

- | | | |
|---|--------------------|-------|
| 1 | Província de Goyaz | Goyaz |
| 2 | Sigma | Goiás |

Pernambuco

- | | | |
|---|--------------------|----------------------|
| 1 | Diário do Nordeste | Recife |
| 2 | A Razão | Garanhus |
| 3 | O Tacape | Tiúma |
| 4 | O Braço Verde | Caruaru (ou Camaru?) |
| 5 | A Acção | Recife |
| 6 | A Cidade | Recife |

Ceará

- | | | |
|---|----------|-----------|
| 1 | A Idéia | Aracati |
| 2 | A Razão | Fortaleza |
| 3 | A Reação | Crato |

Maranhão

- | | | |
|---|----------------|-----------------------|
| 1 | O Integralista | Balsas (ou São Luiz?) |
| 2 | Acção | São Luiz |

Pará

- | | | |
|---|---------|----------|
| 1 | Avante | Belém |
| 2 | O Sigma | Santarém |

Amazonas

- | | | |
|---|-----------------------|--------|
| 1 | Anauê | Manaus |
| 2 | Renovação | Manaus |
| 3 | Província do Amazonas | Manaus |

Rio Grande do Norte

- | | | |
|---|----------|-------|
| 1 | A Ordem | Natal |
| 2 | O Rebate | Natal |

Paraíba

- | | | |
|---|----------|----------------|
| 1 | O Rebate | Campina Grande |
|---|----------|----------------|

Anexo 2

CÓDIGO DE ÉTICA DO JORNALISTA

Lançado no primeiro Congresso de Imprensa Integralista, dezembro de 1936

- I – Não escrevas sem conheceres o assunto de que trata
- II – Faze do jornal um órgão de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas
- III – Respeita o teu leitor: ele confia na tua informação; sê verdadeiro e justo
- IV – O século 19 foi o século do jornal disponível, a praça pública onde se erguiam as vozes de todas as opiniões; mas este século, cheio de angústias, é o século do jornal doutrinário, porque o povo quer se orientar.
- V – Uma grande manchete escandalosa pode render mais alguns níqueis no balcão, mas isso pode custar o preço da dignidade de um jornal.
- VI – Pensa três dias antes de publicares um ataque pessoal; ao fim de três dias, mesmo quando esse ataque for considerado justo, substitui, se puderes, esse artigo por uma página doutrinária.
- VII – Risca do teu dicionário toda palavra caluniosa, injuriosa, imoral, grosseira; é uma questão de higiene e de decência, de nobreza e de estética.
- VIII – Eleva-te; verás melhor e todos te verão melhor.
- IX – Quando tratares de fatos concretos, pergunta: - tenho provas?
- X – Sempre que tratares de uma questão técnico-especializada, em que não sejas profundo, não te entregues ao critério de um único especialista; muitos jornais honestos adquiriram injusta fama de venalidade, porque seus diretores não tiveram essa precaução.
- XI – Cuidado com os amigos, mais do que com os inimigos; estes já os conheces, mas aqueles podem, até mesmo de boa fé, servir a interesses desconhecidos ou inconfessáveis.
- XII – Defende e prestigia a tua classe; sê solidário com os teus colegas; e ao teu próprio adversário, se ele é digno, rende-lhe as homenagens nos limites da tua dignidade, socorre-o nos momentos que se tornar necessário o teu concurso.
- XIII – Não disfarces com a neutralidade da matéria paga qualquer publicação que contrarie a orientação do teu jornal.

XIV – Lembra-te que o teu jornal tem ingresso nas casas das famílias brasileiras; evita tudo que puder ofender a dignidade de olhos e ouvidos cristãos.

XV – Não acredites que a mentira possa prestar serviços à tua causa; a verdade pode não conseguir as primeiras vitórias, porém, a última sempre lhe pertence.

XVI – É uma injúria ao povo e um grande erro dizer que um jornal precisa descer de nível para que o público compreenda; crê nas poderosas intuições do povo e estimula nele a consciência do seu valor em vez de deprimi-la.

XVII – Evita a exploração do sensacionalismo; além de constituir um comércio da desgraça alheia, é um incentivo pernicioso aos espíritos fracos.

XVIII – realiza a independência financeira do teu jornal; a imoralidade da redação procede sempre da penúria da gerência.

XIX – Defende a liberdade de imprensa, mas não confundas liberdade com direito de calúnias, de injúria, de mentira e de venalidade.

XX – Escreve como se escrevesse com o teu próprio sangue, à luz de tua própria alma.

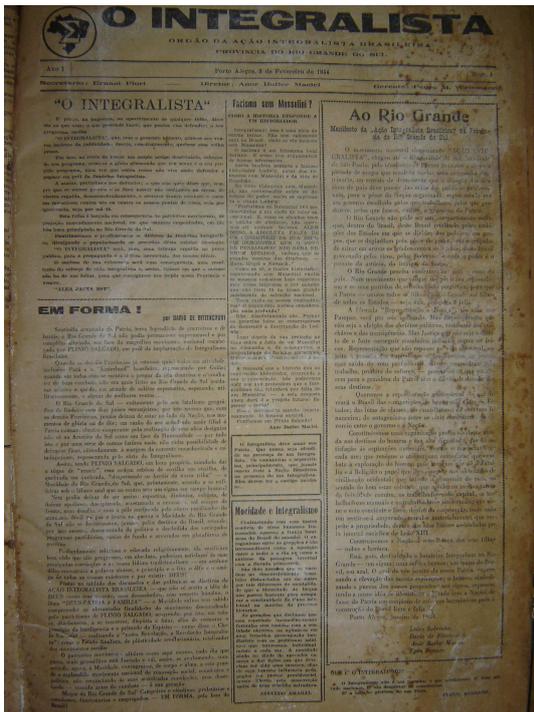
XXI – Quando sentares à tua mesa, para escrever aos teus concidadãos, lembra-te que toda a tua dignidade profissional decorre de estares em função de superiores interesses nacionais.

Anexo 3 - A Offensiva (Rio de Janeiro)



A Offensiva, n.89, 25/1/1936 apresentando suas instalações e anunciando que o jornal passará a ser diário.

Anexo 6 – O Integralista (Porto Alegre)



O Integralista, n.1, 3/2/1934

Anexo 7 - O Integralista (Porto Alegre)



O Integralista, n.63, 01/03/1935 (último exemplar)

Anexo 8 – A Lucta (Porto Alegre)



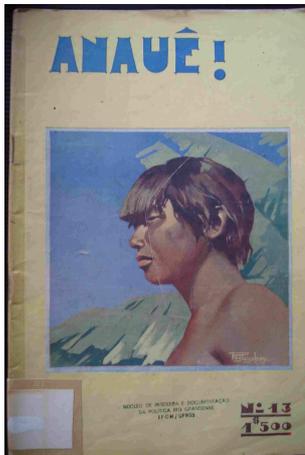
A Lucta, n.1, 7/9/1935 capa

Anexo 9 - A Lucta (Porto Alegre)



A Lucta, n.9, 25/11/1935 contracapa

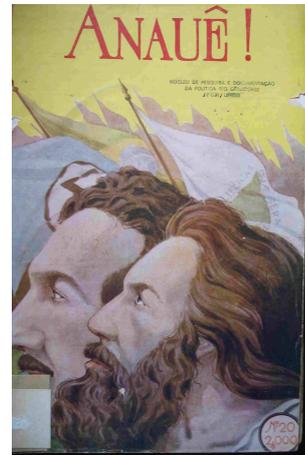
Anexo 12 – Revistas Integralistas



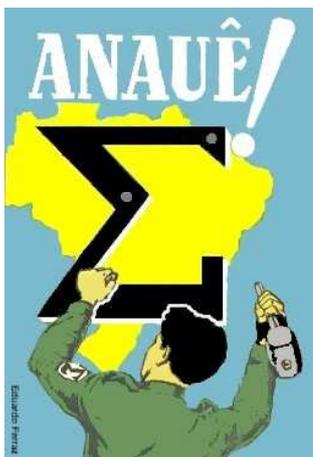
Anauê!, n.13, mar.1937



Anauê!, n.19, set./1937



Anauê!, n.20, out.1937



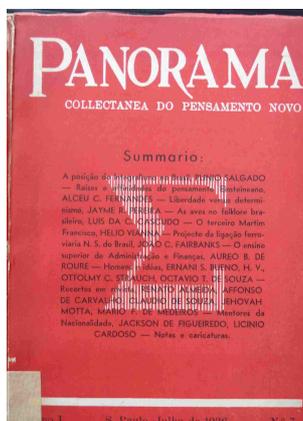
Anauê!, n.19, set./1937



Brasil Feminino, n.38, nov.1937



Sigma n.1, set.1937



Panorama, n.7 jul.1936